



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FCI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCINF

Flávia Helena de Oliveira

**A FORMAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA NAS UNIVERSIDADES
BRASILEIRAS: OBJETIVOS COMUNS E REALIDADES
PARTICULARES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como exigência parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

ORIENTADOR: Prof. Dr. RENATO TARCISO BARBOSA DE SOUSA

Brasília

2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FCI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCINF

Flávia Helena de Oliveira

**A FORMAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA NAS UNIVERSIDADES
BRASILEIRAS: OBJETIVOS COMUNS E REALIDADES
PARTICULARES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de
Ciência da Informação da Universidade de Brasília como exigência
parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Área de Concentração:
Transferência da Informação

Linha de Pesquisa:
Gestão da Informação e do Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Renato Tarciso Barbosa de Sousa

Brasília
2014

OLIVEIRA, Flávia Helena de

A formação em Arquivologia nas universidades brasileiras: objetivos comuns e realidades particulares./ Flávia Helena de Oliveira – Brasília: FCI/UnB, 2014.

223 fl. (Tese de Doutorado). Orientador: Prof. Dr. Renato Tarciso Barbosa de Sousa.

1. Arquivista. 2. Formação Acadêmica. 3. Universidade. I Título.

O48f



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "A formação em arquivologia nas universidades brasileiras: objetivos comuns e realidades particulares".

Autor (a): Flávia Helena de Oliveira

Área de concentração: Transferência da Informação

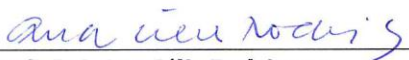
Linha de pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor** em Ciência da Informação.

Tese aprovada em: 23 de setembro de 2014.



Prof. Dr. Renato Tarciso Barbosa de Sousa
Presidente (UnB/PPGCINF)



Prof^ª. Dr^ª. Ana Célia Rodrigues
Membro Externo (UFF)



Prof^ª. Dr^ª. Maria Teresa Navarro de Britto Matos
Membro Externo (UFBA)



Prof^ª. Dr^ª. Eliane Braga de Oliveira
Membro Interno (UnB/PPGCINF)



Prof^ª. Dr^ª. Sofia Galvão Baptista
Membro Titular (UnB/PPGCINF)

Prof. Dr. Rogério Henrique de Araújo Junior
Suplente (UnB/PPGCINF)

A minha mãe querida, pelo amor infinito e incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram na realização desse projeto de pesquisa e de vida.

A Deus por seu amor infinito.

À minha família amada, pelo apoio e superação de todos os momentos de ausência.

À minha mãezinha querida por sempre me apoiar na busca dos meus sonhos.

À minha irmã, Magna, por ser mais que uma irmã.

Ao meu amor, Osmar, pela cumplicidade, compreensão e paciência.

Ao meu orientador, Renato, pelos ensinamentos, amizade e confiança.

Às amigas Angelica, Milla e Analú, pelo incentivo e generosidade.

Aos colegas de trabalho Esli, Rejane, Karla, Kelly, Patrícia Weingrill e Dalilah pela compreensão e tolerância.

Às minhas alunas queridas, por me ajudarem a viver a vida com mais leveza.

Ao Otacílio Marques e à Danielle Andrews pela gentileza.

Aos coordenadores dos cursos de Arquivologia que colaboraram com essa pesquisa.

À Martha, por estar sempre disposta a me socorrer na secretaria.

Às professoras Sofia Baptista, Eliane Braga, Maria Teresa Matos e Ana Célia Rodrigues pelas avaliações valorosas.

A todos que torceram pelo sucesso na realização desse sonho.

“This is a gift, it comes with a price. Who is the lamb and who is the knife?
Midas is king and he holds me so tight.
And turns me to gold in the sunlight.”

(Florence and the Machine).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como as universidades brasileiras possibilitam a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e competências que o profissional deve dominar para atuar como arquivista nas diversas regiões do Brasil e quais as relações do estabelecimento dos conteúdos curriculares com as características particulares dos cursos. Para realizá-lo buscou-se analisar: a) as trajetórias históricas dos cursos de Arquivologia do Brasil; b) os perfis discentes dos cursos; c) o panorama do mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros; d) os vínculos acadêmicos dos cursos; e) os projetos políticos pedagógicos que orientam cada curso de Arquivologia; f) os currículos adotados nos cursos de Arquivologia das universidades brasileiras; g) a formação/titulação dos docentes em Arquivologia. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza aplicada e, do ponto de vista de seus objetivos, exploratória e explicativa. Enquanto pesquisa exploratória visou conhecer os diversos modelos de formação adotados no Brasil. E enquanto pesquisa explicativa, buscou identificar os fatores que determinam ou contribuem para a opção por determinado modelo de formação. Os resultados evidenciam que o perfil profissional almejado pelas universidades também pode buscar adequação às características particulares dos cursos, tanto em termos de demanda profissional, quanto em termos de estrutura institucional. Entretanto, a base da formação em Arquivologia deve ser provida independentemente das circunstâncias locais e do mundo do trabalho. Concluímos, após a pesquisa, que os cursos de Arquivologia constituem o principal pilar das transformações que ocorrem nesse campo científico. O âmbito acadêmico é o espaço privilegiado para o desenvolvimento das reflexões que a Arquivologia carece. Desse modo, o papel dos docentes tem um significado vital na preparação de novos profissionais e na ampliação da construção do conhecimento arquivístico.

Palavras-Chave: Arquivologia. Formação acadêmica. Universidade.

ABSTRACT

This research has as main objective to investigate how Brazilian universities enable the acquisition of knowledge and development of skills and competencies that professionals must master to act as archivists in different regions of Brazil, and what are the relations between the establishment of a curriculum and the particular characteristics of Archivology courses. To accomplish it we sought to examine: a) the historical trajectories of Brazilian Archivology courses; b) Archivology students' profiles; c) an overview of the professional world for Brazilian archivists; d) the academic connections of courses; e) political-pedagogical projects that guide Brazilian Archivology courses; f) the curriculum adopted in Archivology courses in Brazilian universities; g) training / qualifications of Archivology professors in Brazil. To this end, we carried out a research of an applied nature that aims to be exploratory and explanatory. While as an exploratory research, it is targeted to learn about the different models of training adopted in Brazil. On the other side, as explanatory research, it aims to identify the factors that determine or contribute to the choice of particular model of course. The results show that the professional profile sought by universities may also pursue development of particular characteristics, both in terms of professional demand, and in terms of institutional structure. However, the basis of Archivology courses should exist regardless of local circumstances and the professional world. We concluded, after this research, that Archivology courses constitute the main pillar of transformations that occur in this scientific field. The academic environment is the prime location for the development of the reflections which represent a lack on the Archivology field. Thus, the role of teachers has a vital significance in the preparation of new professionals and expanding the construction of Archivology knowledge.

Key words: Archivology. Academic Training. University.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Associações Profissionais.....	23
Quadro 2	Diretrizes Curriculares para os cursos de Graduação em Arquivologia.....	31
Quadro 3	Objetivos Específicos x Procedimentos Metodológicos.....	37
Quadro 4	Relações entre as teorias curriculares e as discussões da tese.....	50
Quadro 5	Currículo Mínimo.....	54
Quadro 6	Cursos de Graduação em Arquivologia no Brasil – Criação e Regulamentação.....	57
Quadro 7	Funções, Atividades e Conhecimentos.....	73
Quadro 8	Características Discentes/Sexo.....	76
Quadro 9	Características Discentes/Renda familiar.....	77
Quadro 10	Características Discentes/Trabalho.....	78
Quadro 11	Características Discentes/Escola pública ou particular.....	78
Quadro 12	Características Discentes/Residência.....	79
Quadro 13	Características Discentes/Escolaridade dos pais.....	80
Quadro 14	Características Discentes/ Satisfação com o trabalho.....	80
Quadro 15	Características Discentes/Hábitos de Leitura.....	81
Quadro 16	Características Discentes/ Preferências de Lazer.....	82
Quadro 17	Características Discentes/Satisfação com o currículo.....	82
Quadro 18	Características Discentes/ Reconhecimento da profissão.....	83
Quadro 19	Vinculações Institucionais e Acadêmicas dos Cursos de Graduação em Arquivologia e Pós-Graduações.....	91
Quadro 20	Docentes de Arquivologia em Programas de Pós-Graduação de Universidades Brasileiras.....	93
Quadro 21	Conteúdos Específicos I.....	120
Quadro 22	Conteúdos Específicos II.....	124
Quadro 23	Conteúdos Complementares I.....	142
Quadro 24	Conteúdos Complementares II.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UNIRIO.....	156
Tabela 2	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFSM.....	159
Tabela 3	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFF.....	161
Tabela 4	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UnB.....	167
Tabela 5	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UEL.....	170
Tabela 6	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFBA.....	172
Tabela 7	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFES.....	177
Tabela 8	Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFRGS.....	180
Tabela 9	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UNESP/Marília.....	183
Tabela 10	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UEPB.....	187
Tabela 11	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFAM.....	190
Tabela 12	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFMG.....	192
Tabela 13	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da FURG.....	195
Tabela 14	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFPB.....	197

Tabela 15	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFSC.....	201
Tabela 16	Formações/Titulações e Grupos de Pesquisa dos Docentes do Curso de Arquivologia da UFPA.....	203

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Distribuição geográfica das universidades brasileiras que oferecem curso de graduação em Arquivologia.....	39
Figura 2	A relação entre os níveis de ensino e os níveis da escala social.....	41
Figura 3	As Teorias do Currículo.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Disciplinas relacionadas a Fundamentos Arquivísticos.....	106
Gráfico 2	Disciplinas relacionadas ao Profissional em Arquivologia.....	107
Gráfico 3	Disciplinas relacionadas à Arquivo Permanente.....	108
Gráfico 4	Disciplinas relacionadas à Preservação e Restauração	110
Gráfico 5	Disciplinas relacionadas à Gestão de Documentos.....	111
Gráfico 6	Disciplinas relacionadas à Gestão de Documentos Eletrônicos e/ou em Suportes Especiais.....	113
Gráfico 7	Disciplinas relacionadas à Usuários.....	114
Gráfico 8	Disciplinas relacionadas à Planejamento e Projeto.....	115
Gráfico 9	Disciplinas relacionadas à Política e Legislação.....	116
Gráfico 10	Disciplinas relacionadas à Pesquisa/Metodologia.....	117
Gráfico 11	Disciplinas relacionadas à Estágio.....	118
Gráfico 11	Disciplinas relacionadas à Trabalho de Conclusão de Curso.....	119
Gráfico 13	Disciplinas relacionadas à Ciência da Informação.....	130
Gráfico 14	Disciplinas relacionadas à Biblioteconomia.....	131
Gráfico 15	Disciplinas relacionadas à Administração.....	132
Gráfico 16	Disciplinas relacionadas à Ciência da Computação.....	133
Gráfico 17	Disciplinas relacionadas à História.....	134
Gráfico 18	Disciplinas relacionadas à Letras/Linguística.....	135
Gráfico 19	Disciplinas relacionadas ao Direito.....	136
Gráfico 20	Disciplinas relacionadas à Diplomática.....	137
Gráfico 21	Disciplinas relacionadas à Comunicação.....	138
Gráfico 22	Disciplinas relacionadas à Estatística.....	139
Gráfico 23	Disciplinas relacionadas à Paleografia.....	140
Gráfico 24	Disciplinas relacionadas à Filosofia.....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAB:	Associação dos Arquivistas Brasileiros
AABA:	Associação dos Arquivistas da Bahia
AAERJ:	Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro
AAGO:	Associação dos Arquivistas do Estado de Goiás
AAPR:	Associação dos Arquivistas do Paraná
AARGS:	Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul
AARQUES:	Associação dos Arquivistas do Espírito Santo
ABARQ:	Associação Brasileira de Arquivologia
AMARQ:	Associação Mineira de Arquivistas
ArqSP:	Associação dos Arquivistas de São Paulo
CAPES:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBA:	Congresso Brasileiro de Arquivologia
CEP:	Conselho de Ensino e Pesquisa
CEPE:	Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão
CES:	Câmara de Educação Superior
CFE:	Conselho Federal de Educação
CNA:	Congresso Nacional de Arquivologia
CNE:	Conselho Nacional de Educação
CNPq:	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONARQ:	Conselho Nacional de Arquivos
CONSUNI:	Conselho Universitário
CPA:	Curso Permanente de Arquivos
DASP:	Departamento Administrativo do Serviço Público
ECA:	Escola de Comunicação e Artes
ECI:	Escola de Ciência de Informação
ENANCIB:	Encontro Nacional de Pesquisa e Ciência da Informação
ENARA:	Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia
FEFIERJ:	Federação das Escolas Federais do Estado do Rio de Janeiro
FGV:	Fundação Getúlio Vargas

FURG:	Universidade Federal do Rio Grande
IBICT:	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IDORT:	Instituto de Desenvolvimento e Organização Racional do Trabalho
IEB:	Instituto de Estudos Brasileiros
ISAD:	Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística
LDB:	Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional
MEC:	Ministério da Educação e Cultura
PPGCI:	Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação
PUC - Rio:	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RAMP:	<i>Records and Archives Management Programme</i>
REPARQ:	Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia
REUNI:	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SINARQUIVO:	Sindicato Nacional dos Arquivistas e Técnicos de Arquivo
TCC:	Trabalho de Conclusão de Curso
UEL:	Universidade Estadual de Londrina
UEPB:	Universidade Estadual da Paraíba
UFAM:	Universidade Federal do Amazonas
UFBA:	Universidade Federal da Bahia
UFES:	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF:	Universidade Federal Fluminense
UFMG:	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA:	Universidade Federal do Pará
UFPB:	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS:	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC:	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM:	Universidade Federal de Santa Maria
UnB:	Universidade de Brasília
UNESCO:	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNESP/Marília:	Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita – Campus Marília
UNIRIO:	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP: Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	21
1.1 O Problema.....	26
1.2 Objetivo.....	29
1.3 Justificativa.....	30
1.4 Hipótese.....	34
1.5 Metodologia	34
1.5.1 Definição das variáveis.....	34
1.5.2 Conexões entre as variáveis	36
1.5.3 Procedimentos Metodológicos.....	37
1.5.4 Fases da Pesquisa.....	38
1.5.5 Universo da Pesquisa	38
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	40
2.1 As origens históricas do currículo.....	40
2.2 Currículo: campo e conceito	43
2.3 Teorias do Currículo	45
2.4 Planejamento Curricular.....	48
3. REVISÃO DE LITERATURA	51
3.1 A formação em Arquivologia no Brasil: trajetórias históricas e institucionais	51
3.1.1 A criação do curso da UNIRIO	58
3.1.2 A criação do curso da UFSM	58
3.1.3 A criação do curso da UFF	59
3.1.4 A criação do curso da UnB.....	59
3.1.5 A criação do curso da UEL	60
3.1.6 A criação do curso da UFBA.....	61
3.1.7 A criação do curso da UFES	62
3.1.8 A criação do curso da UFRGS	62
3.1.9 A criação do curso da UNESP/Marília	63
3.1.10 A criação do curso da UEPB.....	63

3.1.11 A criação do curso da UFAM.....	64
3.1.12 A criação do curso da UFMG	64
3.1.13 A criação do curso da FURG	65
3.1.14 A criação do curso da UFPB.....	66
3.1.15 A criação do curso da UFSC.....	66
3.1.16 A criação do curso da UFPA.....	67
3.2 As discussões curriculares no âmbito dos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil	67
3.3 Os perfis dos discentes em Arquivologia no Brasil	74
3.4 O mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros	85
4. VINCULAÇÕES INSTITUCIONAIS E ACADÊMICAS	90
5. OS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS	95
6. AS PROPOSTAS CURRICULARES	103
6.1 Conteúdos Curriculares Específicos.....	105
6.2 Conteúdos Curriculares Complementares.....	129
7. CORPO DOCENTE	154
7.1 Os docentes da UNIRIO.....	154
7.2 Os docentes da UFSM.....	158
7.3 Os docentes da UFF	160
7.4 Os docentes da UnB	165
7.5 Os docentes da UEL.....	169
7.6 Os docentes da UFBA.....	171
7.7 Os docentes da UFES.....	176
7.8 Os docentes da UFRGS.....	179
7.9 Os docentes da Unesp/Marília.....	182
7.10 Os docentes da UEPB	186
7.11 Os docentes da UFAM	189
7.12 Os docentes da UFMG	191
7.13 Os docentes da FURG.....	194

7.14 Os docentes da UFPB.....	196
7.15 Os docentes da UFSC.....	200
7.16 Os docentes da UFPA	202
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
9. RECOMENDAÇÕES.....	214
10. REFERÊNCIAS	215

1. INTRODUÇÃO

O arquivista gerencia um processo. É um processo informacional com características específicas, mas não isoladas de um contexto mais amplo no qual se dão tantas transformações na produção e uso de informação. Boa parte das eventuais dificuldades em se gerenciar esse processo tem a ver com a formação do arquivista. Não se trata de esperar que a formação ofereça essa visão de maneira consolidada, mas sim que reconheça a complexidade que hoje é o universo da informação arquivística e favoreça profissionais qualificados para esses novos cenários.
(Jardim, 2006, p. 14)

A Arquivologia é um campo em franca expansão. Essa expansão vem sendo impulsionada pelo surgimento de novas tecnologias, de novas demandas sociais por informação, pela ampliação do mundo do trabalho, pela evolução do papel do arquivista dentro das instituições, pelo crescimento de discussões epistemológicas e pragmáticas nos meios acadêmicos e profissionais, pela ampliação de suas fronteiras interdisciplinares, pela ocorrência de novos e diferentes perfis de alunos e de docentes e pela ampliação dos locais de formação e de produção de conhecimento e pesquisa (NEGREIROS; SILVA; ARREGUY, 2012).

Existem, atualmente, 16 cursos de graduação em Arquivologia no Brasil, distribuídos nos seguintes estados: Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e no Distrito Federal. Todos são oferecidos em universidades públicas federais ou estaduais. Seis desses cursos foram criados após a implantação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI¹), instituído pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

A pós-graduação ocorre no nível de especialização, mestrado e doutorado. Entretanto, as pesquisas são desenvolvidas, em sua maioria, no âmbito da pós-graduação de outras áreas, tais como: Ciência da Informação, História e Biblioteconomia. Além dos cursos *stricto sensu* e *lato sensu* oferecidos pelas universidades, alguns outros cursos de pós-graduação *lato sensu* foram ministrados no Brasil, em épocas diversas, porém não se caracterizaram como regulares. O Arquivo Nacional costuma ministrar cursos em parceria com as universidades do

¹ O REUNI foi instituído com o objetivo de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na graduação de nível superior, por meio das seguintes diretrizes: redução as taxas de evasão; ocupação de vagas ociosas; aumento da oferta de vagas; ampliação da mobilidade estudantil; revisão da estrutura acadêmica; diversificação das modalidades de graduação; ampliação das políticas de assistência estudantil; articulação entre educação básica, superior e pós-graduação. Fonte: Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 12 out. 2012.

Rio de Janeiro, tais como o curso “Organização, Planejamento e Direção de Arquivos” e o curso “Políticas de Informação e Organização do Conhecimento”. Também são oferecidos cursos, sazonalmente, por instituições privadas.

Apesar de estar com suas atividades suspensas desde 2008, é necessário referenciar que um curso de grande relevância na área foi o “Curso de Especialização em Organização de Arquivos” oferecido pela Universidade de São Paulo (USP), entre 1986 e 2008². A importância desse curso deve-se, não somente, pelo fato de sua implantação anteceder à existência de linhas de pesquisa que contemplassem temas arquivísticos nas pós-graduações das universidades, como também, por ter oferecido além do aprofundamento teórico aos arquivistas, a oportunidade de graduados em outras áreas se inserirem no campo arquivístico. O curso ocorreu no âmbito do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Com curta duração (cerca de três meses) e um ritmo intenso de aulas tinha como objetivo: capacitar pessoal de nível superior para atuar em organização de arquivos públicos e privados, partindo do estudo da produção e avaliação de documentos como patamar indispensável ao conhecimento e aplicação das etapas posteriores de aprendizado: processos técnicos, disseminação da informação e política de arquivos.³

Entretanto, em abril de 2012, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) abriu as inscrições para o processo seletivo do primeiro Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos⁴. Foram oferecidas 20 vagas, direcionadas para as linhas de pesquisa: “Arquivos, Arquivologia e Sociedade” e “Gestão de Arquivos na Arquivologia Contemporânea”. Trata-se do primeiro programa de pós-graduação proposto, no Brasil, especificamente na área de Arquivologia.

O reflexo do crescimento da formação acadêmica pode ser observado considerando o quantitativo de associações profissionais nacionais e estaduais existentes, destacadas no quadro 1.

² Informação fornecida, por *e-mail*, em janeiro de 2013, pela Professora Heloísa Liberalli Bellotto: criadora, coordenadora e professora do curso durante muitos anos.

³ Informação disponível em: http://www.usp.br/cpc/cpcinfo/032005/cpcinfo_cursos.html. Acesso em: 14 jan. 2013.

⁴ Informações disponíveis em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/ppgda>. Acesso em: 15 jul. 2014.

Quadro 1: Associações Profissionais

Associações Profissionais	Sigla	Ano de Criação
Associação dos Arquivistas Brasileiros	AAB	1971
Associação Brasileira de Arquivologia	ABARQ	1998
Associação dos Arquivistas de São Paulo	ArqSP	1998
Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul	AARGS	1999
Associação dos Arquivistas da Bahia	AABA	2002
Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro	AAERJ	2004
Associação dos Arquivistas do Espírito Santo	AARQES	2005
Associação dos Arquivistas do Paraná	AAPR	2006
Associação dos Arquivistas do Estado de Goiás	AAGO	2007
Associação Mineira de Arquivistas	AMARQ	2013

Fonte: Elaboração própria, com base em Souza, 2010, p. 154-161 e atualizada de acordo com divulgação veiculada pelo Sindicato Nacional dos Arquivistas e Técnicos de Arquivo (SINARQUIVO). Disponível em: <http://sinarquivo.ning.com/profiles/blogs/fundada-a-associa-o-mineira-de-arquivistas-amarq>
Acesso em: 14 jan. 2013.

O aumento do número de associações profissionais é uma consequência natural da ampliação dos cursos de graduação em Arquivologia. A maior parte delas foi criada após a implantação de um curso de Arquivologia no local. A existência dos cursos aumenta a possibilidade de associativismo profissional, fortalecendo a área como um todo. (SOUZA, 2011).

O principal objetivo dessas associações é reunir os profissionais da área e buscar defender os direitos classistas. Além disso, as associações realizam outras atividades, tais como, organização de eventos, cursos e promoção de venda de livros e periódicos.

As associações profissionais brasileiras integram o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), órgão responsável por definir a política nacional de arquivos públicos e privados e por exercer orientação normativa sobre as práticas de gestão de documentos. Até 1994, somente a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) representava a categoria profissional. Todavia, em 2001, com a inclusão das associações como membro do conselho do CONARQ, as demais associações ingressaram na composição do conselho para uma participação rotativa (SOUZA, 2010).

A área de Arquivologia no Brasil também conta com importantes e regulares fóruns de discussão. Os principais eventos nacionais são:

- O Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA), organizado pela AAB, desde 1972. O evento costuma ocorrer a cada dois anos e em 2012 alcançou a 17ª edição.
- O Congresso Nacional de Arquivologia (CNA), organizado pela Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia (ENARA), também tem a frequência bienal e encontra-se na 5ª edição.

Além dos congressos, somam-se outros eventos, como seminários, simpósios e outros encontros organizados por universidades, associações arquivísticas, instituições de pesquisa e instituições públicas.

Outro evento relevante é o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), que exerce um papel importante como espaço de interlocução entre a Arquivologia e a Ciência da Informação. Apesar das discussões sobre a interação ou distanciamento epistemológico entre os dois campos, atualmente, na classificação das áreas do conhecimento, atribuída pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Ciência da Informação integra, com outras áreas, a grande área das Ciências Sociais Aplicadas e tem como subáreas a Teoria da Informação, a Biblioteconomia e a Arquivologia.⁵

Outra característica que evidencia a importância do ENANCIB é o seu perfil estritamente acadêmico, uma vez que,

embora os congressos nacionais de Arquivologia tenham uma grande representação das pesquisas desenvolvidas na Academia, eles ainda são um misto de congresso acadêmico e profissional, com um peso muito grande das associações e dos profissionais que atuam na área. (MARQUES, 2009, p. 7).

No X ENANCIB, em 2009, Marques apresentou um levantamento realizado entre as comunicações orais presentes nos anais do I ao IX ENANCIB, em que foram identificados 35 trabalhos com temáticas relacionadas aos arquivos. Essas pesquisas foram apresentadas de forma

⁵ Informações disponíveis em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.

crecente ao longo das nove edições do ENANCIB. O mapeamento demonstrou como a Arquivologia vem conquistando espaço no evento.

Quanto às publicações relacionadas à Arquivologia, são publicados os seguintes periódicos estritamente técnicos na área: a) Arquivo e Administração, publicado pela AAB, sediada no Rio de Janeiro; b) Cenário Arquivístico, elaborado pela ABARQ, sediada em Brasília; c) Arquivística⁶.net, periódico eletrônico sem vínculo institucional, organizado por dois arquivistas do Rio de Janeiro; d) Informação Arquivística, publicado pela AAERJ.

Podemos acrescentar a produção bibliográfica, outros tipos de obras sobre a temática arquivística que foram recentemente identificados em pesquisa desenvolvida por Santos (2011). O levantamento incluiu traduções, periódicos arquivísticos, artigos em periódicos de áreas correlatas, instrumentos de descrição e narração de ações institucionais, textos originais que não foram publicados e anais de eventos. Nas 235 obras identificadas, foi possível verificar uma concentração da produção bibliográfica na região sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e no Distrito Federal (Brasília). Quanto à origem dessas publicações, foi observado que 45,54% delas foram publicadas por instituições arquivísticas; 20,42%, por editoras comerciais; 13,62%, por universidades e instituições de ensino; 12,34%, por instituições públicas em geral e, 8,08%, por associações profissionais. O autor explica que a ampla vantagem numérica nas publicações das instituições arquivísticas justifica-se pela necessidade de publicação de instrumentos de descrição de acervos e de ações institucionais.

Dentre as publicações oriundas de instituições arquivísticas, destacam-se as realizadas pela revista *Acervo*, publicada pelo Arquivo Nacional desde 1986. Apesar de não ter sido criada com objetivos acadêmicos ou de difusão da Arquivologia como disciplina, a revista *Acervo* publicou textos com importantes reflexões arquivísticas, representando, em sua primeira fase (1986-1989), o principal periódico da área no Brasil. Sua publicação foi suspensa em 1990 e retomada em 1993 em um novo formato, em que cada número passou a ser dedicado a um tema específico. A partir de 1996, a maior instituição arquivística brasileira abandonou a perspectiva

⁶ No Brasil, os termos **Arquivologia** e **Arquivística** são utilizados como sinônimos para referir-se a “disciplina que tem por objeto o conhecimento da natureza dos arquivos e das teorias, métodos e técnicas a serem observados na sua constituição, organização, desenvolvimento e utilização” (CAMARGO; BELLOTTO, 1996). Neste trabalho optamos pelo uso do termo **Arquivologia** por ser a denominação utilizada pelo CNPq e pelos cursos universitários que compõem o universo aqui observado. Contudo, eventualmente, o termo **Arquivística** surgirá em citações diretas, nomes de publicações ou referências bibliográficas.

arquivística que tinha inicialmente e passou a publicar artigos exclusivamente historiográficos (FONSECA, 2004; MARQUES, 2011).

Quanto à procedência das publicações, Santos (2011) identificou que as universidades são responsáveis por mais de 60% dos artigos publicados nos periódicos técnicos. O que “pode ser um indicativo de que as pesquisas da área estão perdendo seu viés pragmático e partindo para análises mais profundas do saber arquivístico” (SANTOS, 2011, p. 15).

O panorama atual demanda mudanças nos modelos de formação existentes. Há tempos essa necessidade vem sendo discutida no âmbito dos cursos de Arquivologia. Contudo, recentemente esse debate intensificou-se com a criação de eventos e grupos especificamente voltados para a temática ensino e pesquisa em Arquivologia, tais como, a Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ) e o Fórum Nacional de Ensino e Pesquisa em Arquivologia.

Deste modo, esse trabalho faz parte dos esforços para adequação da Arquivologia às novas necessidades sociais e, de forma mais ampla, à reestruturação do ensino universitário brasileiro.

1.1 O Problema

Desde meados dos anos 1990, iniciou-se um processo de reconfiguração da educação superior no Brasil. Esse processo foi impulsionado pela mudança na forma de funcionamento do capitalismo⁷. Nesse novo *modus operandi*, a qualificação dos recursos humanos e a qualidade da produção de conhecimentos passaram a ser de fundamental interesse para o mundo do trabalho.

Enquanto diversos setores discutem sobre como manter sua empregabilidade, as áreas relacionadas à gestão de conhecimento encontram-se em expansão, uma vez que, a nova organização do capitalismo vem sendo estruturada, particularmente:

⁷ Para compreender a reforma da educação superior no Brasil, e as conseqüentes mudanças ocorridas nas universidades públicas, é preciso considerar que esse processo é parte de uma conjuntura e de processo internacional mais amplo de reestruturação do Estado e da Educação, em que um momento de ajuste do capitalismo criou um contexto de novas exigências, demandas e desafios à educação, e em especial à educação superior. (DOURADO; OLIVEIRA, 1999).

através do acesso e controle da informação, mercadoria valiosa, especialmente na propagação do consumo e desenvolvimento de atividades no sistema financeiro global; do acesso e controle do conhecimento científico e técnico, de importância vital na luta competitiva. O conhecimento tornou-se também mercadoria-chave no estabelecimento de vantagem competitiva e, por isso, vem sofrendo processos mais acentuados de subordinação ao capital. (CATANI; OLIVEIRA; DOURADO, 2001, p. 70).

Contudo, a valorização do acesso à informação gerou a necessidade de repensar os perfis profissionais e modelos de formação existentes. As políticas educacionais tiveram que redirecionar os papéis das escolas, das universidades e de outros programas de formação. No centro do processo de reconfiguração da educação no Brasil encontra-se a discussão curricular.

O objetivo geral que vem orientando a reforma educacional é de assegurar, ao ensino superior, maior flexibilidade na estrutura dos cursos de graduação. Os currículos mínimos, excessivamente rígidos, foram substituídos pelas Diretrizes Curriculares⁸ no intuito de:

- eliminar o grande número de disciplinas obrigatórias;
- evitar prolongamento desnecessário na duração dos cursos;
- possibilitar maior liberdade de composição de carga horária;
- incentivar uma sólida formação geral;
- estimular práticas de estudos independentes;
- encorajar o reconhecimento de conhecimentos, habilidades e competências fora do ambiente escolar que sejam relevantes para a área de formação de interesse;
- fortalecer a articulação entre teoria e prática, valorizando a pesquisa, os estágios e as atividades de extensão;
- incluir orientações para a condução de avaliações periódicas.

Acredita-se que a flexibilização na organização curricular dos cursos possa ajudar no combate aos elevados índices de evasão escolar nas universidades, por tornar mais viável a frequência nos cursos pelos alunos que já trabalham e/ou precisam ingressar no mercado de trabalho. Contudo, existe o receio de que essa flexibilização voltada para atender às novas

⁸ As orientações gerais a serem observadas na formulação das diretrizes curriculares para os cursos de graduação foram estabelecidas pelo Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior - CNE/CES 776/97.

demandas do mundo do trabalho e mudanças nos modelos de formação reduza o papel da universidade a mero campo de formação profissional, afastando-a de seu papel principal, de sua verdadeira razão de ser: a formação de cidadãos (CATANI; OLIVEIRA; DOURADO, 2001; OLIVEIRA, 2010).

Todavia, a despeito de inicialmente a resistência às reformas ter sido significativa dentro da academia, as mudanças vêm sendo implementadas nas universidades. A universidade não pôde refugiar-se em seu próprio mundo e ignorar as demandas por inovação.

Não defendemos que a universidade esteja se submetendo às exigências do mercado de trabalho, uma vez que ela, como instituição educadora, tem seus próprios objetivos e autonomia para encaminhá-los. Nem por isso, porém, ela poderá se fechar em si mesma e, dessa posição, definir o que seja melhor para a formação de um profissional hoje e para os próximos anos. Terá de abrir bem os olhos, ver muito claramente o que está se passando na sociedade contemporânea, analisar seus objetivos educacionais e, então, encaminhar propostas que façam sentido para os tempos atuais. (MASETTO, 1998, p. 24-25).

No âmbito dos cursos de graduação em Arquivologia existem diversas propostas curriculares, decorrentes das diferenças entre: as vinculações acadêmicas e institucionais dos cursos, as formações/titulações dos docentes, os perfis dos alunos e as variadas demandas do mundo do trabalho. Desse modo, cada curso discute sobre estruturas curriculares que contemplem sua própria realidade.

No entanto, se considerarmos a necessidade de garantir a mobilidade acadêmica entre os cursos e que um profissional graduado em determinada universidade não vai, necessariamente, atuar na cidade ou região em que se formou, o panorama exposto suscita alguns questionamentos relevantes, dentre os quais, se destaca:

- ✓ Qual é a formação mínima que representaria os conhecimentos, as habilidades e as competências que o profissional deve dominar para atuar como arquivista nas diversas regiões do Brasil?

Preliminarmente, para responder a essa pergunta é necessário identificar outros fatores determinantes, sendo eles:

- ✓ Quais são os modelos de formação em Arquivologia existentes no Brasil?

- ✓ Quais são os fatores que determinam as diferenças e as semelhanças entre os currículos adotados?
- ✓ Quais são os conteúdos que se apresentam imprescindíveis para a formação do arquivista brasileiro?

É possível identificar semelhanças entre os modelos de formação adotados pelas universidades brasileiras. Alguns cursos dialogam mais com a História e privilegiam em sua estrutura curricular os arquivos permanentes, outros estão mais próximos da Administração e têm os currículos voltados para os arquivos correntes e na compreensão da gestão documental no âmbito administrativo. Existem cursos que demonstram preocupação em incentivar a pesquisa e a formação de alunos com perfil acadêmico, enquanto outros sequer contemplam em sua grade curricular disciplinas voltadas para a pesquisa ou metodologia científica.

Por meio dessa pesquisa, buscou-se compreender, dentre a diversidade de currículos adotados, qual a pertinência dos conteúdos estabelecidos em cada universidade na viabilização da aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para a atuação profissional em âmbito nacional, assim como investigar a influência que as características particulares dos cursos exercem sobre a opção por determinada estrutura curricular.

1.2 Objetivo

OBJETIVO GERAL:

Investigar como os cursos de graduação em Arquivologia das universidades brasileiras possibilitam a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e competências que o profissional deve dominar para atuar como arquivista nas diversas regiões do Brasil e qual a relação do estabelecimento dos conteúdos curriculares com as características particulares dos cursos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Analisar:

- a) As trajetórias históricas dos cursos de Arquivologia do Brasil;
- b) Os perfis discentes dos cursos;
- c) O panorama do mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros;
- d) Os vínculos acadêmicos dos cursos;
- e) Os Projetos Políticos Pedagógicos que orientam cada curso de Arquivologia;
- f) Os currículos adotados nos cursos de Arquivologia das universidades brasileiras;
- g) A formação/titulação dos docentes em Arquivologia.

1.3 Justificativa

Os primeiros cursos de graduação em Arquivologia brasileiros foram criados nos anos 1960-1970 sob a vigência do currículo mínimo. O currículo mínimo refletia a visão que se tinha da Arquivologia naquele momento: campo auxiliar da História e com um curso voltado para a qualificação de pessoal para trabalhar em instituições arquivísticas e/ou na Administração Pública.

O currículo mínimo foi regulamentado pela resolução nº 28 do Conselho Federal de Educação (CFE), de 13 de maio de 1974 e fixava as seguintes matérias para graduação em Arquivologia no Brasil: Introdução ao Estudo do Direito; Introdução ao Estudo da História; Noções de Contabilidade; Noções de Estatística; Documentação; Introdução à Administração; História Administrativa, Econômica e Social do Brasil; Paleografia e Diplomática; Introdução à Comunicação; Notariado; Língua Estrangeira Moderna e Arquivos I a IV, que em geral compreendia: Introdução à Arquivologia, Arquivo Corrente, Arquivo Intermediário e Arquivo Permanente (OLIVEIRA, 2010).

O currículo mínimo impunha uma estrutura rígida à organização curricular, focada no ensino das técnicas arquivísticas e que não favorecia abordagens voltadas para reflexões epistemológicas ou para a pesquisa em arquivística.

Somente a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB), por meio da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, os cursos passaram a ter liberdade para estabelecer os próprios currículos. A mudança proposta pela LDB está pautada nas seguintes recomendações:

flexibilização na organização curricular, dinamicidade do currículo, adaptações às demandas do mercado de trabalho, integração entre graduação e pós-graduação, autonomia acadêmica, ênfase na formação geral, avaliação institucional. A nova concepção de postura pedagógica privilegia, não só os conteúdos universais, mas também o desenvolvimento de competências e habilidades, na busca do aperfeiçoamento à formação cultural, técnica e científica do cidadão com um cunho generalista, humanista, crítico e reflexivo. (MARIZ, 2012, p.196).

A partir da LDB, foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para todos os níveis de ensino. As diretrizes foram instituídas por meio de pareceres e resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE), com caráter prescritivo e normativo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia foram estabelecidas pelo parecer CNE/CES 492/2001. A normatização instituída encontra-se descrita no quadro 2:

Quadro 2: Diretrizes Curriculares para os cursos de Graduação em Arquivologia

DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA
<p><i>1. Perfil dos Formandos</i></p> <p>O arquivista ter o domínio dos conteúdos da Arquivologia e estar preparado para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, particularmente as que demandem intervenções em arquivos, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural.</p>
<p><i>2. Competências e Habilidades</i></p> <p>Dentre as competências e habilidades dos graduados em Arquivologia enumeram-se as de caráter geral e comum, típicas desse nível de formação, e aquelas de caráter específico.</p> <p>A) Gerais</p> <ul style="list-style-type: none"> • identificar as fronteiras que demarcam o respectivo campo de conhecimento; • gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; • formular e executar políticas institucionais; • elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; • desenvolver e utilizar novas tecnologias; • traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; • desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;

- responder a demandas de informação produzidas pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo.

B) Específicas

- compreender o estatuto probatório dos documentos de arquivo;
- identificar o contexto de produção de documentos no âmbito de instituições públicas e privadas;
- planejar e elaborar instrumentos de gestão de documentos de arquivo que permitam sua organização, avaliação e utilização;
- realizar operações de arranjo, descrição e difusão.

3. Conteúdos Curriculares

Os conteúdos do curso distribuem-se em atividades acadêmicas de formação geral, destinadas a oferecer referências cardeais externas aos campos de conhecimento próprios da Arquivologia, e em atividades acadêmicas de formação específica.

a. Conteúdos de Formação Geral

De caráter propedêutico ou não, os conteúdos de formação geral envolvem elementos teóricos e práticos, que forneçam fundamentos para os conteúdos específicos do curso.

b. Conteúdos de Formação Específica

Os conteúdos específicos ou profissionalizantes, sem prejuízo de ênfases ou aprofundamentos, constituem o núcleo básico no qual se inscreve a formação de arquivistas.

O desenvolvimento de determinados conteúdos como o relacionados com Metodologia da Pesquisa ou com as Tecnologias em Informação, entre outras – poderá ser objeto de itens curriculares.

As IES podem adotar modalidades de parceria com outros cursos para:

- ministrar matérias comuns;
- promover ênfases específicas em determinados aspectos do campo profissional;
- ampliar o núcleo de formação básica;
- complementar conhecimentos auferidos em outras áreas.

4. Estágios e Atividades Complementares

Mecanismos de interação do aluno com o mundo do trabalho em sua área, os estágios são desenvolvidos no interior dos programas dos cursos, com intensidade variável segundo a natureza das atividades acadêmicas desenvolvidas, sob a responsabilidade imediata de cada docente.

Além disso, o colegiado do curso estabelecerá o desenvolvimento de atividades complementares de monitoria, pesquisa, participação em seminários e congressos, visitas programadas e outras atividades acadêmicas e culturais, orientadas por docentes.

5. Estrutura do Curso

Os cursos devem incluir no seu projeto pedagógico os critérios para o estabelecimento das atividades acadêmicas obrigatórias e optativas e a organização modular, por créditos ou seriada.

6. Conexão com a Avaliação Institucional

Os cursos deverão criar seus próprios critérios para a avaliação periódica em consonância com os critérios definidos pela IES à qual pertencem, esclarecendo as ênfases atribuídas aos aspectos técnico-científicos; didático-pedagógicos e atitudinais.

Até a institucionalização da LDB, em 1996, havia somente quatro cursos de Arquivologia em funcionamento: na UNIRIO, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Universidade de Brasília (UnB). Os outros 12 cursos foram implantados dentro da nova legislação. Com isso, ainda que as novas disposições não tenham representado um distanciamento completo do currículo antigo, teve início um processo de discussão sobre novas propostas curriculares e de reavaliação dos currículos anteriormente estabelecidos.

Existe um núcleo de conhecimentos, habilidades e competências a serem adquiridos e desenvolvidos ao longo da formação acadêmica, assim como na formação continuada, que são imprescindíveis para o desempenho profissional do arquivista. Deste modo, nos processos de reorganização curricular, antes de buscar o diferencial, é importante definir o fundamental. O que compõe a “essência” do arquivista. Será que os cursos de Arquivologia brasileiros têm produzido essa essência? Quanto dos cursos de Arquivologia é diferencial e quanto é fundamental?

A própria LDB considera que a formação na graduação é uma etapa inicial da formação continuada e argumenta que “as novas diretrizes curriculares devem contemplar elementos de fundamentação essencial em cada área do conhecimento, campo do saber ou profissão, visando promover no estudante a capacidade de desenvolvimento intelectual e profissional autônomo e permanente” (Parecer CNE/CES - 776/97).

A contemplação de elementos de fundamentação essencial não objetiva uma formação superficial, mas o investimento em uma sólida formação geral que possibilite ao aluno maior desenvolvimento futuro.

Esta tese, além de ser um reflexo desse processo de adequação aos novos parâmetros educacionais estabelecidos com a reforma na Educação, é fruto de questões formuladas a partir da ampliação da graduação em Arquivologia, impulsionada pelo REUNI, e do crescimento da pós-graduação com o aumento no número de dissertações e teses com temáticas arquivísticas.

Afinal, a expansão do campo demanda aumento e aprofundamento nas reflexões sobre o ensino na área. As universidades federais e estaduais, enquanto principal *locus* de produção e difusão de conhecimento arquivístico, devem estar atentas ao desenvolvimento da disciplina, por meio da constante discussão sobre os rumos da área no ensino superior.

1.4 Hipótese

Considerando os diferentes contextos em que se encontram inseridos os 16 cursos de graduação em Arquivologia brasileiros, esta pesquisa tem como hipótese que as características particulares de um curso, ou seja, as vinculações acadêmicas e institucionais dos cursos, as formações/titulações dos docentes, os perfis dos alunos e as variadas demandas do mundo do trabalho, exercem influência determinante sobre a opção por uma estrutura curricular e que a formação/titulação dos docentes que atuam nos cursos se destaca dentro dessa relação de sugestionamento.

1.5 Metodologia

Esta pesquisa é de natureza aplicada e classifica-se, do ponto de vista de seus objetivos, como exploratória e explicativa. Enquanto pesquisa exploratória visa a conhecer os diversos tipos de formação adotados no Brasil. E enquanto pesquisa explicativa, busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a opção por determinado tipo de formação.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. A parte bibliográfica consistirá no levantamento preliminar do material já publicado a respeito, incluindo especialmente, as informações disponibilizadas pelas universidades em seus sítios eletrônicos. A pesquisa documental será o levantamento de material não-publicado pelos cursos, obtido por meio de questionários, pesquisa *in loco* e contatos diretos.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa mista quanto à análise dos seus resultados, uma vez que se pretende trabalhá-los tanto numa abordagem quantitativa, quanto numa qualitativa.

1.5.1 Definição das variáveis

As variáveis foram selecionadas de forma a oferecer um caminho a ser percorrido para o desenvolvimento da pesquisa, assim como para a sua validação. A pesquisa está apoiada

em quatro variáveis de análise que são: a) objetivo geral da área⁹; b) objetivo geral dos cursos de Arquivologia; c) perfil profissional local e; d) conteúdo curricular.

a) Objetivo geral da área (OA)

O objetivo geral da área é estabelecido em consonância com os princípios epistemológicos e pragmáticos do campo de estudo. Representa o conhecimento, as habilidades e as competências que o profissional deve dominar para atuar como arquivista em qualquer localidade.

b) Objetivo geral dos cursos de Arquivologia (OC)

O objetivo geral dos cursos de Arquivologia é estabelecido pelos Projetos Políticos Pedagógicos, que explicitam as capacidades que o aluno deve adquirir ao longo do curso. Contemplam os objetivos gerais da área e determinadas particularidades locais de cada curso.

c) Perfil profissional local (PPL)

As características particulares dos cursos de Arquivologia possibilitam a existência de perfis profissionais diversificados.

O perfil profissional que cada curso se propõe a formar pode variar de um curso para outro, devido a diversas influências: vinculações institucionais e acadêmicas, formação/titulação dos docentes, localização geográfica, mundo do trabalho e perfil dos discentes que ingressam no curso.

d) Conteúdo curricular (CC)

O conteúdo curricular representa a execução (distribuída na forma de disciplinas, ementas, planos de ensino e cargas horárias) do Projeto Político Pedagógico apresentado no Objetivo geral dos cursos de Arquivologia.

O conteúdo curricular selecionado por cada curso é diretamente influenciado pelas demais variáveis.

⁹ Optamos por considerar o Objetivo Geral da Área como uma variável, ainda que também possa ser compreendido como uma constante que se relaciona com as demais variáveis, por ser tratar dos princípios teóricos e práticos da área.

1.5.2 Conexões entre as variáveis

Uma vez estabelecidas as variáveis é possível realizar as seguintes conexões, que corroboram a hipótese estabelecida para essa pesquisa:

- O Objetivo Geral do Curso (OC) busca agregar o Objetivo Geral da Área (OA) às particularidades locais de cada curso, ou seja:

$$OC = OA + PPL$$

(objetivo geral do curso = objetivo geral da área + perfil profissional local)

- O Conteúdo Curricular (CC) é estabelecido visando alcançar o Objetivo Geral do Curso (OC), ou seja, podem ser considerados reflexos um do outro. Desse modo, também podemos considerar que:

$$CC = OA + PPL$$

(conteúdo curricular = objetivo geral da área + Perfil Profissional local)

Sendo assim, deduz-se que por meio da investigação dos objetivos gerais dos cursos de Arquivologia e de seus conteúdos curriculares é possível compreender melhor os perfis profissionais locais e observar como estas características locais influenciam a estruturação e o desenvolvimento desses cursos. Além disso, é possível avaliar como vem sendo difundidos os objetivos gerais da área e se os cursos vêm contemplando em suas matrizes curriculares os conteúdos comuns minimamente necessários para a formação profissional.

1.5.3 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa foram voltados para a identificação, nos 16 currículos adotados pelas universidades, das particularidades que compõem os perfis profissionais locais e das características curriculares gerais, assim como, para a análise das relações existentes entre elas.

Deste modo, considerando os objetivos da pesquisa, foi possível propor os seguintes procedimentos metodológicos:

Quadro 3: Objetivos Específicos x Procedimentos Metodológicos

Objetivos Específicos	Procedimentos Metodológicos
1- Analisar as trajetórias dos cursos de Arquivologia do Brasil.	Pesquisa bibliográfica.
2- Analisar os perfis discentes dos cursos de Arquivologia do Brasil.	Pesquisa bibliográfica.
3- Analisar o panorama do mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros.	Pesquisa bibliográfica.
4- Analisar os vínculos acadêmicos dos cursos.	Pesquisa bibliográfica e documental.
5- Analisar os Projetos Políticos Pedagógicos que orientam cada curso de Arquivologia.	Pesquisa documental, incluindo levantamento de material disponibilizado nos sítios eletrônicos das universidades.
6- Analisar os currículos adotados nos cursos de Arquivologia das universidades brasileiras.	Pesquisa documental em grades curriculares e ementários, incluindo levantamento de material disponibilizado nos sítios eletrônicos das universidades.
7- Analisar a formação/titulação dos docentes em Arquivologia.	Pesquisa documental, por meio de consulta a plataforma <i>lattes</i> do CNPq.

1.5.4 Fases da Pesquisa

As fases da pesquisa encontram-se representadas pelas seguintes etapas:

- a) Identificação dos cursos de graduação em Arquivologia existentes no Brasil por meio de consulta ao sítio eletrônico do MEC¹⁰ e aos sítios eletrônicos das universidades brasileiras.
- b) Levantamento do perfil dos discentes dos cursos de Arquivologia por meio de pesquisa bibliográfica.
- c) Levantamento do panorama do mundo de trabalho dos arquivistas por meio de pesquisa bibliográfica.
- d) Mapeamento dos projetos políticos pedagógicos, das estruturas curriculares e das vinculações acadêmicas e institucionais dos cursos de Arquivologia, existentes no Brasil, por meio da análise documental das informações disponibilizadas pelas universidades. Foram utilizadas, como fontes sobre os currículos dos cursos, as grades curriculares e as ementas disciplinares.
- e) Levantamento da formação/titulação acadêmica e da atuação em pesquisas dos docentes dos cursos de Arquivologia por meio de consulta à plataforma *lattes* do CNPq.

1.5.5 Universo da Pesquisa

Os 16 cursos de graduação em Arquivologia oferecidos pelas universidades brasileiras, considerando os objetivos desta pesquisa.

Os cursos estão distribuídos nas cinco regiões do país da seguinte forma:

- Região Norte: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade do Pará (UFPA).

¹⁰ Consulta ao cadastro de Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 out. 2014.

- Região Nordeste: Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- Região Centro-Oeste: UnB.
- Região Sudeste: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); UNIRIO; UFF e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Marília).
- Região Sul: Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); UFSM; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

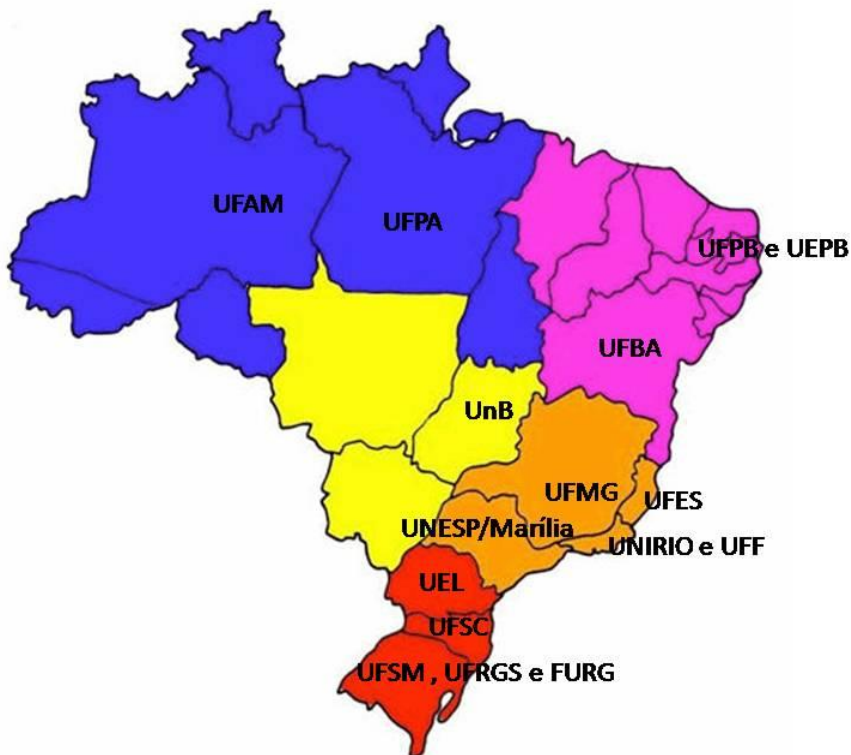


Figura 1: Distribuição geográfica das universidades brasileiras que oferecem curso de graduação em Arquivologia (Fonte: elaboração própria).

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

As teorias do currículo estão empenhadas em responder perguntas concernentes ao conhecimento a ser ensinado aos estudantes e ao tipo de ser humano desejável para um dado tipo de sociedade. O currículo corresponde, assim, tanto a uma questão de conhecimento quanto a uma questão de identidade.
(MOREIRA; TADEU, 2011, p. 7)

Esta parte da pesquisa procura oferecer subsídios para compreender os currículos dos cursos de graduação em Arquivologia, para além da distribuição de conteúdos e cargas horárias. É preciso visualizar o currículo de forma mais ampla, considerando a influência de questões sociais, políticas e históricas.

O estabelecimento de referenciais teóricos teve como objetivo precípuo trazer, do campo da Educação para o da Arquivologia, elementos que subsidiem as discussões sobre elaboração e planejamento curricular. Essa busca resultou nos seguintes desdobramentos: a) levantamento das origens históricas do currículo; b) conceituação do termo currículo; c) descrição do desenvolvimento das teorias curriculares mais relevantes; d) descrição dos princípios básicos que norteiam a organização e o desenvolvimento de um currículo.

2.1 As origens históricas do currículo

A palavra *curriculum* (pista de corrida), vem da palavra latina *scurrere*, que significa correr, e refere-se a um curso a ser seguido. A partir de sua origem, o currículo é entendido como o planejamento e a descrição do conteúdo apresentado para estudo e relaciona-se com o estabelecimento de sequências na escolarização. A primeira menção ao termo currículo ocorreu em 1633, nos registros da Universidade de Glasgow (Escócia). Ainda não se tratava de um campo de estudo, mas já se referia à ideia de organizar a experiência escolar de sujeitos agrupados (GOODSON, 2011).

Na família pré-industrial de artesãos, os pais eram responsáveis por ensinar aos filhos as habilidades ocupacionais mínimas, necessárias para o desenvolvimento das atividades artesanais. Com a industrialização, o ensino passou a ser papel do estado.

Com o triunfo do sistema industrial, a concomitante dispersão da família fez que esta cedesse os seus papéis à penetração subsequente da escolarização estatal, deixando que fossem substituídos pelo sistema de salas de aula, onde grupos maiores de crianças e adolescentes podiam ser adequadamente supervisionados e controlados. (GOODSON, 2011, p. 33).

Desde o princípio, a escolarização esteve relacionada com os níveis da escala social. Sendo assim, o estabelecimento do currículo também funcionava como mecanismo de diferenciação social. As classes superiores estudavam por mais tempo e tinham um currículo mais elaborado, enquanto as classes inferiores estudavam no máximo até os 14 anos e tinham currículos mais rudimentares. Em meados do século XIX, a escolarização secundária se apresentava da seguinte forma:

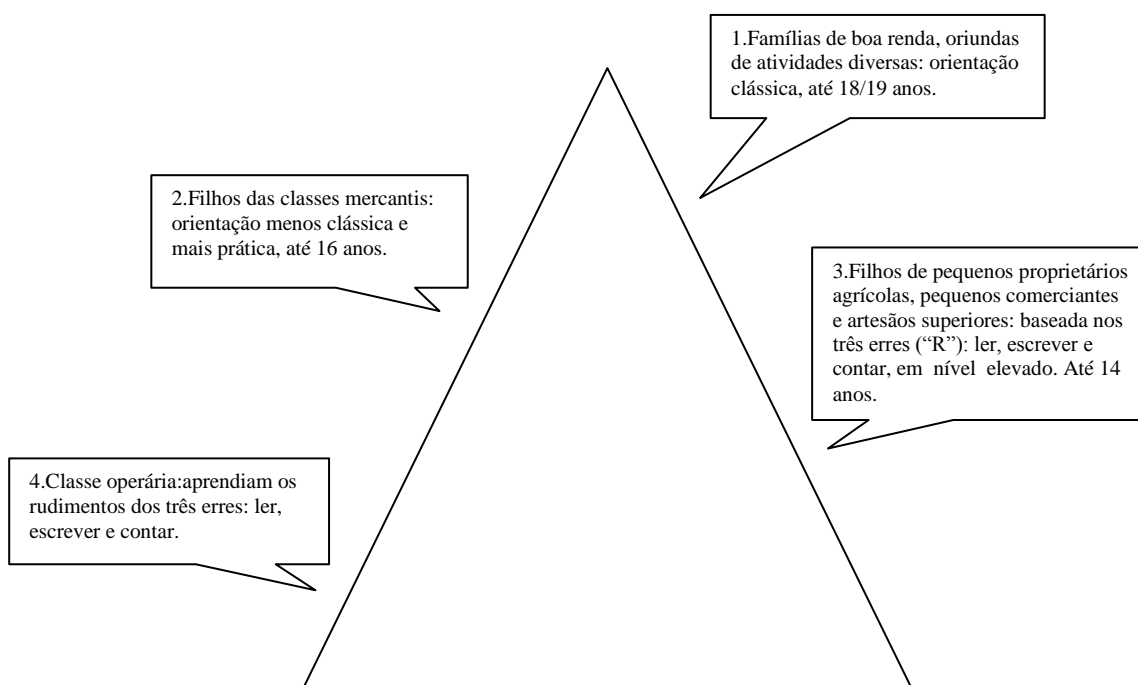


Figura 2: A relação entre os níveis de ensino e os níveis da escala social.
Fonte: elaboração própria, com base em Goodson (2011).

Desse modo, as universidades representavam o privilégio das classes superiores e destinavam-se a “mentes refinadas”, reservavam-se ao treinamento das cabeças, mais do que das mãos.

As classes inferiores aprendiam mecanicamente ‘fatos’ específicos e contextualizados, mas a capacidade de generalização através dos contextos não lhes era proporcionada ou estimulada. Então o conhecimento descontextualizado era para outros. Para as classes inferiores, ele se tornava uma forma estranha e inatingível de conhecimento. Com o tempo, também este conhecimento provocava neles passividade.

Em contrapartida, as classes superiores podiam incorporar suas percepções, intuições, informações e conhecimento em sistemas coerentes de pensamento e inferência. (GOODSON, 2011, p. 87).

A difusão do conhecimento era encarada como um perigo social, uma vez que o conhecimento ampliava a capacidade de pensar. Interessava, às classes superiores, manter o separatismo existente na educação secundária e o consequente acesso restrito ao ensino universitário. Afinal, “a educação é o processo por meio do qual os indivíduos assemelham-se e diferenciam-se. Por meio dela tornam-se iguais, mas tornam-se também diferentes uns dos outros” (SILVA, 2008, p. 23).

Com o início da industrialização norte-americana, cresce a necessidade de decidir o que deve ser ensinado na escola. Segundo Pullian “a expansão e o crescimento industrial da agricultura e da população colocavam, de uma forma cada vez mais acentuada, exigências nas escolas, exigindo não só a construção de novas escolas, como também uma nova concepção do sistema educativo” (PULLIAM, 1991, p. 83). O ensino passa a estar envolvido na resolução dos problemas sociais e, a partir de então, os conteúdos programados e as experiências vividas na escola precisam ter utilidade prática para a sociedade (LOPES; MACEDO, 2011).

Nesse contexto, em 1918, John Franklin Bobbitt, publicou uma obra clássica para educadores e pesquisadores sobre questões educativas e curriculares: *The Curriculum*. Enquanto discutia-se sobre qual era o objetivo da educação escolarizada: “ajustar as crianças e os jovens à sociedade tal como ela existe ou prepará-los para transformá-la”, ou ainda, “formar o trabalhador especializado ou proporcionar uma educação geral, acadêmica, à população?”, Bobbitt afirmava que assim como em uma indústria, o sistema educacional deveria ser capaz de especificar os resultados pretendidos e de estabelecer métodos para obtê-los de forma precisa. Os objetivos deveriam se basear nas habilidades necessárias para exercer as ocupações profissionais. A grande influência de Bobbit deve-se ao fato de sua proposta conferir à educação um caráter científico. Ainda que a construção de um campo de estudo não possa ser atribuída a uma única obra, muitos autores consideram que *The Curriculum* determinou o nascimento do currículo como campo de especialização (SILVA, 2011).

Inicialmente, dentro dessa perspectiva tradicional recém estabelecida, a questão do currículo se resume à organização do ensino. As teorias do currículo se interessavam em estabelecer “como ensinar?”, não havia preocupação com reflexões sobre “o que ensinar?”, pois “o que ensinar?” já estava estabelecido.

2.2 Currículo: campo e conceito

A compreensão da necessidade do estudo dos currículos requer conhecimento sobre o que é currículo. Embora pareça uma pergunta simples, os estudos curriculares têm definido currículo de diversas formas.

Todavia, a concepção de organização de experiências de aprendizagem predomina:

Indo dos guias curriculares propostos pelas redes de ensino àquilo que acontece em sala de aula, currículo tem significado, entre outros, a grade curricular com disciplinas/atividades e cargas horárias, o conjunto de ementas e programas das disciplinas/atividades, os planos de ensino dos professores, as experiências propostas e vividas pelos alunos. Há, certamente, um aspecto comum a tudo isso que tem sido chamado currículo: a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 19).

Já no período clássico grego havia uma preocupação em organizar os conteúdos em áreas distintas, como é possível identificar em *A República e as Leis* de Platão:

Assim procedeu Platão na *República e nas Leis*, ao idealizar o extenso e demorado plano de estudos em que deveria se basear a formação dos guardiães. Fornecendo uma base comum a todos os cidadãos de ambos os sexos até os 20 anos, sucedendo-se: a educação infantil, dos três aos cinco anos, composto de jogos, cantos e fábulas; seguida, entre os sete e os 10 anos, pela aprendizagem das letras – a leitura e a escrita – e pela introdução da aritmética e da geografia, cujo estudo se prolonga até os 16 anos, acrescido da poesia e da música. Por fim dança e ginástica, que, como educação do corpo, estão presentes desde o início, são complementares por exercícios militares e pelas artes marciais. A esse ciclo – com o qual se completa a formação geral ou básica da maioria – sucede, para os que se revelaram mais aptos, uma propedêutica matemática centrada na aritmética, na geometria do plano e do espaço, na astronomia e na harmonia. (PINHAÇOS DE BIANCHI apud GALLO, 2004, p. 39).

Hoje, pode parecer óbvio que o ensino precisa ser planejado por meio da seleção de atividades, experiências e conteúdos, mas nem sempre foi assim.

Na segunda metade do século XIX, por exemplo, aceitava-se com tranquilidade que as disciplinas tinham conteúdos/atividades que lhes eram próprios e que suas especificidades ditavam sua utilidade para o desenvolvimento de certas faculdades da mente. O ensino tradicional jesuítico operava com tais princípios, defendendo que certas disciplinas facilitavam o raciocínio lógico ou mesmo ampliavam a memória. Apenas na virada para os anos 1900, com o início da industrialização americana, e nos anos 1920, com o movimento da Escola Nova Brasil, a concepção de que era preciso decidir sobre o que ensinar ganha força e, para muitos autores, aí se iniciam os estudos curriculares. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 21).

Sobre o início dos estudos curriculares, Silva acrescenta que:

Provavelmente o currículo aparece pela primeira vez como um objeto específico de estudo e pesquisa nos Estados Unidos dos anos vinte. Em conexão com o processo de industrialização e movimentos migratórios, que intensificaram a massificação da escolarização, houve impulso, por parte de pessoas ligadas sobretudo à administração da educação, para racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem dos currículos. (SILVA, 2011, p. 12).

A industrialização impôs novas responsabilidades à escola: ela passa a voltar-se para a resolução dos problemas sociais gerados pelas recentes mudanças econômicas. Os conteúdos e experiências escolares precisam ser úteis. O currículo passa a ser a seleção e a organização do que vale a pena ensinar.

Começam, então, os problemas: como definir o que vale a pena? Como determinar quais são os conteúdos mais úteis?

Bobbitt, em 1918, defendeu que os objetivos da educação escolarizada eram ditados pela vida ocupacional adulta. Bastava identificar quais habilidades eram necessárias para exercer determinada profissão e, a partir daí, organizar um currículo que permitisse o aprendizado destas habilidades. Em 1949, Tyler, também defendeu que a elaboração do currículo é uma questão essencialmente técnica. No entanto, definiu como prioridade para a organização e desenvolvimento do currículo o estabelecimento dos objetivos educacionais que a escola procura atingir. Enquanto Bobbitt acreditava que bastava compreender sobre a vida econômica para elaborar o currículo, Tyler considerava essenciais os estudos de três fontes de objetivos da educação: os estudos sobre os alunos, os estudos sobre a vida contemporânea fora da educação (em consonância com Bobbitt) e as sugestões dos especialistas das disciplinas. Nos anos 1960, a tendência tecnicista se fortalece na educação estadunidense, com influência no Brasil, e a orientação sobre a importância de uma descrição clara, precisa e detalhada dos objetivos da

educação se revigora, defendendo que “a decisão sobre quais experiências devem ser propiciadas e sobre como organizá-las depende dessa especificação precisa dos objetivos” (SILVA, 2011, p. 26).

2.3 Teorias do Currículo

O modelo estabelecido por Bobbitt foi consolidado por Ralph Tyler, em 1949, com a publicação do livro *Princípios básicos de currículo e ensino*. Esse conceito dominou a literatura norte-americana até a década de 1980. No Brasil, “o campo foi marcado pela transferência instrumental de teorizações americanas. Essa transferência centrava-se na assimilação de modelos para elaboração curricular, em sua maioria de viés funcionalista¹¹”. No entanto, com o enfraquecimento da Guerra Fria e o início da redemocratização do Brasil, na década de 1980, a hegemonia do referencial funcionalista norte-americano nos estudos curriculares brasileiro cedeu espaço para vertentes marxistas (LOPES; MACEDO, 2010, p.13; SILVA, 2011).

Vivíamos, então, o processo de abertura política depois de 15 anos de ditadura militar, marcada, no campo da educação, pela valorização do tecnicismo e, no currículo, por abordagens derivadas da racionalidade tyleriana. A redemocratização trazia novos governos estaduais e reincorporava perspectivas marxistas aos discursos educacionais. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 29-30).

É o início da perspectiva crítica sobre o currículo. Enquanto na perspectiva tradicional não havia questionamentos sobre “o que ensinar?”, as discussões limitavam-se ao “como ensinar?”, nas teorias críticas passou-se a questionar o conhecimento corporificado no currículo: por que ensinar determinado conhecimento e não outro? Quais são os interesses que determinam quais são os conhecimentos necessários em um currículo? Influenciadas pelo Marxismo, as teorias críticas investigam as relações de poder que estão por trás da construção de um currículo. “Os estudos em currículo assumiram um enfoque nitidamente sociológico, em

¹¹ A teoria do Funcionalismo é uma corrente sociológica associada à obra do francês David Émile Durkheim. No funcionalismo, quando alguma mudança social promove um equilíbrio harmonioso, é considerado funcional, quando não, é considerada disfuncional. Pela ótica durkheimiana a educação tem como objetivo principal integrar o indivíduo à sociedade. Nessa interpretação, para que a sociedade funcione bem é preciso a existência da moral social (que são valores, ideias e condutas compartilhados por todos a fim de manter a ordem social). Para evitar conflitos de interesse individuais, a educação vai ter a função de integrar o indivíduo à sociedade, vai transmitir valores, normas e condutas estabelecidas na sociedade, adaptando-o à vida social.

contraposição à primazia do pensamento psicológico até então dominante. Os trabalhos buscavam, em sua maioria, a compreensão do currículo como espaço de relações de poder.” (LOPES; MACEDO, 2010, p.14).

A publicação *Ideologia e Currículo*, de Michael Apple, em 1979, marcou essa mudança de paradigma dentro do campo dos estudos curriculares:

Contrapondo-se às perspectivas tradicionais sobre currículo, Apple vê o currículo em termos estruturais e relacionais. O currículo está estreitamente relacionado às estruturas econômicas e sociais mais amplas. O currículo não é um corpo neutro, inocente e desinteressado de conhecimentos. [...] A seleção que constitui o currículo é resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes. (SILVA, 2011, p.46).

Dessa forma, as teorias críticas questionam o conhecimento corporificado no currículo. Elas buscam respostas para as principais perguntas:

- ✓ Por que determinado conhecimento faz parte do currículo e não outro?
- ✓ Quais os interesses e relações de poder determinam quais os conhecimentos devem fazer parte de um currículo e quais devem ser excluídos?

Até meados dos anos 1990, as discussões curriculares são de cunho eminentemente político. Torna-se homogênia a ideia de que o currículo somente pode ser compreendido quando contextualizado política, econômica e socialmente.

É também na década de 1990 que as teorias pós-críticas começam a surgir, ainda que de forma híbrida.

No fim da primeira metade da década, a tentativa de compreensão da sociedade pós-industrial como produtora de bens simbólicos, mais do que de bens materiais, começa a alterar as ênfases até então existentes. O pensamento curricular começa a incorporar enfoques pós-modernos e pós-estruturais, que convivem com discussões modernas. A teorização curricular passa a incorporar o pensamento de Foucault, Derrida, Deleuze, Guattari e Morin. Esses enfoques constituem uma forte influência na década de 1990, no entanto, não podem ser entendidos como direcionamento único do campo. Às teorizações de cunho globalizante, seja das vertentes funcionalistas, seja da teorização crítica marxista, vêm se contrapondo à multiplicidade característica da contemporaneidade. Tal multiplicidade não vem se configurando apenas como diferentes tendências e orientações teórico-metodológicas, mas com tendências e orientações que se inter-relacionam produzindo híbridos culturais. Dessa forma, o hibridismo do campo parece ser a grande marca do campo no Brasil na segunda metade da década de 1990. (LOPES; MACEDO, 2010, p.16).

As teorias pós-críticas também se preocupam com as relações de poder, mas de forma menos estruturalista. Acreditam que poder e conhecimento são mutuamente dependentes e enfatizam as conexões entre significação, identidade e poder. Passam a observar novas variáveis, tais como, gênero, raça, etnia, sexualidade e cultura (ou multicultural).

Para visualizar as teorias do currículo é possível utilizar a seguinte representação gráfica:



Figura 3: As teorias do currículo
Fonte: elaboração própria.

2.4 Planejamento Curricular

No final dos anos 1960, o mundo passa a questionar o próprio *status quo*. Surgem os movimentos de contracultura na Europa e nos Estados Unidos, que reverberam no Brasil ao longo da década de 1970. A publicação de *Ideologia e Currículo*, por Apple, em 1979, chega ao Brasil durante o processo de abertura política pós-ditadura militar. Durante a ditadura, a Educação é marcada pela valorização do tecnicismo e o currículo, por abordagens derivadas da racionalidade tyleriana. A redemocratização abre espaço para a difusão de perspectivas marxistas nos discursos educacionais (LOPES; MACEDO, 2011).

As escolas estão organizadas não apenas para ensinar o conhecimento referente a quê, como e para quê, exigido pela nossa sociedade, mas estão organizadas também de uma forma tal que elas, afinal de contas, auxiliam na produção do conhecimento técnico/administrativo necessário, entre outras coisas, para expandir mercados, controlar a produção, o trabalho e as pessoas, produzir pesquisa básica e aplicada exigida pela indústria e criar necessidades artificiais generalizadas entre a população. (APPLE, 1989, p. 37).

Vários autores marxistas produziram elementos norteadores para um planejamento curricular. Os trabalhos mais significativos, certamente, são os de Paulo Freire, que propõe, nas obras *Pedagogia do oprimido* e *Educação como prática da liberdade*, uma educação dialógica visando à emancipação dos sujeitos por meio de um planejamento participativo. Entretanto, as teorias curriculares com perspectiva marxista concentram-se muito mais na crítica ao modelo racionalista do que em propostas de planejamento curricular (LOPES; MACEDO, 2011).

Desse modo, considerando os objetivos desta pesquisa, exemplificaremos os estudos sobre planejamento curricular com base na racionalidade tyleriana.

Ralph Tyler é o autor mais conhecido do campo do currículo. A obra denominada *Princípios básicos de currículo e ensino*, de 1949, estabeleceu um paradigma sobre elaboração curricular que dominou o campo curricular, mundialmente, por aproximadamente quatro décadas. É dele o modelo de elaboração de currículo mais utilizado no ocidente.

Uma das razões do êxito dos princípios de Tyler é a sua própria racionalidade. Constituem um quadro de referência extremamente racional para elaborar um currículo: equilibram adequadamente os excessos conflitantes e contornam os perigos aos quais o doutrinador (ideólogo) está sujeito. Em certo sentido, os princípios de Tyler são imperecíveis. (KLIEBARD, 2011, p. 33).

Segundo Tyler, para a organização e o desenvolvimento de um currículo deve-se buscar responder as seguintes questões:

- 1- Que objetivos educacionais a escola deve procurar atingir?
- 2- Que experiências educacionais devem ser oferecidas para a consecução desses objetivos?
- 3- Como organizar essas experiências educacionais?
- 4- Como avaliar se esses objetivos estão sendo alcançados?

Apenas a primeira questão diz respeito, estritamente, a currículo. “As quatro perguntas de Tyler correspondem à divisão tradicional da atividade educacional: ‘currículo’ (1), ‘ensino e educação’ (2 e 3) e ‘avaliação’ (4)” (SILVA, 2011, p. 25).

A eficácia do currículo depende, em grande parte, da definição clara dos objetivos educacionais. Para a seleção dos objetivos educacionais Tyler considera três fontes: estudo dos alunos, estudo sobre a vida contemporânea e sugestões de especialistas no conteúdo. Entretanto, Tyler também explicita algumas dificuldades na utilização das fontes sugeridas.

As questões por ele formuladas orientam, ainda hoje, a maioria dos projetos curriculares elaborados para os sistemas educacionais. É possível verificar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), propostos pelo MEC, uma organização muito semelhante à enunciada por Tyler. Os documentos do PCN apresentam uma estrutura básica com objetivos, conteúdo, critérios de avaliação e orientações didáticas.

A partir das fontes para estabelecimento dos objetivos educacionais consideradas por Tyler, entendemos que, no caso dos estudos dos currículos de Arquivologia, faz-se necessário um aprofundamento nas investigações sobre discentes, docentes, estrutura educacional e mundo do trabalho em busca da adequação dos conteúdos aos diferentes contextos em que se encontram dos cursos de Arquivologia do Brasil.

O quadro 4 relaciona as teorias curriculares com as questões debatidas nesta pesquisa:

Quadro 4: Relações entre as teorias curriculares e as discussões da tese.

TEORIA	RELAÇÃO COM A TESE
Tradicionais	Estabelecimento do Currículo Mínimo de 1974. Ênfase na abordagem tecnicista.
Críticas	Início das mudanças nas estruturas curriculares por meio da implantação da LDB e das diretrizes curriculares. Início das preocupações com a inclusão social. Por meio da flexibilização, buscou-se aumentar o acesso de pessoas menos favorecidas à universidade.
Pós- Críticas	Além da preocupação sócio-econômica, cresce o interesse por questões sócio-culturais relacionadas, principalmente, a gênero, raça e etnia. Surgimento da política de cotas raciais.

Fonte: Elaboração própria.

3. REVISÃO DE LITERATURA

A produção do conhecimento não é um empreendimento isolado. É uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca, no qual cada investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema.

(ALVES, 1992, p. 54).

A revisão de literatura apresentada nesse trabalho está distribuída em quatro temas que se relacionam diretamente com os objetivos da pesquisa e que foram desenvolvidos da forma mais orgânica possível, em busca de elementos que fortaleçam a discussão proposta nesse trabalho.

Os temas abordados são os seguintes:

- A formação em Arquivologia no Brasil: trajetórias históricas e institucionais;
- As discussões curriculares no âmbito dos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil;
- Os perfis dos discentes em Arquivologia no Brasil;
- O mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros.

3.1 A formação em Arquivologia no Brasil: trajetórias históricas e institucionais

Sobre o tema “a formação em Arquivologia no Brasil: trajetórias históricas e institucionais” foram utilizados os trabalhos dos seguintes autores: Botinno (1994); Matos (1995); Rousseau e Couture (1998); Couture, Martineau e Ducharme (1999); Matos (1999); Jardim (1999); Marques (2007); Marques e Rodrigues (2008); Cédon *et al.* (2008); Souza (2010); Mariz e Silva (2011); Castanho e Silva (2011); Rodrigues e Figueiredo (2011); Marques, Roncaglio e Rodrigues (2011); Muller *et al.* (1997); Araujo, Bartalo e Lunardelli (2011); Freixo (2011); Malverdes e Moraes (2011); Conrado e Teixeira (2011); Bizello e Madio (2011); Barrancos (2011); Lima (2011), Paiva (2011); Schiavon e Silva (2011); Brito (2011) e Bahia, Souza e Blattaman (2011).

Para compreender como a formação em Arquivologia teve início no Brasil é preciso, primeiramente, voltar à origem histórica da formação em Arquivologia, que se deu na Europa, no século XIX, momento em que:

A influência do Romantismo glorificando o passado, os monumentos literários e documentais, somado a exacerbação das paixões nacionalistas com o desenvolvimento de uma identidade nacional, marcam o século XIX, que vai produzir na Europa um movimento em favor dos estudos históricos, que serão conduzidos com o espírito científico da época e, por conseguinte, vão se voltar para as fontes diplomáticas concentradas em grandes depósitos arquivísticos acessíveis ao público. (BOTTINO, 1994, p.12-13).

Como consequência desse movimento, cresceu na Europa a demanda por pesquisas documentais e surgiram, já a partir da primeira metade do século, os primeiros cursos de formação profissional em Arquivologia em grandes escolas especializadas, tais como: *École Nationale des Chartes* em Paris, em 1821; a de Viena, em 1854; a de Madrid, em 1856 e a de Florença, em 1857 (ROSSEAU; COUTURE, 1998). A formação universitária se deu mais tarde e até hoje acontece, geralmente, no âmbito da pós-graduação, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

Assim como na Europa, a formação em Arquivologia no Brasil não teve, inicialmente, o vínculo universitário. Os primeiros profissionais com formação em Arquivologia no Brasil eram oriundos de cursos oferecidos pelo Arquivo Nacional, a partir de 1960.

No entanto, o Arquivo Nacional já demonstrava preocupações em oferecer formação especializada a seus funcionários desde 1911, quando foi publicado o Decreto nº 9.197, de 9 de dezembro, que instituiu o Curso de Diplomática. O conteúdo do curso incluía Paleografia, Cronologia, Crítica Histórica, Tecnologia Diplomática e Classificação de Documentos. Em 1922, por meio do Decreto nº 15.596, de 2 de agosto, foi criado o Curso Técnico que visava preparar profissionais para trabalhar, ao mesmo tempo, em bibliotecas, museus e arquivos, buscando atender as demandas de formação da Biblioteca Nacional, do Museu Histórico Nacional e do Arquivo Nacional. Com duração de dois anos, era previsto para o primeiro ano: História Literária, Paleografia e Epigrafia, História Política e Administrativa do Brasil, Arqueologia e História da Arte. E para o segundo ano: Cronologia e Diplomática, Numismática e Silografia, Iconografia e Cartografia. Cada estabelecimento ficaria responsável pelo ensino das matérias a que estava diretamente relacionado. Ao Arquivo Nacional cabia o ensino de História Política e

Administrativa do Brasil e de Cronologia e Diplomática. Contudo, embora regulamentado, o curso não chegou a funcionar (MARQUES, 2007; SOUZA, 2010).

Continuava sem solução o problema da falta de oferta regular de formação técnica aos amanuenses (cargo correspondente ao de auxiliar de arquivo, oferecido pelo Arquivo Nacional). A opção de formação que restava aos funcionários do Arquivo Nacional eram os cursos eventualmente promovidos pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio), pelo Instituto de Desenvolvimento e Organização Racional do Trabalho (IDORT - SP) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) (MARQUES, 2007).

Somente no final dos anos 1950, a situação começou a se modificar. Sob a administração de José Honório Rodrigues, o Arquivo Nacional promoveu o *1º Curso de Arquivos*, que abordou as experiências européias, com enfoque nos arquivos históricos, e as norte-americanas, voltadas para a gestão documental e gestão de documentos especiais. O *2º Curso de Arquivos* recebeu professores franceses e americanos, proporcionando o início de um intercâmbio de experiências com esses países (SOUZA, 2010).

Em 1959, com a colaboração do DASP, começaram a funcionar no Arquivo Nacional o “Curso de Preparação do Pessoal Auxiliar de Arquivo”, voltado para a qualificação dos servidores das repartições públicas de institutos educacionais, e o “Curso Permanente de Arquivos” (CPA), destinado aos servidores do Arquivo Nacional, aos servidores que tivessem concluído o curso anterior e demais servidores lotados em setores de documentação. Aproveitando a colaboração firmada com a Embaixada da França, foram realizados mais dois cursos sob a presença do Professor Henri Boullier de Branche, diretor dos Arquivos de la Sarthe (França) (MARQUES, 2007).

Bottino destaca a importância e o impacto da influência francesa sob a formação em Arquivologia no Brasil:

A partir desse momento a Arquivologia começa a receber um tratamento científico, propiciando a expansão do conhecimento na área. Essa “missão francesa” passa a constituir um referencial histórico na formação dos arquivistas brasileiros. [...] a influência francesa na formação dos arquivistas brasileiros – sentida, entre outros aspectos, na literatura e na terminologia – é a perpetuação da tradição “européia”, marcada na forte presença dos arquivos históricos e das ciências auxiliares. (BOTTINO, 1994, p.13-14).

Então, em 1960, começou a funcionar regularmente, no Arquivo Nacional, o CPA. Era um curso de nível superior, reconhecido pelo MEC.

Em 1972, por intermédio do Parecer 212, de 7 de março, o CFE autorizou a criação de cursos de Arquivologia em nível superior. Em cumprimento à recomendação do I CBA (Rio de Janeiro, 15 a 20 de outubro de 1972), a AAB, fundada em 20 de outubro de 1971, encaminhou ao CFE o projeto de currículo mínimo (BOTTINO, 1994; MATOS, 1995).

No entanto, somente em 13 de maio de 1974, por meio da Resolução nº 28 (Parecer 698/74), foi fixado o currículo mínimo do curso de graduação em Arquivologia e sua duração.

A estrutura do currículo mínimo foi estabelecida da seguinte forma:

Quadro 5: Currículo Mínimo

MATÉRIA	EMENTA	CONDIÇÃO
Introdução ao estudo do direito	Conceito e Objetivo do Direito; Direito objetivo e Direito subjetivo; Fontes do Direito; fatos e atos jurídicos; eficácia da lei no tempo e no espaço; hierarquia das leis; aplicação e interpretação de lei; processo legislativo brasileiro; relações entre a Ciência Jurídica e outras ciências (especialmente: Economia, Sociologia, Filosofia, e Ciência Política); direitos humanos.	Obrigatória
Introdução ao estudo de História	Significado da História; valor do conhecimento histórico; História como ciência; noções de métodos e técnicas de pesquisa histórica; historiografia e ciências auxiliares da História (excluindo Paleografia e Diplomática).	Complementar
Noções de Contabilidade	Princípios gerais da Contabilidade; método de manutenção de registros contábeis; contas; correção de lançamento; mecanismo contábil; balanço de demonstração de lucros e perdas; livros de registro principal e auxiliares; inventário físico e contábil; noções de Contabilidade de custos e noções de Contabilidade orçamentária.	Opcional

MATÉRIA	EMENTA	CONDIÇÃO
Noções de Estatística	Descrição de amostra; noção de experiência; de prova; de resultado eventual; de evento; noção de cálculo de possibilidades; amostra aleatória e de curva de distribuição da média; estimação de proporção e média; teste de hipótese; correlação e regressão; representação de dados; tabelas e gráficos.	Opcional
Arquivos I a IV	Conceitos; funções, história dos arquivos; formação profissional; ética arquivística; instalação de arquivos; conservação e restauração de documentos; arquivos correntes; arquivos históricos; arquivos especiais (audiovisual); e técnicos (arquivos médicos; de engenharia, etc.)	Obrigatória
Documentação	Conceituação e objetivos da Documentação; centros de documentação nacionais e internacionais; pesquisa e referência bibliográfica.	Obrigatória
Introdução à Administração	Princípios da Administração; tipos de organização; bases de Administração; instrumentos do administrador; planos de Administração e suas etapas; inventário; planejamento; implantação e controle.	Obrigatória
História Administrativa, Econômica e Social do País	Periodização e síntese da história brasileira nos setores administrativo, econômico, social, político e cultural; constituições brasileiras e emendas constitucionais; ministérios e suas organizações.	Obrigatória
Paleografia e Diplomática	Escritura como veículo de comunicação; origem e história; distinção entre Paleografia e Diplomática; ciência e técnica da Paleografia; conceitos instrumentais relativos à escrita; alfabeto; linhas gerais da evolução da escrita no Brasil; problemas específicos dos documentos brasileiros; divisão de documentos públicos, privados e eclesiásticos; evidências de validade de documentos.	Complementar

MATÉRIA	EMENTA	CONDIÇÃO
Introdução à Comunicação	Informação e comunicação; codificação de informações; mecanismos da comunicação e da informação; fases do processo de comunicação; <i>feedback</i> ; veículos de comunicação social e relações públicas; conceito de opinião pública e de relação pública; criatividade em relação pública; método e processo usual de relações públicas; divulgação.	Obrigatória
Notariado	Notário; oficial de registro e escrivão; direitos, obrigações e atribuições de qualquer um entre eles; tipos de livros e documentos utilizados; funcionamento de registros civis; avaliação e limite de conservação de documentos notariais e de registros.	Complementar
Língua Estrangeira Moderna		Opcional

Fonte: Elaboração própria, com base em Matos (1995; 1999).

Foi estabelecida a duração mínima de 2.160 horas-aulas, distribuídas entre três e cinco anos, incluindo estágio supervisionado em instituição especializada, com 10% do total das horas previstas. Além da habilitação geral, inicialmente foi proposta a possibilidade de inclusão de habilitações específicas: arquivos históricos, oficiais, empresariais, escolares, científicos, etc. A proposta de habilitação específica foi descartada posteriormente e até hoje os currículos seguem uma estrutura de formação generalista e interdisciplinar (JARDIM, 1999; SOUZA, 2010).

Em março de 1977, o CPA foi transferido para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ), hoje UNIRIO e passou a funcionar lá sob a denominação de *Curso de Arquivologia* (MARQUES, 2007). Essa transferência oficializa o funcionamento do primeiro curso de graduação em espaço universitário. No mesmo ano, foi criado o curso da UFSM.

Atualmente, existem 16 cursos de graduação em Arquivologia em funcionamento nas universidades brasileiras. Os cursos são oferecidos por universidades federais e estaduais, não existindo nenhum curso em instituição de ensino privado, o que nos remete a um cenário

favorável ao desenvolvimento de pesquisa, como apontam Couture, Martineau e Ducharme (1999).

Nos últimos 37 anos, os cursos de graduação em Arquivologia brasileiros foram se estabelecendo mediante a seguinte ordem de criação:

Quadro 6: Cursos de Graduação em Arquivologia no Brasil – Criação e Regulamentação

Universidade	Ano de Criação	Regulamentação
UNIRIO	1977	Decreto 79.329, de 02 de março de 1977.
UFSM	1977	Criado pelo Parecer 179/1976 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), de 10 e agosto de 1976. Início: março de 1977.
UFF	1978	Criado pela Resolução 73/78, do Conselho Universitário, em 28 de junho de 1978.
UnB	1990	Criado pela Resolução 32, do Conselho Universitário, em 25 de setembro de 1990. Início: 1991.
UEL	1997	Criado pela Resolução CEPE/CA n.112/97 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, de 08 de outubro de 1997. Início: 26 de fevereiro de 1998.
UFBA	1997	Criado pelo Parecer 75/97, da Câmara de Ensino de Graduação, de 10 de abril de 1997. Início: 1998.
UFES	1999	Autorizado pela Resolução 24/99, do Conselho Universitário, em 26 de julho de 1999. Início: 2000
UFRGS	1999	Criado pela Decisão 112, do Conselho Universitário, em 30 de julho de 1999. Início: 2000.
UNESP/Marília	2003	Criado pela Resolução UNESP n. 26/2003, de 22 de maio de 2003. Início: 2003.
UEPB	2006	Criado pela Resolução Consuni n. 10/2006, em 29 de março de 2006. Início: 28 de agosto de 2006.
UFAM	2008	Criado pela Resolução Consuni n. 51/2008, de 2 de fevereiro de 2008.
UFMG	2008	Criado pelo Parecer da Câmara de Graduação n. 304/2008, de 2 de maio de 2008.
FURG	2008	Criado pela Deliberação COEPE n. 014/2008, de 16 de maio de 2008.
UFPB	2008	Criado pela Resolução do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 41/2008, de 15 de julho de 2008.
UFSC	2009	Criado pela Resolução CEG n. 21/2009, de 26 de agosto de 2009.
UFPA	2011	Criado pela Resolução 4.170 – A, de 06 de setembro de 2011.

Fonte: Elaboração própria, com base em Souza, 2010; Marques; Rodrigues, 2008.

3.1.1 A criação do curso da UNIRIO

O curso de Arquivologia da UNIRIO teve uma trajetória diferente dos outros cursos de Arquivologia. Conforme descrito no item 2.1, ele não foi criado em uma universidade, mas implantado no Arquivo Nacional como CPA, em 1960, e transferido, em 1977, para a FEFIERJ, hoje denominada UNIRIO.

[...] levando a sua estrutura didático-pedagógica e alguns professores que atuavam no curso, além de toda a documentação que constituía o fundo arquivístico original, integrando-o ao fundo da UNIRIO. Em decorrência disso, com a transferência de competências do curso do AN para o da UNIRIO, todos os dados estatísticos passaram a ser considerados (e aceitos pelo MEC) como da UNIRIO. É nesse sentido que, por exemplo, o número de graduados em arquivologia da UNIRIO é computado desde 1977. (MARIZ; SILVA, 2011, p. 334-335).

Inicialmente, esse curso funcionou com base no currículo mínimo estabelecido em 1974. Todavia, no início da década de 1990, passou por uma reestruturação em que foram incluídas novas disciplinas e mais um ano de duração (passou de seis para oito semestres). Dentre as mudanças, vale destacar que a disciplina “Monografia”, exigida para a conclusão de curso desde 1984, passou a ser desenvolvida em dois semestres com a nomenclatura “Monografia I” e “Monografia II” (MARIZ; SILVA, 2011).

3.1.2 A criação do curso da UFSM

O curso de Arquivologia da UFSM foi criado pelo Parecer 179/1976 do Conselho de Ensino e Pesquisa e Extensão da UFSM, em 10 de agosto de 1976. As atividades tiveram início em 18 de abril de 1977, com a aula inaugural do professor José Pedro Pinto Esposel. Foi reconhecido pelo MEC em 1981, por meio da Portaria 76/81/MEC. Inicialmente, professores de vários departamentos da UFSM e professores convidados contribuíram para o funcionamento do curso, uma vez que o Departamento de Documentação, onde foi alocado, foi criado somente no ano seguinte, por meio da Resolução 001/78/UFSM. O curso foi criado com o intuito de atender a demanda do mundo do trabalho por profissionais habilitados para exercerem atividades técnicas e científicas. Surgiu a partir da iniciativa de professores do Departamento de História da UFSM e do apoio do arquivista e historiador José Pedro Pinto Esposel, professor da UFF. O currículo

mínimo foi estabelecido em conformidade com a Resolução 28/1974 – CFE, que fixou 2.550 horas-aula para integralização (CASTANHO; SILVA, 2011).

3.1.3 A criação do curso da UFF

Na UFF, em 1976, por iniciativa do reitor Geraldo Sebastião Tavares Cardoso, foi instituída, por meio da Portaria UFF/Reitoria 139, de 1º de setembro de 1976, uma comissão de professores para estudar a viabilidade de criação e elaborar o projeto de implantação do curso de Arquivologia. A comissão foi composta por: Dyrce Barreto Taveira (presidente), José Pedro Pinto Esposel, Eneida Pontes Vieira, Adolpho Roberto Brum, Delba Guarini Lemos e Marlene Carmelinda Mendes Velloso. Em 1978, o relatório sobre a criação do curso foi aprovado pelo Conselho do Centro de Estudos Gerais e pelo Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP). O curso foi criado pela Resolução 73, de 28 de junho de 1978. No entanto, o CEP decidiu que a implantação ocorreria somente depois de estabelecidos o currículo pleno e a duração. Após o cumprimento das exigências estabelecidas, o Departamento de Administração Escolar analisou a proposta de currículo e a encaminhou para o Conselho de Ensino e Pesquisa, que aprovou o currículo pleno, por meio da Resolução 53/78, CEP/UFF, com um total de 2.985 horas-aula, correspondentes a 170 créditos, duração mínima de seis, média de oito e máxima de dez períodos letivos. O curso passou a funcionar em 1979. A aula inaugural foi realizada em 22 de março, pelo professor Vicente Sobriño Porto (RODRIGUES; FIGUEIREDO, 2011).

3.1.4 A criação do curso da UnB

Desde o final dos anos 1970, a criação de um curso de Arquivologia vinha sendo cogitada na UnB, considerando a demanda oriunda dos vários órgãos administrativos da capital federal. Em 1977, o reitor em exercício nomeou uma comissão interdepartamental, por meio da Resolução 81, de 30 de dezembro de 1977, para elaborar projeto de implantação do curso no Departamento de História e Geografia. A proposta foi concluída e encaminhada ao reitor no ano seguinte. Contudo o curso não foi implementado e o processo foi arquivado. Somente em 1990, com a colaboração da professora Heloísa Liberalli Bellotto, foi constituído um novo processo

tratando da proposta de criação do curso no então Departamento de Biblioteconomia. A escolha pela vinculação a esse departamento justificou-se não somente pela afinidade entre as áreas, mas pelo compartilhamento de disciplinas comuns aos dois cursos, pela existência de laboratório de informática apropriado e pelo aproveitamento da estrutura do departamento no período noturno. A aprovação foi oficializada por meio da Resolução 32 do Conselho Universitário (CONSUNI), de 25 de setembro de 1990 e o curso começou a funcionar no primeiro semestre de 1991 (MARQUES; RONCAGLIO; RODRIGUES, 2011).

3.1.5 A criação do curso da UEL

O curso de Arquivologia da UEL foi criado pela Resolução n. 112/97, do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão, de 8 de outubro de 1997, e implantado em fevereiro do ano seguinte, “pelo então Departamento de Biblioteconomia em parceria com o Departamento de História”(ARAÚJO; BARTALO; LUNARDELLI, 2011).

De acordo com o projeto de implantação apresentado, a concepção de criação do curso foi de “íntima e indissolúvel vinculação entre o conhecimento prático e o teórico [...] as disciplinas foram dispostas na grade curricular de forma a garantir o entrelaçamento entre ensino e pesquisa, possibilitando a construção do conhecimento arquivístico.” (MULLER *et al.*, 1997, p. 49-50). Compreendendo que o currículo mínimo proposto pelo CFE priorizava a formação de profissionais para atuar em arquivos permanentes, por meio do aproveitamento da estrutura universitária e de corpo docente originário de áreas afins à Arquivologia, o projeto do curso da UEL propunha mudanças no ensino tradicional de Arquivologia com a ampliação da interlocução com outros departamentos/áreas e a consequente diversificação das possibilidades de atuação profissional.

O mesmo projeto estabeleceu os seguintes objetivos para o curso:

- Formar recursos humanos para o desempenho da prática arquivística em arquivos públicos e privados;
- Formar profissionais para atuar nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país, visando atender a uma demanda social em relação à preservação da memória de instituições públicas e privadas;

- Promover mudanças na concepção do ensino tradicional da Arquivologia no Brasil, capacitando profissionais para a administração de arquivos nas suas diferentes idades;
- Fornecer embasamento para o reconhecimento e leitura de fundos documentais diversos;
- Fornecer os conhecimentos básicos para situar a problemática arquivística nos contextos econômico - produtivo - comercial e histórico de organizações públicas e privadas (MULLER *et al.*, 1997, p. 50-51).

3.1.6 A criação do curso da UFBA

Na Bahia, durante muito tempo coube aos bibliotecários a tarefa de organizar e gerenciar arquivos. Inclusive, a partir de 1971, a disciplina arquivística passou a integrar o currículo do curso de graduação em Biblioteconomia da UFBA. Em 1980, por iniciativa da professora Maria José Rabello de Freitas, foi realizado um “Estudo preliminar para a criação e implantação de um curso superior de arquivologia”. Apesar de aprovado pelo Colegiado de Biblioteconomia, o curso não se concretizou. Em 1986, a comissão formada pelas professoras Maria José Rabello de Freitas, Maryvone Palma de Mello e Gilda Iêda Sento Sé de Carvalho, sob a consultoria da professora Heloísa Liberalli Bellotto, retomou o projeto e elaborou uma nova proposta curricular. Contudo, além das demandas administrativas para a implantação do curso, havia a carência de formação de um quadro docente especializado. Tal necessidade culminou com implantação de curso de especialização em Arquivologia, em 3 de outubro de 1988, aprovado por meio da Resolução 77/1988 da Câmara de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa. Dos 34 aprovados na seleção, 27 alunos apresentaram a monografia de conclusão de curso. Em 1996, com base nos estudos realizados em 1986, uma nova comissão composta pelas professoras Zeny Duarte, Maria das Graças Teixeira, Marilene Abreu Barbosa e Gilda Iêda Sento Sé de Carvalho, elaborou um novo projeto, que foi aprovado pela Câmara de Ensino de Graduação, por meio do Parecer 75/1997, de 10 de abril de 1997. O primeiro vestibular foi realizado em janeiro de 1998, com a oferta de 30 vagas. Em 12 de março do mesmo ano a Escola de Biblioteconomia, onde o curso de Arquivologia foi criado, foi transformada no Instituto de Ciência da Informação (FREIXO, 2011).

3.1.7 A criação do curso da UFES

A primeira proposta de criação de um curso superior de Arquivologia na UFES foi apresentada, em 1980, por Fernando Antônio Achiamé, então diretor do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Contudo, o projeto não foi aprovado pela universidade. Em 1996, foi criado o primeiro curso de especialização em arquivos da UFES, que também foi oferecido em 1999, em uma segunda versão. O corpo docente foi formado por professores e profissionais convidados, vindos da UFSM, da UNIRIO, do Arquivo Nacional e do Arquivo Público do Espírito Santo. Professores da UFES ficaram responsáveis pelas disciplinas contributivas, tais como: Direito, História e Administração. O curso de especialização teve dois importantes papéis: a) capacitou os professores do então Departamento de Biblioteconomia e b) resgatou a discussão sobre a necessidade de criação de um curso de graduação em Arquivologia. Por iniciativa da professora Maria Virgínia Arana Moraes, o projeto de criação foi retomado. Com o apoio do então reitor José Weber Macedo, foi convidado, como consultor do projeto, o professor Carlos Rossato, da UFSM. Em julho de 1999, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão aprovou a criação e implantação do curso, por meio da Resolução 26/99. O currículo foi aprovado com a carga total de 2.400 horas-aula. O professor Carlos Rossato ministrou a aula inaugural em 14 de março de 2000 (MALVERDES; MORAES, 2011).

3.1.8 A criação do curso da UFRGS

A implantação de um curso de Arquivologia na UFRGS também foi cogitada desde os anos 1980, quando foram realizados estudos prévios, análises de currículos e contatos com docentes de Arquivologia de outras universidades. Por motivos administrativos, a iniciativa não seguiu adiante. Em 1990, o Departamento de Biblioteconomia e Documentação designou a continuidade dos estudos sobre a implantação do curso à comissão composta pelas professoras June Magda Rosa Scharnberg (presidente), Jussara Pereira do Santos e Glória Isabel Sattamani Ferreira. Em 1992, a professora Ana Regina Berwanger, recém-transferida da UFSM, assumiu os trabalhos conclusivos para a implantação do curso. O projeto pedagógico do curso foi desenvolvido, foram destinadas 30 vagas para o vestibular em Arquivologia, por meio da Resolução 21/95, e as diretrizes curriculares para a sua implantação foram aprovadas pelo

Parecer 20/1999 da Comissão de Diretrizes do Ensino, Pesquisa e Extensão. Encerrada a tramitação administrativa, o Conselho Universitário aprovou o início do funcionamento do curso de Arquivologia, em 30 de julho de 1999, por meio da Decisão 112/1999. A aula inaugural foi ministrada pela arquivista Astréa de Moraes e Castro, em março de 2000 (CONRADO; TEIXEIRA, 2011).

3.1.9 A criação do curso da UNESP/Marília

O curso de Arquivologia da UNESP/Marília foi criado pela Resolução UNESP 26/2003, em sessão do Conselho Universitário de 27 de março de 2003. Sua implantação ocorreu em agosto do mesmo ano. A cidade de Marília, situada no estado de São Paulo, é um importante centro universitário que congrega mais de 15 mil estudantes da universidade pública e de universidades particulares. Com o desenvolvimento socioeconômico da cidade, a necessidade de preservação da memória foi ampliada e várias iniciativas consolidaram essa preocupação: a criação da Comissão Municipal de Registros Históricos, do Clube de Cinema de Marília, do Centro de Documentação Histórica e Universitária de Marília, do Museu Histórico e Pedagógico de Marília. Sendo assim, a criação do curso de Arquivologia coincidia com as necessidades da cidade, que carecia de formação de pessoal especializado para atuar com a gestão documental empresarial, da administração pública e da documentação histórica. Além de atender a uma demanda regional, a sua criação permitiu a oferta de um curso de graduação no Estado de São Paulo, o que até então não existia (BIZELLO; MADIO, 2011).

3.1.10 A criação do curso da UEPB

O curso de Arquivologia da UEPB foi criado pela Resolução UEPB/CONSUNI 10/2006, de 29 de março de 2006. Foi implantado em 28 de agosto do mesmo ano e teve o projeto político-pedagógico aprovado por meio da Resolução UEPB/Consepe 32/2007, de 5 de outubro de 2007. A universidade passava por momentos de expansão de autonomia financeira e administrativa, em que a abertura de novos câmpus universitários estava sendo posta em prática. Representantes de diversas profissões elaboravam e encaminhavam projetos para apreciação. O

projeto do curso de Arquivologia contou com a assessoria dos professores José Maria Jardim e Maria Odila Fonseca, além de outros docentes da UEPB. A aprovação do projeto justificava-se por beneficiar a administração pública e o setor privado, com a formação de profissionais em arquivos e por atender, também, a demanda de profissionais voltados para a preservação da memória nacional (BARRANCOS, 2011).

3.1.11 A criação do curso da UFAM

No final da década de 1990, o Departamento de Biblioteconomia da UFAM desenvolveu um projeto de pesquisa para verificar a viabilidade de criação de um curso de graduação em Arquivologia. Considerando as demandas do mundo de trabalho local por profissionais dessa área e a inexistência de outro curso de Arquivologia no Estado do Amazonas, a proposta inicial foi de criação de um curso de graduação em Ciência da Informação, com a possibilidade de habilitação em Arquivologia, Biblioteconomia ou Museologia. Entretanto, ao pesar as questões legais que envolveriam a processo de reconhecimento de um novo curso de Biblioteconomia, aquele departamento decidiu reformular a estrutura curricular e criar dois novos cursos: o de Arquivologia e o de Museologia. Aproveitando a implantação do REUNI, o curso de Arquivologia foi criado em junho de 2007, por meio da Resolução 079/2007. Entretanto, as atividades tiveram início somente em março de 2009 (LIMA, 2011).

3.1.12 A criação do curso da UFMG

O curso de Arquivologia da UFMG foi implantado a partir do Parecer 304/2008 da Câmara de Graduação. A primeira turma ingressou no primeiro semestre de 2009. A criação do curso era um desejo antigo dos docentes da Escola de Ciência de Informação (ECI). A oportunidade de concretização veio por meio do REUNI, instituído em 2007, ano em que a professora Lígia Maria Moreira Dumont, diretora da ECI, criou, por meio da Portaria 54/07, de 27/11/2001, a Comissão para Planejamento e Desenvolvimento do Projeto Pedagógico do Curso de Arquivologia daquela escola da UFMG. A comissão foi composta pelos professores Cíntia Azevedo Lourenço, Carlos Alberto Ávila Araújo e Lídia Alvarenga. Paralelamente à criação do

curso de Arquivologia, ocorreu a criação do curso de Museologia e a reestruturação do curso de Biblioteconomia. Os três cursos funcionam com um tronco comum no contexto da ECI, o que visa, além da tradicional formação diferenciada para cada área, a difusão de um conhecimento mútuo que possibilite futuro intercâmbio e cooperação entre profissionais e pesquisadores de Ciência da Informação (PAIVA, 2011).

De acordo com a proposta de criação apresentada, a implantação do curso justificava-se devido à notória carência de profissionais para lidar com a gestão documental do Estado e preservar a memória nacional.

O curso de Arquivologia vem atender a interesses e expectativas sociais e administrativas, relativas à formação de profissionais para atuar nas áreas de gestão de documentos arquivísticos, em empresas e organizações, nas esferas pública e privada e nas instâncias da indústria. Atualmente, sabe-se que as atividades arquivísticas no Estado de Minas Gerais são quase sempre desempenhadas de forma precária, por profissionais sem formação específica. Não existe no Estado outro curso de Arquivologia em nível de graduação.

Nas discussões sobre a carência da gestão documental na administração pública e a importância desse curso para o estado e país, tem sido destacado ainda o fato de que os documentos administrativos formam a memória institucional, com o passar do tempo, constituem-se em insumos valiosos para a história nacional que deve ser preservada e transmitida às gerações futuras. (CÉDON *et al.*, 2008, p.226).

3.1.13 A criação do curso da FURG

O curso de Arquivologia da FURG foi criado em 2008, a partir de uma proposta do então Departamento de Biblioteconomia e História. A criação, inserida no âmbito do REUNI, foi formalizada pela Deliberação 14/2008, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. O projeto político-pedagógico do curso foi elaborado por uma comissão formada pela professora Adriana Kivanski de Senna, da História e pelos professores Cláudio Omar Iahnke Nunes e Manoel Frohlich Henrique, da Biblioteconomia. A primeira turma ingressou no segundo semestre de 2008 (SCHIAVON; SILVA, 2011).

3.1.14 A criação do curso da UFPB

Desde os anos 1990, havia na UFPB o interesse pela criação de um curso de Arquivologia. Durante três anos consecutivos (1996 a 1998), foram promovidos, pela UFPB, cursos de especialização em arquivos, em parceria com o Arquivo Nacional e financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os cursos aconteciam sob a responsabilidade do então Departamento de Biblioteconomia em parceria com o Departamento de História. Em 2000, os professores do Departamento de Biblioteconomia e Documentação apresentaram a primeira proposta curricular para o curso de Arquivologia no 19º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Contudo, o projeto não foi implantado e os cursos *lato sensu* deixaram de ser realizados. Somente com o advento do REUNI as discussões sobre a criação do curso de Arquivologia foram retomadas. Para abrigar o curso de Arquivologia, o Departamento de Biblioteconomia e Documentação passou a ser chamado de Departamento de Ciência da Informação. Em 2007, foi nomeada uma comissão para elaborar o projeto político-pedagógico do curso de Arquivologia. Essa comissão contou com a colaboração do professor Armando Malheiro da Silva, da Universidade do Porto, Portugal. O projeto foi aprovado por meio da Resolução Consepe nº 41/2008, de 15 de julho de 2008. A aula inaugural foi ministrada pelo professor Malheiro, em 29 de novembro de 2008 (BRITO, 2011).

3.1.15 A criação do curso da UFSC

O curso de Arquivologia da UFSC foi criado no âmbito do REUNI por meio da Resolução CEG n. 21/2009, de 26 de agosto de 2009, uma vez que a demanda da sociedade catarinense por profissionais com formação em Arquivologia não vinha sendo suficientemente atendida pelos cursos de especialização em gestão de arquivos, oferecidos diversas vezes pela UFSC. O curso está vinculado ao Departamento de Ciência da Informação, que também oferece a graduação em Biblioteconomia. O primeiro vestibular ocorreu em dezembro de 2009. O curso teve início no primeiro semestre de 2010 (SOUZA, 2010; BAHIA; SOUZA; BLATTAMAN, 2011).

3.1.16 A criação do curso da UFPA

O primeiro processo seletivo para ingresso no mais recente curso de graduação em Arquivologia do Brasil ocorreu em dezembro de 2011. Foram oferecidas 40 vagas para o turno vespertino, pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da UFPA, que abriga também o curso de Biblioteconomia, em funcionamento desde 1963. O curso de Arquivologia está vinculado à Faculdade de Biblioteconomia e teve o início no segundo semestre de 2012.¹²

3.2 As discussões curriculares no âmbito dos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil

Sobre o tema “as discussões curriculares no âmbito dos cursos de Arquivologia” foram utilizados os trabalhos dos seguintes autores: Cook (1982); Couture (2003); Jardim (2006); Duranti (2007), Costa (2008); Sousa (2009); Souza (2011); Szelejler (2011); García-Marco (2013); Rodrigues, Marques e Costa (2005).

Há muito vem sendo discutidas questões relativas aos currículos dos cursos de Arquivologia. Essas discussões ocorrem no âmbito dos eventos da área, de artigos publicados e de dissertações e teses defendidas. Dentre os trabalhos relacionados ao tema destacaremos alguns.

Szelejcher (2011) argumenta que nos últimos anos a profissão vem se caracterizando pela busca por uma identidade e reconhecimento social. O surgimento de suportes eletrônicos, dos microcomputadores e a criação da internet levaram os arquivistas a reverem princípios e procedimentos anteriormente utilizados, em função da incorporação das novas tecnologias. No entanto, é questionável a adequação da doutrina teórica e prática arquivística às demandas atuais da sociedade em relação à documentação pública e privada.

Na educação em Arquivologia, antes da difusão das novas tecnologias, as novas ideias e métodos se desenvolviam muito lentamente. A preocupação dos arquivistas estava voltada para a má qualidade dos suportes e para o crescimento do volume dos papéis. A

¹² O curso encontra-se em fase de implantação.

As informações disponíveis foram encontradas no sítio eletrônico da UFPA:

<http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=5298> e <http://portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=5038>

Acesso em: 18 nov. 2012.

conservação e preservação de documentos eram temas de destaque em eventos e publicações. Os educadores dessa época acreditavam na “imutabilidade” da teoria arquivística, o que inibia as buscas por novas pesquisas teóricas na área. Atualmente, a educação que os arquivistas recebem se difere, notadamente, de um continente, país ou universidade para outra. Essa diversidade é reflexo das particularidades das histórias dos países, das estruturas arquivísticas, dos tipos de fundos documentais que mantêm, das tradições arquivísticas e das características específicas dos cursos, tais como, objetivos da universidade ou programa, formação dos professores e recursos financeiros disponíveis. A profissão de arquivista não corresponde a um perfil único e estabelecido. Desse modo, não é possível prover determinada educação que forneça o conhecimento necessário a qualquer arquivista de qualquer tempo ou lugar (DURANTI apud SZELEJCHER, 2011).

Souza (2011), por sua vez, destaca o problema da falta de atividades de pesquisa científica na formação dos arquivistas brasileiros. A elaboração da monografia final de curso não foi implantada em vários cursos. Essa ausência compromete a produção e difusão de novos conhecimentos. Ao fazer uma análise dos programas acadêmicos dos cursos, identificou a existência de quatro vertentes: uma orientada aos arquivos públicos; uma acadêmica com ênfase na pesquisa; uma profissional de caráter privado; e outra dirigida à gestão de documentos eletrônicos. Quanto aos processos de revisão curricular, pondera sobre a necessidade de diálogo entre os agentes de formação e os espaços de trabalho. Contudo, considera pertinentes as críticas aos esforços que estão sendo feitos por muitas universidades para aproximar-se ao mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que alerta para o perigo que se corre ao focalizar a formação profissional na racionalidade do mundo empresarial. Corroborando o posicionamento de Szelejcher (2011) de que na universidade se estuda para uma existência e que a aproximação excessiva com o mundo do trabalho geraria profissionais com uma visão parcial e comprometida com os setores produtivos, em detrimento da preocupação com as necessidades reais da sociedade.

Em 1982, Michael Cook contribuiu com o *Records and Archives Management Programme* (RAMP¹³), que teve seus estudos publicados pela *United Nations Educational*,

¹³O objetivo do Programa de Gestão de Arquivos da UNESCO (RAMP), que foi criado em 1979, era conscientizar os gestores públicos da importância dos arquivos para o planejamento e desenvolvimento da preservação do patrimônio nacional. E também para ajudar os estados membros da UNESCO no estabelecimento de estruturas eficientes de gestão de arquivos por meio da padronização, da legislação de arquivo, do treinamento e melhora de infra-estrutura. Além disso, promoveu debates internacionais sobre questões centrais na área de arquivo. Até 2010, mais de 100 estudos RAMP foram publicados.

Scientific and Cultural Organization (UNESCO), com a elaboração das “*Guidelines for Curriculum Development in Records Management and the Administration of Modern Archives*”. O objetivo do estabelecimento dessas diretrizes curriculares foi sugerir um programa de treinamento básico com uma base comum que atendesse a todos que trabalham diretamente envolvidos com gestão de arquivos. Contudo, nesse estudo, o autor alerta que:

Além de importantes diferenças de nível e abordagem, não existe um único corpo de treinamento básico apropriado para todo o campo. O desejo de incentivar a harmonização tem levantado o questionamento sobre se deve haver alguma formação básica para todos os trabalhadores no campo da informação. (COOK, 1982, p.1, tradução nossa).

A gestão de arquivos deve permanecer conectada às tradições e práticas locais, prossegue o autor. Desse modo, as orientações propostas por meio dessas diretrizes têm o uso limitado. Não se adequam a toda e qualquer instituição de ensino. As instituições devem ponderar, sob à luz da realidade local, sobre qual a aplicabilidade dessas sugestões. Embora uma característica comum deva ser considerada: o foco no usuário (COOK, 1982).

Dentre os artigos publicados sobre o tema “currículo”, Duranti (2007) também aborda questões extremamente relevantes. Entre elas, a necessidade de reduzir os componentes curriculares.

Uma escola de Arquivologia não deve ter a pretensão de criar um arquivista completo, mas deve tornar os alunos capazes de continuar aprendendo enquanto trabalham em qualquer espécie de arquivo. Isso é possível obter por meio da redução dos componentes curriculares ao que é realmente essencial. (VITTANI apud DURANTI, 2007, p. 43, tradução nossa).

Educação, treinamento e educação continuada correspondem, respectivamente, a três fases da construção de um profissional: formação, especialização e maturação. Na formação, o estudante deve aprender a pensar como arquivista e ser apresentado ao conjunto de ideias que representa a base da profissão. A especialização é a aquisição de prática e conhecimento em um assunto específico. E na maturação são fornecidos novos conhecimentos e criadas novas habilidades. Sua finalidade é manter os profissionais atualizados com mudanças na área e prover conhecimento em áreas circunscritas do trabalho arquivístico (DURANTI, 2007).

A autora estabelece quatro modelos de educação/formação em Arquivologia:

- **Modelo Histórico:** a característica desse modelo é a preponderância absoluta do conhecimento histórico na estrutura curricular, com base na crença de que o arquivista tem como papel principal atender à pesquisa histórica.
- **Modelo Filológico:** é o modelo europeu mais tradicional e ainda comum em países antigos que preservam grande massa de documentos ainda sem identificação ou processamento. Apóia a investigação de arquivos sobre o significado e a estrutura de sinais. Concentra-se na análise dos documentos e tende a desconsiderar as necessidades dos usuários.
- **Modelo Gerencial:** esse modelo tende a concentrar-se no usuário e na questão do acesso. É voltado para a gestão de arquivos empresariais. O arquivo tem o papel de provedor de informações e o arquivista de facilitador do acesso a essas informações.
- **Modelo Acadêmico/Científico:** visa proporcionar o conhecimento da ciência e da disciplina arquivística. Objetiva formar um profissional e um estudioso, um gerente e um filósofo, um cientista e um comunicador. Esse foco produz um profissional ou acadêmico extremamente qualificado na área de arquivos, em qualquer fase do ciclo documental, em desenvolvimento e manutenção de sistemas de arquivos e também hábil como pesquisador.

Entretanto, nenhum desses modelos satisfaz as necessidades da Arquivologia contemporânea de forma ampla. Todos eles são válidos em determinados contextos. Eles não podem atender às necessidades de todos os lugares, instituições ou programas. Para isso, é preciso identificar um corpo de conhecimentos que, se presente no currículo, caberia em muitos modelos diferentes. As características essenciais em qualquer programa de formação em Arquivologia são: 1) harmonização entre o corpo universal de conhecimentos voltado para as normas internacionais e os aspectos específicos e locais da documentação com que lidam; 2) inclusão de atividades empíricas com o objetivo de fornecer aos futuros arquivistas formas de

aplicar o conhecimento teórico e metodológico aprendido em sala de aula; 3) incentivo à participação em projetos de pesquisa, com a conscientização da importância da pesquisa para a vida profissional e para o avanço disciplinar do conhecimento; 4) inclusão de um corpo de conhecimentos básicos que devem ser lecionados independentemente do contexto, propósito e recursos do programa. Nesses estão inclusos os conhecimentos diplomáticos que permitem a compreensão e gestão dos arquivos desde a sua criação (DURANTI, 2007).

Mas como fazer todo o conhecimento necessário ao arquivista “cabem” dentro de um curso de graduação? Sobre esse questionamento Duranti (2007) destaca que é importante lembrar que um programa de graduação em Arquivologia não deve existir de forma isolada. Ele deve pertencer a um sistema educacional que contenha um compromisso de educação continuada e que tenha um caráter local, nacional e internacional. Além disso, a flexibilização dos currículos, considerada essencial para a educação contemporânea, propõe uma aprendizagem holística em que, enquanto desenvolve conhecimentos técnicos e consciência acadêmica, permite que o aluno siga seus próprios interesses e aspirações.

Este tipo de modelo holístico é não só intrinsecamente capaz de crescimento e mudança, mas é também o modelo mais econômico e eficaz para capacitar nossos alunos e dar-lhes a confiança de trabalharem em todos os ambientes, não porque eles sabem tudo o que há para saber, mas porque eles têm o conhecimento fundamental e as ferramentas intelectuais para aprender tudo o que há para saber e, se esse conhecimento não existe, de produzi-lo. (DURANTI, 2007, tradução nossa).

García-Marco (2013) considera impossível ensinar bem sobre muitas coisas em pouco tempo, de modo que o aluno alcance competências sólidas para aplicação no mundo do trabalho. O autor defende que “a cada vez está mais estabelecido o conceito de formação ao longo da vida” e que a graduação deveria se concentrar nas competências gerais e nucleares e em adquirir boas capacidades técnicas de base, enquanto o mestrado deveria dedicar-se à gestão e às atividades especializadas ou voltadas para determinado nicho de mercado (GARCÍA-MARCO, 2013, p. 498, tradução nossa).

Nesse sentido, Jardim (2006) acrescenta que o grande desafio hoje, na educação de profissionais na área de Arquivologia, ou em qualquer outra, é o de formar profissionais disponíveis intelectualmente para manterem-se constantemente atualizados. Os projetos pedagógicos devem estar voltados para a formação de um profissional com senso crítico e

transformador. A pós-graduação e a aproximação com a pesquisa mostram-se essenciais para o funcionamento do modelo holístico proposto por Duranti (2007) em um cenário em que:

As “novas” exigências de formação de arquivistas são distintas de um padrão que esteve em vigor até muito recentemente, um padrão relacionado sobretudo a uma Arquivologia de manuais. Ou seja, as perguntas estavam, de certa forma, prontas e mapeadas e as respostas, de maneira geral, também. A transição para um novo padrão de formação de arquivistas ainda não está consolidada. Estou falando em termos gerais e não apenas sobre o Brasil. Por isso mesmo, mais do que nunca o ensino na área necessita aproximar-se – e vem se aproximando aos poucos - da pesquisa. (JARDIM, 2006, p. 12).

Todavia, a argumentação exposta aqui, até agora, por meio dos trabalhos citados, remete a situações desejáveis para a Arquivologia nacional e internacional. No Brasil, na prática, o panorama atual ainda se apresenta defasado em face do que se almeja para o campo.

Assim sendo, Sousa (2009) alerta que:

O modelo que fundamentou as matérias contidas no currículo mínimo dos cursos superiores de Arquivologia no Brasil está esgotado. Não temos mais condições de sustentar um programa de formação alicerçado no conceito das Três Idades, que, na verdade, não passa de uma estratégia de intervenção na realidade informacional das organizações. Estamos trabalhando no sentido de inverter essa lógica, partindo das funções arquivísticas para chegarmos às idades documentais.
[...] Como é possível trabalharmos com classificação na Arquivística, uma função matricial de todo que-fazer arquivístico, de forma tão promíscua, utilizando apenas princípios de proveniência e da ordem original, sem levarmos em conta a Teoria da Classificação, por exemplo. (SOUSA, 2009, p. 51).

Segundo Couture (2003), as funções arquivísticas são todas as intervenções que permitem gerir de modo eficaz e eficiente os arquivos de uma instituição desde sua criação até sua difusão e preservação. Sendo elas: criação/produção; avaliação; incorporação; classificação; descrição; difusão e preservação. Para o desenvolvimento dessas sete funções estabelecidas pelo autor são requeridos determinados conhecimentos prévios, que capacitem o profissional para o desenvolvimento de certas atividades essenciais (COUTURE, 2003; RODRIGUES; MARQUES; COSTA, 2005).

O quadro 7 sintetiza essas relações entre funções, atividades e conhecimentos. A compreensão dessa tríade é de suma importância para a análise das estruturas curriculares que realizaremos no capítulo 6, sobre as propostas curriculares dos cursos.

Quadro 7: Funções, Atividades e Conhecimentos.

FUNÇÃO	ATIVIDADES ESSENCIAIS	CONHECIMENTOS PRÉVIOS REQUERIDOS
Criação	Elaboração de guias e procedimentos administrativos para criação dos documentos; elaboração de guias de criação de quaisquer tipos de documentos.	Conhecimento da organização/instituição (o seu funcionamento interno e suas relações externas) = missão; atribuições, etc. Conhecimento sobre gênese documental (Diplomática).
Avaliação	Elaboração de Tabela de Temporalidade.	Conhecimento profundo da instituição/organização/pessoa; a noção de valor dos documentos (valor primário e valor secundário); os critérios de avaliação; tabela de temporalidade.
Incorporação	Estabelecimento de uma política de incorporação (por recolhimento ou aquisição).	Conhecimento da instituição; conceito de fundo de arquivo; princípio de respeito aos fundos, tabela de temporalidade.
Classificação	Elaboração de um plano de classificação (quadro de arranjo); elaboração de instrumentos de descrição.	Conceito de fundo de arquivo; princípio de respeito aos fundos; teoria da classificação.
Descrição	Elaboração de uma política de descrição; indexação.	Conceito de fundo; princípio de respeito aos fundos; classificação; normas de descrição = Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística (ISAD).
Difusão	Estudos de usuários; propor meios de difusão dos arquivos e elaboração de normas de acesso.	Todos os outros, além de conhecimento da legislação nacional sobre acesso às informações.
Preservação	Avaliação da situação; produção de um diagnóstico; definição de prioridades; planejamento das intervenções; planejamento dos depósitos, do material de acondicionamento e do mobiliário.	Dos diferentes suportes; fatores ambientais; restauração; normas relacionadas à preservação.

Fonte: Elaboração própria, com base em Couture (2003) e Rodrigues, Marques e Costa (2005).

Além das atividades propostas, é preciso incluir e enfatizar a relevância do estágio, enquanto componente de formação universitária. As instituições onde são realizados os estágios compõem lugares de formação do arquivista, assim como, por exemplo, as universidades, os Arquivos e as associações profissionais (COSTA, 2008).

Sousa ainda acrescenta que:

[...] o estágio prático é essencial à formação do aluno de Arquivologia. Ele propicia ao aluno um momento específico de sua aprendizagem, uma reflexão sobre o agir profissional e uma visão crítica das relações existentes no mercado de trabalho. O exercício prático, entretanto, deve ser apoiado na orientação enquanto processo dinâmico e criativo, tendo em vista a elaboração de novos conhecimentos. (SOUSA, 2009, p. 55).

No entanto, para propiciar o desenvolvimento das habilidades e a aquisição de conhecimentos práticos propostos na atividade de estágio é essencial que ocorra a efetiva supervisão da aprendizagem, por um profissional habilitado na área.

3.3 Os perfis dos discentes em Arquivologia no Brasil

Sobre o tema “os perfis dos discentes em Arquivologia no Brasil” foram utilizados os trabalhos dos seguintes autores: Jardim e Fonseca (1999); Indolfo (1999); Sousa e Canuto (2002); Matos, Amaral e Rios (2002); Mariz (2003); Pena, Ridolphi e Indolfo (2004); Souza (2009); Ridolphi (2010); Ridolphi e Vargas (2010); Nascimento *et al* (2010); Rodrigues e Figueiredo (2011); Paiva (2011); Barrancos (2011); Britto (2011); Costa (2012); Souza *et al* (2012); Souza e Costa (2012); Paiva, Negreiros e Silva (2012).

Já foram realizados alguns levantamentos sobre os perfis dos discentes dos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil. Confrontando os resultados, é possível afirmar que os perfis no Brasil mais se assemelham do que se distanciam, e que quando divergem, as diferenças são atribuídas, principalmente, às características sócio-econômicas identificadas entre os alunos dos cursos.

O trabalho mais difundido sobre o tema é o de Jardim e Fonseca (1999), realizado com os alunos da UFF. Por ter sido o primeiro estudo publicado a respeito, tornou-se um referencial. Diversos pesquisadores reutilizaram a metodologia aplicada nesse levantamento em outros cursos.

A pesquisa de Jardim e Fonseca teve como referencial teórico os conceitos de **capital social** e **capital cultural** de Bourdieu. Foram destacados alguns aspectos que caracterizam o conceito de capital cultural (JARDIM; FONSECA, 1999), entre eles:

- ✓ É um recurso de poder que se equivale e se destaca de outros recursos como os econômicos;
- ✓ Encontra-se associado à posse de determinadas informações, preferências e atividades culturais;
- ✓ Além do capital cultural, existem outras formas básicas de capital: capital econômico, capital social (referente aos contatos) e o capital simbólico (referente ao prestígio);
- ✓ Capital social e capital cultural se reforçam mutuamente;
- ✓ O capital cultural é reprodutor das condições sociais, ressaltado por suas ligações com outras formas de capital;
- ✓ O capital cultural indica acesso a conhecimento e informações ligadas a uma cultura específica, considerada como mais legítima pela sociedade como um todo;
- ✓ Dominar informações da cultura legítima e acionar certos contatos podem ser mecanismos de mobilidade social;
- ✓ No ambiente familiar se configura o capital cultural, reforçado pelos mecanismos diversos da escola;
- ✓ A sociedade moderna exige que o capital cultural herdado seja legitimado por meio de credenciais providas pela estrutura educacional, o que torna a escola um lugar onde se manifestam as lutas de classes.

Essas características sustentam os seguintes pressupostos:

- 1- O capital cultural está diretamente relacionado à **opção** por determinado curso. (nesse caso, pelo curso de Arquivologia);
- 2- O **desempenho** sociocognitivo do aluno durante o curso também é limitado por seu capital cultural;
- 3- As **perspectivas** do aluno em relação à sua **atuação** profissional (e ao curso) estão associadas ao seu capital cultural.

De acordo com o raciocínio de Bourdieu, aplicado na pesquisa, o acesso ao ensino superior representa um mecanismo de mobilidade social na perspectiva dos que possuem baixo capital cultural. A possibilidade de ascensão acaba sendo motivo de expectativa em relação ao ingresso no mundo do trabalho.

Os quadros 8 a 18 sintetizam os resultados de pesquisas identificadas sobre os discentes dos cursos de Arquivologia de nove universidades¹⁴, sendo elas: UFF, UNIRIO, UFBA, UnB, UFES, UEPB, UFMG, FURG e UFPB. Em alguns cursos a pesquisa foi realizada duas ou mais vezes, o que possibilitou a observação da evolução no perfil discente dessas universidades. Foram averiguadas, por exemplo, características relativas a sexo, renda, local de residência, escolaridade, hábitos de leitura e lazer, satisfação com o currículo, entre outras questões.

Quadro 8 : Características Discentes/ Sexo

Sexo?	
UFF	A maioria dos alunos era do sexo feminino. (nas três pesquisas)
UNIRIO	A maioria dos alunos era do sexo feminino. (nas quatro pesquisas)
UFBA	Equilíbrio entre os sexos.
UnB	A maioria dos alunos era do sexo masculino no período da primeira pesquisa (2002). Na segunda pesquisa (2012) já havia somente algumas mulheres a mais.
UFES	A maioria dos alunos era do sexo feminino.
UEPB	A maioria dos alunos era do sexo feminino. (2011)
UFMG	Equilíbrio entre os sexos.
FURG	A maioria dos alunos era do sexo feminino.
UFPB	A maioria dos alunos era do sexo feminino.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Na maioria dos cursos de graduação em Arquivologia o sexo feminino é predominante entre os discentes. Somente na UnB prevaleceu, em uma das pesquisas, o sexo masculino.

¹⁴ Fonte: Elaboração própria com base em pesquisas realizadas nas universidades. Sendo elas: UFF: Jardim e Fonseca (1999), Ridolphi e Vargas (2010), Rodrigues e Figueiredo (2011); UNIRIO: Indolfo (1999), Mariz (2003); Indolfo (2004), Ridolphi (2010); UFBA: Matos, Amaral e Rios (2002); UnB: Sousa e Canuto (2002), Souza *et al* (2012); UFES: Souza e Costa (2012); UEPB: Nascimento *et al* (2010), Barrancos (2011); UFMG: Paiva, Negreiros e Silva (2012). FURG: Souza e Costa (2012); UFPB: Brito (2011).

Quadro 9 : Características Discentes/ Renda Familiar

Renda Familiar?	
UFF	A maioria dos alunos era oriunda de famílias de baixa renda. No entanto, na segunda pesquisa (2010) o aspecto econômico apresentou alguma melhoria.
UNIRIO	A maioria dos alunos era oriunda de famílias de baixa renda, na primeira pesquisa (1999). Nas pesquisas seguintes pode-se identificar crescimento da renda familiar.
UFBA	Média salarial baixa.
UnB	A maioria tinha a renda familiar alta na primeira pesquisa (2002). Era superior a 20 salários mínimos.
UFES	Não foi investigado.
UEPB	A maioria dos alunos era de baixa renda. (nas duas pesquisas)
UFMG	A maioria dos alunos era de baixa renda. No entanto, 25% deles tinham renda alta.
FURG	Média salarial não tão baixa.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Em cinco cursos foi identificada baixa renda entre os alunos. Na UnB, na primeira pesquisa, foram identificadas rendas altas. Na UFMG e na FURG as rendas identificadas não foram tão baixas, inclusive com 25% dos alunos com renda alta na UFMG.

Quadro 10 : Características Discentes/ Trabalho

São alunos que trabalham? Que precisam colaborar na renda familiar?	
UFF	A maioria trabalhava (como estagiários ou empregados) e contribuía consideravelmente para o aumento da renda familiar.
UNIRIO	A maioria trabalhava (como estagiários ou empregados). Mas o número de alunos que precisa trabalhar foi decaindo nas outras pesquisas.
UFBA	Quase todos trabalhavam. E quase a metade dos alunos contribui a para o sustento das famílias.
UnB	Quase todos trabalhavam na primeira pesquisa (2002). A maioria, 40 horas por semana. Na segunda pesquisa (2012) a maioria fazia somente estágio.
UFES	A maioria dos alunos trabalhava.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	A maioria trabalhava (como estagiários ou empregados) E a maioria sustentava ou colaborava para o sustento da família.
FURG	A maioria trabalhava e contribuía para o aumento da renda familiar.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Nos sete cursos investigados a maioria dos alunos trabalha. Em muitos cursos os alunos são responsáveis por parte do orçamento familiar.

Quadro 11: Características Discentes/ Escola Pública ou Particular

São oriundos de escolas públicas ou particulares?	
UFF	A maioria oriunda de escolas públicas.
UNIRIO	Somente na última pesquisa (2010) a maioria passou a ser oriunda de escolas particulares.
UFBA	Não foi investigado.
UnB	Cursaram a maior parte do ensino fundamental e médio em escolas públicas. (2002)
UFES	Não foi investigado.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	A maioria oriunda de escolas públicas.
FURG	A maioria oriunda de escolas públicas.
UFPB	A maioria oriunda de escolas públicas.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Entre os seis cursos investigados, a maioria dos alunos é oriunda de escolas públicas. Somente na UNIRIO, a partir da pesquisa de 2010, a maioria dos alunos passou a ser proveniente de escolas particulares.

Quadro 12: Características Discentes/ Residência

Residem em bairros populares, classe média ou nobres?	
UFF	A maioria residia em bairros populares.
UNIRIO	Não foi investigado.
UFBA	Não foi investigado.
UnB	A maioria residia na área mais nobre de Brasília (Plano Piloto) nas duas pesquisas.
UFES	Não foi investigado.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	Não foi investigado.
FURG	Não foi investigado.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

A área de residência foi investigada em poucos cursos. Na UFF foi identificado que a maioria dos alunos residia em bairros populares e na UnB foi identificado que a maioria dos alunos morava nas áreas mais nobres de Brasília.

Quadro 13: Características Discentes/ Escolaridade dos pais

Qual é a escolaridade dos pais?	
UFF	Na primeira pesquisa (1999), foi identificado que a maioria dos pais não completou o 1º grau. Na segunda pesquisa (2010), a escolaridade apresentou uma melhora.
UNIRIO	Na primeira pesquisa (1999), foi identificado que a maioria dos pais tem baixa escolaridade. Mas nas duas últimas pesquisas (2004 e 2010), os índices de escolaridade dos pais subiram.
UFBA	Poucos familiares possuíam nível superior
UnB	A maioria dos pais tinha, no mínimo, ensino médio completo. (2002)
UFES	Não foi investigado.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	A maioria dos pais não alcançou o ensino médio e a maioria das mães não ultrapassou o nível fundamental.
FURG	Não foi investigado.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Nos cinco cursos investigados a maioria dos pais de alunos possui a escolaridade baixa. Em geral, possuem somente o ensino fundamental ou médio. Poucos pais possuem nível superior.

Quadro 14: Características Discentes/ Satisfação com o trabalho

Qual a satisfação com seus trabalhos/empregos?	
UFF	A maioria se disse satisfeita com seus trabalhos ou estágios remunerados
UNIRIO	Declararam-se muito satisfeitos com seus trabalhos. (1999 e 2003)
UFBA	Muitos trabalhavam em atividades relacionadas à área de Arquivologia e buscavam no curso auxílio para êxito profissional na área.
UnB	Quase todos os alunos que não trabalhavam 40 horas, participavam de estágios na área, em que se sentiam satisfeitos.
UFES	Não foi investigado.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	Não foi investigado.
FURG	Não foi investigado.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Somente quatro cursos investigaram sobre a satisfação com os trabalhos/empregos. A maioria dos alunos se declarou satisfeita em suas atividades profissionais.

Quadro 15: Características Discentes/ Hábitos de leitura

Possuem hábitos de leitura consolidados?	
UFF	Na primeira pesquisa (1999), não apresentaram hábitos consolidados de leitura. E na pesquisa mais recente (2011) a maioria declarou ler jornais ocasionalmente.
UNIRIO	Liam jornais e revistas com frequência na primeira pesquisa (1999) e foram apresentando crescente consolidação dos hábitos de leitura nas pesquisas seguintes.
UFBA	Não foi investigado.
UnB	Possuíam hábitos consolidados de leitura.
UFES	Não foi investigado.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	Possuíam hábitos consolidados de leitura.
FURG	Possuíam hábitos consolidados de leitura
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Cinco cursos investigaram sobre os hábitos de leitura. Em quatro cursos os alunos apresentaram hábitos de leitura consolidados.

Quadro 16: Características Discentes/ Preferências de lazer

Quais são as principais preferências de lazer?	
UFF	Cinema, Museus, Galerias de Arte e Teatro. Em geral, em função da baixa condição financeira, optam por práticas de lazer de baixo custo.
UNIRIO	Cinema, Viagens, praia, shows e esportes. Nas duas últimas pesquisas (2004 e 2010) apresentaram melhorias nos hábitos culturais, tais como, visitas a museus, galerias e teatros.
UFBA	Não foi investigado.
UnB	Televisão e internet. Poucos iam ao Teatro, Museus ou Galerias de Arte.
UFES	Não foi investigado.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	Acesso à Internet, Cinema, Museus, Exposições de Arte, Música e Teatro.
FURG	Assistiam televisão, mas raramente iam ao Cinema ou ao Teatro.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

Acreditamos que a baixa renda identificada entre a maioria dos alunos ocasiona a opção por práticas de lazer de baixo custo. As preferências de lazer mais citadas, nos cinco cursos investigados, foram: televisão, internet, cinema e teatro.

Quadro 17: Características Discentes/ Satisfação com o currículo

Qual a satisfação com o currículo do curso?	
UFF	Consideraram o currículo defasado, nas duas primeiras pesquisas (1999 e 2010), e que o estudante não estava sendo bem preparado para o mundo do trabalho. (1999).
UNIRIO	Declararam insatisfação com o currículo, com as ofertas de oportunidades no mundo do trabalho e com a preparação para entrar no mundo do trabalho.
UFBA	Não foi investigado.
UnB	Não foi investigado.
UFES	Não foi investigado.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	Não foi investigado.
FURG	Não foi investigado.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

A satisfação com o currículo só foi investigada em dois cursos. Nestes cursos, os alunos declararam insatisfação com o currículo. Alegaram que o currículo estava defasado e que não proporcionava a preparação necessária para entrar no mundo do trabalho.

Quadro 18: Características Discentes/ Reconhecimento da Profissão

Consideram a profissão socialmente reconhecida? Acreditam nas perspectivas de ampliação do mercado?	
UFF	Na primeira pesquisa (1999), os alunos tinham perspectivas em relação à ampliação da profissão. Na pesquisa mais recente (2011), a maioria dos alunos manifestou desinteresse em investir na carreira e intenção de se candidatar a um novo curso.
UNIRIO	A maioria discordou que a profissão seja socialmente reconhecida, embora muitos acreditassem nas perspectivas de ampliação do mercado. Na segunda e pesquisa (2003), houve um aumento no número de alunos com pensamento contrário.
UFBA	A escolha pelo curso foi considerada como relativo reconhecimento social para o campo. E o baixo capital econômico e social é estimulador da procura por oportunidades que representem boas perspectivas de mercado.
UnB	Consideraram ótimas as oportunidades profissionais para os estudantes de Arquivologia e acreditavam na perspectiva de ampliação do mercado de trabalho. (2002)
UFES	Tinham expectativas em relação ao curso. Esperavam trabalhar na área e passar em concurso público para obter estabilidade financeira.
UEPB	Não foi investigado.
UFMG	Acreditavam que o curso possibilita oportunidades de inserção no mercado de trabalho.
FURG	Acreditavam que o curso possibilita boas oportunidades no mercado de trabalho. E a maioria desejava ingressar no serviço público.
UFPB	Não foi investigado.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelas universidades.

O reconhecimento social e as perspectivas de ampliação do mercado foram investigados em sete cursos. A maioria dos discentes considera que existem boas oportunidades profissionais na Arquivologia, mas que o reconhecimento social da área é baixo.

De modo geral inferiu-se que:

- 1- Na maioria dos cursos o sexo feminino predomina;
- 2- A maioria dos alunos é oriunda de famílias com média salarial baixa;
- 3- A maioria dos alunos trabalha ou faz estágio remunerado;
- 4- A maioria dos alunos cursou ensino fundamental e médio em escola pública;
- 5- A maioria dos pais de alunos tem escolaridade baixa;
- 6- A maioria dos alunos se diz satisfeita com seu trabalho/emprego;
- 7- A maioria dos alunos possui hábitos consolidados de leitura;
- 8- Têm como principais preferências de lazer: televisão, internet, cinema e teatro;
- 9- Possuem algum grau de satisfação com o currículo;
- 10- A maioria dos alunos considera a profissão promissora e planeja atuar na área.

Sobre os dados aferidos nas pesquisas, podemos fazer algumas considerações. De modo geral, percebe-se que o perfil do aluno de Arquivologia da maioria dos cursos refere-se a um aluno advindo de camadas sociais menos favorecidas, em que a inserção na graduação representa uma possibilidade de inclusão social. Os alunos são atraídos, principalmente, pela gratuidade, pela possibilidade de conciliar o curso com outras atividades (por ser oferecido, quase sempre, à noite) e pelas perspectivas de ingresso imediato no mercado de trabalho, por meio de estágios, contratações por empresas privadas ou pelo serviço público.

Em algumas universidades, esse perfil começa a apresentar alterações, como demonstram os dados apurados na UnB e mais recentemente na UNIRIO. O interesse crescente pela área vem sendo percebido no aumento da procura pelo curso e se manifesta por meio de alguns dados contemplados pelas pesquisas realizadas e por outros não abordados ou não aprofundados (o aumento da concorrência no vestibular e das notas de corte, a diminuição da faixa etária, o aumento dos capitais cultural, sociais e econômicos).

Apesar do maior interesse, continuam sendo colocadas como insatisfações, pela maioria dos alunos, a falta de visibilidade social e a defasagem dos currículos. Isso parece significar que apesar de demonstrar crescimento quantitativo (por meio do aumento do número de cursos, de alunos, de docentes, de concursos e etc.), o investimento na qualidade desse crescimento vem deixando a desejar.

Em trabalho apresentado no V CNA, em Salvador, uma aluna do 5º período do curso de Arquivologia da UFES alerta que o reconhecimento do curso entre familiares muitas vezes subjugam a preferência e vocação pessoal dos alunos. “Motivados por pressões sociais e pela expectativa da família, os estudantes fazem suas escolhas movidos primeiramente pela expectativa de lucros e estabilidade financeira que futuramente obterão na sociedade colocando seus verdadeiros desejos e vocações em segundo plano.” (COSTA, 2012, p.1).

Provavelmente, devido à necessidade de trabalho, o principal atrativo para a escolha do curso sejam as oportunidades de inserção no mercado de trabalho. O perfil discente identificado nas pesquisas realizadas indica que o perfil do aluno não influencia, de forma representativa, a construção dos currículos. Na verdade, aparentemente, é o currículo que atrai determinado perfil. Uma vez que, na intenção de ingressar no mundo do trabalho, os candidatos buscam cursos em que o currículo os direcione para os postos de trabalho de seu interesse.

3.4 O mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros

Sobre o tema “o mercado de trabalho para os arquivistas brasileiros” foram utilizados os trabalhos dos seguintes autores: Costa (2008); Lopez (2008); Oliveira (2010); Souza (2011).

A valorização da informação, enquanto recurso que define a competitividade entre as pessoas, organizações e demais atividades que coexistem no mundo do trabalho, provocou o aumento da demanda por profissionais da informação no mundo do trabalho. Entre esses profissionais encontra-se o arquivista.

O arquivista é o profissional responsável pelo gerenciamento de documentos e das informações arquivísticas, o que significa:

ser capaz de gerir o acervo documental, de identificar a relevância das informações existentes em diversos suportes, classificar e buscar métodos e tecnologias para disponibilizar essas informações. Além disso, precisam compreender os fluxos informacionais das organizações em que atuam, visando fornecer e/ou armazenar informações que alimentem os processos decisórios e a garantia dos direitos e deveres das organizações, de seus parceiros e funcionários. (OLIVEIRA, 2010, p. 19).

Todavia, no tratamento da documentação da sociedade contemporânea, a atuação do arquivista não pode se restringir à aplicação de um conjunto de técnicas. A sociedade se tornou muito mais dinâmica e complexa, passando a demandar mais conhecimento e habilidades deste profissional, assim como em todos aqueles que lidam com informação de modo geral. O mundo do trabalho de hoje demanda de todos os profissionais, além do conhecimento técnico, um entendimento globalizado da sociedade e o domínio de múltiplas habilidades.

O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008) define o termo arquivista da seguinte forma:

Arquivista: [...] 1. especialista encarregado de uma ou várias funções na gerência de um arquivo. 2. profissional responsável por analisar e organizar informações registradas (documentos) públicas e privadas, de cunho histórico, governamental, administrativo, científico ou literário, gravações sonoras e filmes (audiovisuais), organizando-os segundo a sua origem e outros critérios, e dando-lhes tratamento técnico, armazenando-os em arquivos adequados, permitindo a informação eficiente da informação, facilitando sua consulta e evitando que se deteriore. 3. A profissão do arquivista é regulamentada pela lei no 6.546, de 4/7/1978. Por ela, compete ao arquivista o planejamento, organização e direção de serviços de arquivo; a identificação das espécies documentais, e a participação no planejamento de novos documentos; a classificação, arranjo, descrição; a avaliação e seleção de documentos. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 24).

Conforme pontuado no dicionário, e regulamentado pela Lei n. 6.546, de 04 de julho de 1978, o exercício profissional deve ser assegurado àqueles que possuem bacharelado em Arquivologia. Contudo, diversos outros profissionais executam atividades de gestão documental arquivística. O baixo número de arquivistas graduados em relação às demandas do mundo do trabalho por esse tipo de profissional permite que parte dessa carência seja suprida por formas alternativas de formação.

Lopez (2008, p. 227) identificou, nas empresas e organizações, quatro níveis de qualificação entre os profissionais responsáveis pela gestão documental:

- ✓ Nenhuma qualificação - a gestão é executada intuitivamente pela pessoa que lida cotidianamente com os documentos, ou por alguém designado para essa atividade (por exemplo, uma secretária). A gestão limita-se aos aspectos legais mínimos, podendo haver a intervenção de profissionais de contabilidade e/ou do direito. Esse cenário, provavelmente, é hegemônico.

- ✓ Qualificação mínima - tem um caráter autodidata, no qual a pessoa designada para a gestão dos documentos busca aprimorar seus conhecimentos arquivísticos por meio de consulta a livros, sítios da Internet etc.
- ✓ Profissional semi-capacitado - há a busca de aprimoramento funcional, com o investimento na participação do pessoal designado para a gestão documental em eventos de formação paralela — tais como mini-cursos, workshops, palestras etc. —, com vistas à melhor capacitação e formação. Ainda pode haver contratação de profissionais que atendam parcialmente aos requisitos da área, porém sem embasamento teórico arquivístico, como, por exemplo: bibliotecários, empresas de gestão eletrônica de documentos, de memória institucional, de gestão da informação. Nas organizações que buscam a qualificação para a gestão documental, esse é provavelmente o cenário mais recorrente.
- ✓ Profissional capacitado - há uma pessoa (ou um setor em organizações maiores) com formação qualificada que pode ter sido obtida por meio de curso de especialização, somado aos eventos de formação paralela e/ou graduação em Arquivologia. Nos órgãos públicos localizados em regiões nas quais há grande ocorrência do graduado em Arquivologia — como Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília — os cargos são preenchidos por profissionais portadores de diploma específico. Onde a oferta não é abundante, a gestão arquivística nos órgãos públicos continua a ser feita por profissionais sem diploma de Arquivologia, contratados formalmente para outras funções.

Além da graduação em Arquivologia, a especialização é a forma mais procurada de capacitação. Assim como no caso dos docentes em Arquivologia, é comum encontrar graduados em História, Biblioteconomia, entre outros, atuando no campo arquivístico. A interdisciplinaridade, na maioria dos casos, mais agrega do que prejudica. Os especialistas tendem ter mais tempo e experiência no mundo do trabalho e uma base de conhecimentos práticos e teóricos mais abrangente, o que possibilita que uma atuação mais crítica e ampla (LOPEZ, 2008).

Entretanto, de forma gradativa, o arquivista vem se inserindo no mercado de trabalho. Em 2011, Souza publicou um extenso trabalho que ilustra como o arquivista tem

ocupado os espaços de trabalho a nível nacional. Foram levantadas informações quanto às características pessoais, a atuação, o espaço de trabalho, o ingresso no mercado, a carga horária, as atividades desenvolvidas, a política salarial e a formação continuada dos arquivistas.

O levantamento foi realizado por meio de questionário e o resultado, resumidamente, aponta que:

- O sexo feminino representa maior percentual entre os profissionais no mundo do trabalho;
- A idade dos arquivistas é bastante variada. Contudo, a maior concentração encontra-se entre os 20 e 29 anos e entre 30 e 39 anos;
- Existe uma parcela pequena de arquivistas ausentes do mundo do trabalho;
- A maioria trabalha em instituições públicas. Ainda que o número de empregados em instituições privadas também seja alto;
- O ingresso dos arquivistas nas instituições ocorre, em sua maioria, de quatro formas: concurso público, contrato temporário, contrato por tempo indeterminado e processo seletivo;
- Para admissão nas instituições, os arquivistas apontaram que os requisitos mais solicitados são o título universitário e a experiência profissional;
- A maioria dos arquivistas cumpre uma jornada de 40 horas semanais;
- A maioria dos graduados desenvolve atividades eminentemente técnicas, em geral, relativas à documentação acumulada nas instituições. Contudo, parte significativa realiza atividades docentes, de gestão de projetos e de direção de arquivos. As atividades mais executadas são: classificação, organização, avaliação e transferência de documentos;
- A maioria dos arquivistas recebe até cinco salários mínimos, seguidos dos que recebem entre seis e dez salários;
- A formação continuada é comum entre os graduados em Arquivologia, especialmente entre os que atuam na área. A especialização é a mais frequente. As especializações mais procuradas são em Gestão de Arquivos, Administração, Arquivologia e Organização de Arquivos. Os casos de

dupla graduação também possuem números expressivos. Os mais cursados são História, Direito, Biblioteconomia e Administração.

Os números levantados por Souza demonstram que o arquivista tem ampliado sua atuação no mundo do trabalho não somente em termos quantitativos, mas também qualitativos.

O fator quantitativo é evidenciado pelo aumento:

- 1) Na procura por profissionais da área;
- 2) Na quantidade de profissionais graduados (como consequência da criação dos novos cursos de graduação).

E a melhoria qualitativa pode ser ressaltada, principalmente:

- 1) Pela procura por aprimoramento da qualificação, por meio das pós-graduações;
- 2) Pela presença de profissionais desempenhando atividades de docência, gestão de projetos e direção de setores de arquivo.

Temos que lembrar que as associações profissionais também exercem um importante papel na defesa dos direitos dos arquivistas. As dez associações existentes encontram-se distribuídas por quase todas as regiões do país, sendo que a primeira foi criada em 1971 e, a mais recente, em 2013, conforme descrito, inicialmente, no quadro 1.

Além das associações, em 2007, foi criada a ENARA e em 2008, foi criado o SINARQUIVO, ambos voltados, também, para o fortalecimento da profissão.

4. VINCULAÇÕES INSTITUCIONAIS E ACADÊMICAS

A alteração de um currículo de forma isolada é fácil. Nós podemos fazer isto em uma tarde. Se pensarmos, porém, no conjunto de dispositivos que favorecem uma melhor formação - ou podem favorecer - isto tudo é agenda de pesquisa. Nós precisamos conhecer mais, avançar mais.
(JARDIM, 2006, p. 15)

Os cursos de graduação em Arquivologia brasileiros não estão, geralmente, vinculados a departamentos de Arquivologia. A maioria dos cursos encontra-se ligada a Departamentos de Ciência da Informação ou de Biblioteconomia (e/ou Documentação). No levantamento realizado, constatou-se que os únicos cursos que se encontram relacionados a departamentos de Arquivologia são o da UNIRIO – Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos /Escola de Arquivologia e o da UFES – Escola de Arquivologia.

Do mesmo modo, os programas de pós-graduação em funcionamento nesses departamentos são, majoritariamente, de Ciência da Informação. Excetuando-se, somente, o Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da UNIRIO, o Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos, também da UNIRIO, e o Programa de Pós- Graduação em Patrimônio Cultural, da UFSM.

Lamentavelmente, na esfera institucional, a Arquivologia ainda não conquistou um espaço independente. Ou seja, “do mesmo modo como se diz que a Arquivologia nasceu no berço de outras áreas, ela permanece emprestada à administração de outras unidades de ensino” (DUARTE, 2007, p. 147).

No âmbito da graduação, essa proximidade institucional (e física) parece produzir efeitos sobre a definição dos currículos, como veremos adiante na análise das estruturas curriculares. E na pós-graduação, essa falta de autonomia administrativa se faz notar nas titulações dos docentes, uma vez que, mestres e doutores da Arquivologia recebem, quase que absolutamente, títulos de pós-graduação em Ciência da Informação.

No quadro 19, estão descritas as vinculações institucionais e acadêmicas dos cursos de graduação em Arquivologia, assim como, os programas de pós-graduação com que se relacionam e quais níveis de formação oferecem.

Quadro 19: Vinculações Institucionais e Acadêmicas dos Cursos de Graduação Arquivologia e Pós-Graduações

Curso	Vinculação da Graduação em Arquivologia	Pós-Graduação	Nível	
UNIRIO	Centro de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos. Escola de Arquivologia.	Programa de Pós-Graduação em Memória Social	Mestrado	Doutorado
		Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ)	Mestrado Profissional	
UFSM	Centro de Ciências Sociais e Humanas. Departamento de Documentação.	Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural (PPGPPC)	Mestrado	
UFF	Instituto de Arte e Comunicação Social. Departamento de Ciência da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)	Mestrado	
UnB	Faculdade de Ciência da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)	Mestrado	Doutorado
UEL	Centro de Comunicação, Educação e Artes. Departamento de Ciência da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)	Mestrado	
UFBA	Instituto de Ciência da Informação. Departamento de Documentação e Informação. Departamento de Fundamentos e Processos Informacionais.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)	Mestrado	Doutorado

Curso	Vinculação da Graduação em Arquivologia	Pós-Graduação	Nível	
UFES	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Departamento de Arquivologia.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)		Doutorado Interinstitucional em Ciência da Informação UnB/UFES
UFRGS	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Ciência da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Comunicação	Mestrado	Doutorado
UNESP/ Marília	Faculdade de Filosofia e Ciências. Departamento de Ciência da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.	Mestrado	Doutorado
UEPB	Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas.			
UFAM	Instituto de Ciências Humanas e Letras. Departamento de Biblioteconomia.			
UFMG	Escola de Ciência da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)	Mestrado	Doutorado
FURG	Instituto de Ciências Humanas e da Informação.			
UFPB	Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciência da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)	Mestrado	Doutorado
UFSC	Centro de Ciências da Educação. Departamento de Ciências da Informação.	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN)	Mestrado	Doutorado
UFPA	Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Faculdade de Biblioteconomia.			

Fonte: Marques, Roncaglio e Rodrigues (2011) e consulta aos sítios eletrônicos dos cursos.

Também na busca de compreender a inserção da Arquivologia nos programas de pós-graduação do Brasil, Marques (2007), realizou um levantamento em que foram identificadas 77 dissertações e 10 teses com temáticas relacionadas à Arquivologia, defendidas entre 1980 e 2006, no âmbito de programas de pós-graduação de outras áreas. Dentre os autores das pesquisas mapeadas, identificamos 21 professores de cursos de graduação em Arquivologia.

No quadro 20 estão relacionados as universidades/programas em que foram desenvolvidas as pesquisas e os nomes dos docentes de Arquivologia que são autores de teses ou dissertações desenvolvidas nesses programas.

Quadro 20: Docentes de Arquivologia em Programas de Pós-graduação de Universidades Brasileiras.

Universidade/Programa	Autor/Docente de Arquivologia	Mestrado/Doutorado
UFF/IBICT* Ciência da Informação	FONSECA, Maria Odila Kahl <i>(In Memoriam)</i>	D
UFMG Ciências da Informação	NEVES, Marta Eloísa Melgaço	M
UnB Ciência da Informação	CARVALHÊDO, Shirley do Prado	M e D**
	OLIVEIRA, Eliane Braga de	M e D**
	SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de	M
UFRJ/IBICT Ciência da Informação	BOTTINO, Mariza	M
	FONSECA, Maria Odila Kahl <i>(In Memoriam)</i>	M
	GOMES, Sandra Maria Lucia Rebel	M
	JARDIM, José Maria	M e D
UFRJ Educação	GAK, Luiz Cleber	D
	LINS, Júlia Belesse da Silva	D**
UFRJ Ciência da Informação	FLORES, Daniel	D**
	MARIZ, Anna Carla Almeida	D**
UNIRIO Memória Social e Documento	GAK, Luiz Cleber	M
	LINS, Júlia Belesse da Silva	M
	MARIZ, Anna Carla Almeida	M
	SILVA, Flávio Leal da	M e D**
	SOUZA, Kátia Isabelli de Bethânia Melo de	M
UFBA Departamento de Letras e Linguística	SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos	D

Universidade/Programa	Autor/Docente de Arquivologia	Mestrado/Doutorado
UFBA Educação	MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto	D
UFSM Engenharia de Produção	FLORES, Daniel	M
USP História Social	LOPEZ, André Porto Ancona	M e D
	MONTIEL, Rosane (<i>In Memoriam</i>)	M
	RODRIGUES, Ana Célia	M e D**
	SOUSA, Renato Barbosa de	D*
USP Ciência da Comunicação	CALDERON, Wilmara Rodrigues	M
UNESP/Marília Ciência da Informação	CALDERON, Wilmara Rodrigues	D**

Fonte: Elaboração própria com base em Marques (2007) e em levantamento realizado junto aos coordenadores dos cursos de graduação em Arquivologia.

*Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

** Atualização da titulação dos professores que desenvolveram também, após o levantamento realizado por Marques, pesquisas de doutorado com temáticas arquivísticas em programas de pós-graduação de universidades brasileiras.

Conclui-se que diversos professores de Arquivologia estão presente na pós-graduação de outras áreas e que, apesar da Arquivologia não contar com um espaço próprio, existem nesses programas de pós-graduação linhas de pesquisa em que é possível trabalhar com temas arquivísticos.

5. OS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS

Na formação em Arquivologia são utilizados, também, dois tipos de discurso, um que serve para expressar o que se quer, as aspirações, a filosofia que se diz professar, e outro para dizer como é a realidade, descrever, apreciar, criticar. O currículo é, assim, um campo privilegiado para apreciar essas contradições entre intenções e realidade. (SZLEJCHER, 2011, p 29-30, tradução nossa)

Os projetos políticos pedagógicos que orientam os cursos de graduação em Arquivologia foram elaborados em consonância com a legislação inerente, em especial:

- ✓ Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978 – Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e técnico de Arquivo, e dá outras providências.
- ✓ Decreto nº 82.590, de 6 de novembro de 1978 – Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e técnico de Arquivo.
- ✓ Parecer CNE/CES 492/2001, de 3 de abril de 2001 – MEC – Trata de diversos processos acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais de vários cursos de graduação, entre eles o curso de Arquivologia.
- ✓ Resolução CNE/CES 20, de 13 de março de 2002 – MEC – Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Arquivologia.

O Art. 2º do Decreto 82.590, de 1978, estabelece como atribuições dos Arquivistas:

- I - planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo;
- II - planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;
- III - planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;
- IV - planejamento, organização e direção de serviços ou centros de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;
- V - planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;
- VI - orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;
- VII - orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;
- VIII - orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;
- IX - promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;
- X - elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;
- XI - assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
- XII - desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes.

Percebe-se que as atribuições do arquivista compreendem, prioritariamente, atividades intelectuais. As atividades mais técnicas são previstas para o técnico de arquivo. O Art. 3º do mesmo decreto atribui aos técnicos de arquivo:

- I - recebimento, registro e distribuição dos documentos, bem como controle de sua movimentação;
- II - classificação, arranjo, descrição e execução de demais tarefas necessárias à guarda e conservação dos documentos, assim como prestação de informações relativas aos mesmos;
- III - preparação de documentos de arquivo para microfilmagem e conservação e utilização de microfilme;
- IV - preparação de documentos de arquivo para processamento eletrônico de dados;

De acordo com a Resolução CNE/CES 20, de 2002, as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Arquivologia, integrantes do Parecer CNE/CES 492/2001¹⁵, devem orientar a formulação dos projetos pedagógicos dos cursos. Em conformidade com o Art. 2º da mesma, O projeto pedagógico de formação acadêmica e profissional a ser oferecida pelo curso de Arquivologia deverá explicitar:

- a) o perfil dos formandos;
- b) as competências e habilidades de caráter geral e comum e aqueles de caráter específico;
- c) os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica;
- d) o formato dos estágios;
- e) as características das atividades complementares;
- f) as estruturas do curso;
- g) as formas de avaliação.

Deste modo, os projetos políticos pedagógicos objetivam formar o perfil proposto pelas diretrizes para a área, em que:

o arquivista deve ter o domínio dos conteúdos da Arquivologia e estar preparado para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, particularmente as que demandem intervenções em arquivos, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural. (Parecer CNE/CES 492/2001, p. 35).

De modo geral, os projetos políticos pedagógicos dos cursos se propõem a formar arquivistas para atuarem de modo crítico, criativo e eficaz em atividades que possibilitem a

¹⁵ Consultar o Quadro 2 – Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Arquivologia.

percepção do valor da informação arquivística para as organizações e para a sociedade como um todo, por meio de ações de gestão, organização, preservação e difusão de documentos e informações arquivísticas. Nesse sentido, ao final do curso de Bacharelado em Arquivologia o egresso deverá ser um profissional qualificado, competente e hábil, para:

1. Perceber os limites epistemológicos que delimitam o campo de atuação da Arquivologia no contexto da grande área da Ciência da Informação;
2. Atuar em contextos arquivísticos de distintas naturezas, tais como, arquivos públicos e privados, arquivos especializados, centros de documentação e instituições de custódia documental;
3. Contribuir para a disseminação da consciência sobre a importância probatória dos documentos, independente do suporte no qual estejam estruturados;
4. Processar a informação arquivística em diferentes tipos de suporte, mediante aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de classificação, avaliação, armazenamento, recuperação e difusão;
5. Elaborar, coordenar e executar políticas institucionais de gestão de documentos;
6. Planejar e implementar programas, planos e projetos arquivísticos;
7. Desenvolver, avaliar e aplicar estrategicamente tecnologias de informação e comunicação auxiliares do trabalho arquivístico;
8. Executar atividades de classificação, avaliação, arranjo e descrição de documentos de arquivo;
9. Elaborar instrumentos e metodologias de gestão de documentos de arquivo que permitam a organização, a avaliação, a utilização e a eliminação dos mesmos;
10. Gerir a preparação, o recebimento, a distribuição, o controle e a preservação da documentação arquivística das organizações;
11. Elaborar, coordenar e executar atividades de gerenciamento eletrônico de documentos;
12. Planejar e executar atividades de difusão da informação arquivística;
13. Elaborar e executar iniciativas de pesquisa, contribuindo na ampliação do conhecimento científico na Arquivologia e na Ciência da Informação;

14. Conhecer e aplicar diferentes estratégias de *marketing* no contexto dos arquivos públicos e privados, a fim de promover o acesso à informação;
15. Desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;
16. Atuar de forma harmônica e integrada com profissionais de áreas afins;
17. Colaborar na difusão da conscientização coletiva tanto do valor cultural e social quanto estratégico da informação arquivística.

De modo específico, destacamos, nas propostas apresentadas por alguns cursos, determinados pontos singulares.

No projeto da UFBA, por exemplo, a expectativa é de que o egresso do curso caracterize-se por suas competências profissionais, sociais e intelectuais, em que:

Como profissional deve possuir conhecimentos sólidos e atualizados que o permitam abordar e tratar problemas novos e tradicionais do fazer arquivístico. Deve, portanto, estar preparado para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzindo e difundindo conhecimentos.

Como ser social deve estar preparado para interagir na sociedade, consciente de sua responsabilidade com a memória histórica e cultural do nosso país, refletindo criticamente sobre a realidade que o envolve e sabendo utilizar o conteúdo do Curso de Arquivologia de forma ética e política, tendo consciência da importância da repercussão social do uso da informação.

No campo intelectual deve estar preparado para a investigação técnico-científica, para produzir e difundir conhecimentos, buscando o aprimoramento constante através da educação continuada. (Projeto Político Pedagógico da UFBA, 2009, p. 7).

Outra questão valorizada no projeto da UFBA é a liberdade proporcionada pela estrutura composta por disciplinas obrigatórias, optativas e complementares. Defende-se que o curso é um percurso e que, desse modo, podem haver alternativas de trajetórias. Com a seleção de disciplinas optativas ou complementares, o aluno pode aproveitar melhor suas habilidades, contornar deficiências, realizar desejos pessoais e imprimir seu próprio ritmo e direção ao curso.

No projeto da UFSC é abordada a questão da contextualização do conhecimento arquivístico em âmbito local e mundial, conforme versado na descrição do problema dessa pesquisa.

Embora o Curso de Arquivologia da UFSC, que este PPC desenvolve como proposta de ação esteja situado geograficamente no Estado de Santa Catarina, sua influência extrapola este território.

Essa noção de uma abrangência mais vasta, se ancora no fato que o egresso do Curso de Arquivologia da UFSC será um profissional que portará o conhecimento de seu campo. Um campo que decorre de uma configuração teórica mundial, de um lado, e de experiências e práticas profissionais com o mundo da gestão da documentação de negócios, de estado, de saúde, de educação, seja em âmbito corrente ou em âmbito histórico. (Projeto Político Pedagógico da UFSC, 2013, p. 15-16).

Essa perspectiva é reforçada pelo posicionamento de Luciana Duranti, em que defende que existem conteúdos específicos vinculados à cultura local, mas que, contudo, há uma essência da disciplina arquivística, em que inclui:

aquisição, referência e serviço público, promoção, ética da profissão. Também inclui a gestão dos documentos de arquivo - com classificação, registro, guarda, desenho de bases de dados, conservação. Tal conteúdo é comum para todos os ambientes. Além disso, cada currículo deve incluir Diplomática Geral, que é válida em todas as partes, e Diplomática Especial, a qual só se refere à criação e manutenção do documento de arquivo de um lugar específico; história da administração do próprio país e das leis desse país que sejam arquivisticamente relevantes (isto além das leis arquivísticas, leis de direito autoral, de acesso à informação e de privacidade, etc.); história da criação de documentos de arquivo e de manutenção do documento de arquivo e história dos arquivos e literatura arquivística ao redor do mundo, administração das instituições arquivísticas, destino dos documentos de arquivos digitais, métodos de pesquisa. (DURANTI apud Projeto Político Pedagógico da UFSC, 2013, p. 16).

A UFSC também aborda em seu projeto a questão da atualização do currículo frente às inovações tecnológicas e a importância da educação continuada:

[...] o currículo deverá ter como preocupação a inserção das inovações tecnológicas como recurso operacional no processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, as inovações de qualquer natureza poderão ser tratadas como conteúdo das disciplinas de Tópicos Especiais. Além disso, este currículo deixa aberta a possibilidade de educação continuada, permitindo que profissionais já formados possam a ele retornar, como forma de atualização. (Projeto Político Pedagógico da UFSC, 2013, p. 21).

Na UEL, o projeto político pedagógico também destaca a importância da educação continuada do profissional, sob o argumento de que este

No campo científico, deve ter sido estimulado para as práticas na investigação de novos saberes para a área: gerar, disseminar e propor pesquisas relacionadas às novas tendências, que contribuam para a formação de conhecimento da Arquivologia. Deve estar em constante busca por atualização acadêmica, realizando uma educação continuada. (Projeto Político Pedagógico da UEL, 2013, p. 11).

No projeto da UNIRIO várias questões diferenciadas são abordadas. Entre elas: a prática da cidadania; a compreensão das necessidades sociais; o envolvimento com problemas coletivos; a preocupação com a conservação meio ambiente; a articulação entre ensino, pesquisa e extensão; a contextualização do currículo dentro das possibilidades práticas de operacionalização e a busca pela valorização profissional.

A formação do profissional de Arquivologia deve ser planejada e desenvolvida considerando-se a realidade concreta do campo de atuação profissional. Nesse sentido, entende-se que os futuros arquivistas devem estar preparados para exercer uma prática profissional cotidiana, mediada pela teoria e pela constante reflexão contextualizada e coletiva. Reafirma-se, nesse Projeto Pedagógico, a necessidade de desenvolver uma formação ampla voltada para uma atividade reflexiva e investigativa. Assim, a Escola de Arquivologia deverá propiciar uma sólida formação técnico-científica, cultural e humanística, preparando o arquivista para que tenha:

- Autonomia intelectual, capaz de desenvolver uma visão de cidadania plena, necessária ao exercício de sua profissão, como um profissional crítico, criativo e ético, capaz de compreender e intervir na realidade e transformá-la;
- Capacidade de desenvolver relações solidárias, cooperativas e coletivas;
- Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio-econômicos, culturais, políticos e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de preocupar-se em conservar o equilíbrio do ambiente;
- Constante desenvolvimento profissional, exercendo uma prática de formação continuada e que possa empreender inovações na sua área de atuação.

Deste perfil geral decorrem os objetivos que orientam a formação do profissional da arquivologia na UNIRIO, levando-o a:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando e atuando com a diversidade humana;
- Questionar a realidade formulando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação;
- Compreender de forma ampla e consistente o processo educativo, considerando as características das diferentes realidades e níveis de especialidades em que se processam;
- Articular o ensino, a pesquisa e a extensão, buscando a produção do conhecimento e a solução de desafios e de problemas da prática arquivística;
- Lutar pela valorização do profissional de Arquivologia. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Arquivologia da UNIRIO, 2006, p. 10-11).

Outra importante colocação no projeto político pedagógico da UNIRIO é relativa aos processos de reestruturação curricular. O projeto vigente foi elaborado em 2006 dentro do entendimento de que:

a mudança no currículo não deve ser vista apenas como uma questão meramente técnica, mas que deve ser norteadas por questões fundamentais que se impõem ao profissional arquivista na sociedade atual, onde as barreiras culturais e sociais tendem ao esfacelamento, através, principalmente, da tecnologia interativa. Mais ainda, que o currículo não pode ser pensado independentemente das circunstâncias, condições e práticas sociais de onde vai ser operacionalizado e que o currículo é mais um instrumento que vai nortear o processo ensino-aprendizagem, mas não o único. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Arquivologia da UNIRIO, 2006, p.3)

Confrontando as propostas pedagógicas nacionais com as perspectivas de formação internacional, podemos afirmar que em ambos os contextos os objetivos educacionais encontram-se em sintonia.

Mundialmente, a Arquivologia também, após muitas décadas de esforços, parece agora ter assegurado o seu lugar no âmbito universitário. Os educadores desta área caminham na direção quanto à definição de um saber arquivístico de base. Apesar dos progressos, a profissão ainda sofre da carência de normas que possibilitem o desenvolvimento dos melhores meios de transmitir seu saber. Outra dificuldade é a frequente necessidade de atualização dos currículos, pois os cursos transformam-se rapidamente em obsoletos face à diversificação de tarefas e ao desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação (COUTURE; MARTINEAU; DUCHARME, 1999).

As dúvidas relativas às relações interdisciplinares também são compartilhadas, assim como, a certeza da prioridade sobre o que lhe é específico.

Para além da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade que caracterizam a arquivística, uma escolha de ligação impõe-se relativamente aos programas de formação. O arquivista, como profissional responsável, tem obrigação de fazê-lo, senão outros escolherão por ele. Deve ele prosseguir na sua ligação com a história? Ou deve antes olhar as bandas da biblioteconomia e das ciências da informação ou ainda voltar-se para as ciências da administração, as ciências jurídicas ou até a informática? Seja qual for a orientação tomada, o arquivista tem vantagem em encará-la sempre e em compreendê-la como um compromisso que só é aceitável se lhe assegurar a salvaguarda da sua especificidade, da sua personalidade hoje em dia e no futuro. (ROSSEAU; COUTURE, 1998, p. 261)

Os conteúdos curriculares são, portanto, resultado natural da definição das finalidades e objetivos da formação. E ainda sobre os conteúdos, Rosseau e Couture (1998) acrescentam que consideram que cinco temas principais devem ser abordados: a) os fundamentos da Arquivística; b) as funções arquivísticas; c) a organização e a gestão dos serviços de arquivo; d) as disciplinas contributivas (ou complementares); e) o estágio. Esses temas poderão ser

identificados, de forma mais ou menos explícita, na análise das grades curriculares e ementas disciplinares desenvolvida no próximo capítulo.

6. AS PROPOSTAS CURRICULARES

Sempre existe o risco de demandar muito pouco ou de se apresentar pretensões exageradas.

(CASANOVA apud DURANTI, 2007, p. 43, tradução nossa)

A partir da análise das grades curriculares e das ementas disciplinares propostas nos currículos de cada curso de Arquivologia, separamos as disciplinas obrigatórias específicas das disciplinas obrigatórias complementares e as categorizamos dentre os seguintes grupos:

Conteúdos Específicos:

- Fundamentos Arquivísticos
- O profissional em Arquivologia
- Arquivo Permanente
- Preservação e Restauração
- Gestão de Documentos
- Gestão de Documentos Eletrônicos e/ou em Suportes Especiais
- Usuários
- Planejamento e Projetos
- Legislação Arquivística
- Pesquisa/Metodologia
- Estágio
- Trabalho de Conclusão de Curso

Conteúdos Complementares:

- Biblioteconomia
- Ciência da Informação
- Museologia
- História
- Paleografia
- Diplomática

- Notariado
- Sociologia
- Antropologia
- Psicologia
- Administração
- Contabilidade
- Direito
- Comunicação
- Ciência da Computação
- Estatística
- Letras/Linguística

Essa categorização foi baseada na idéia de classificação multifacetada, na qual um mesmo dado pode aparecer em mais de uma classificação. Nos quadros 21, 22, 23 e 24, disponíveis nesse capítulo, a classificação das disciplinas encontra-se detalhada por nome de disciplina. No entanto, ainda que a nomenclatura de algumas disciplinas possa não aparentar correspondência com determinada categoria, ressaltamos que a investigação sobre os currículos incluiu a análise das ementas disciplinares e que o conteúdo descrito nas ementas prevaleceu na classificação realizada.

As classificações relacionadas à Reprografia, por exemplo, se destacam pela multiplicidade de categorias em que as disciplinas encontram-se distribuídas. As práticas reprográficas tanto podem ser utilizadas com o objetivo de preservar documentos originais, como podem ser aplicadas na facilitação do processo de difusão em arquivos. Desse modo, consideramos que a Reprografia, além de auxiliar a conservação de documentos, compõe a gestão documental. No caso da classificação em gestão de documentos eletrônicos, identificamos as técnicas reprográficas sendo ministradas juntamente com as de microfilmagem, constituindo as técnicas de reprodução de documentos.

Contudo, a classificação das disciplinas Diplomática e Análise Documentária representam exceções ao método proposto. Em Diplomática, o nosso entendimento é de que, em função de sua abordagem atual, ela deva ser classificada tanto no conteúdo específico quanto no conteúdo complementar. No específico, em razão de ser base metodológica para a gestão

arquivística e no complementar, porque assim como outras disciplinas que têm ampliado e enriquecido a abordagem arquivística (por exemplo, Biblioteconomia, História e Paleografia), a Diplomática é uma disciplina distinta da Arquivologia. Outra exceção dentre as categorizações é o conteúdo de Análise Documentária, classificado junto à Biblioteconomia, por entendermos a sua vinculação histórica a essa disciplina.

Esclarecemos que a categorização disciplinar utilizada foi inspirada no estudo de Negreiros, Silva e Arreguy, apresentado na III Reparq, em outubro de 2013. Nesse sentido, além de incluir no levantamento os quatro cursos que não haviam sido investigados anteriormente, mantivemos algumas categorias propostas pelos autores e acrescentamos ou excluímos outras, tendo em vista os conteúdos das ementas. Nos conteúdos específicos, acrescentamos as categorias Estágio e Trabalho de Conclusão de Curso. Nos conteúdos complementares incluimos Estatística e excluímos Antropologia, Matemática, Economia, Ciências Políticas, Educação e Temas Diversos.

Apesar da maior parte dos cursos manter em seus sítios eletrônicos informações sobre a grade curricular vigente e respectivas ementas, as informações utilizadas como subsídio para este levantamento foram solicitadas, também, aos coordenadores dos cursos de graduação em Arquivologia, como forma de garantir a utilização de dados atualizados. Os cursos da UNIRIO, UFSM, UFF, UnB, UEL, UFES, UFRGS, UNESP/Marília, UFAM, UFMG, UFSC e UFPA retornaram-nos as solicitações. Nos demais cursos as informações curriculares foram extraídas dos sítios eletrônicos.

6.1 Conteúdos Curriculares Específicos

Em **Fundamentos Arquivísticos** foram classificadas as disciplinas relativas aos aspectos introdutórios da Arquivologia, em que nas ementas se destacavam os seguintes tópicos:

- a) Origem e princípios da Arquivologia;
- b) História dos Arquivos;
- c) A relação entre Arquivologia e memória;
- d) Epistemologia arquivística;

- e) O papel social da Arquivologia;
- f) Interdisciplinaridade em Arquivologia.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Introdução à Arquivologia (UNIRIO, UFSM, UnB, UFES, UFSC e UFPA); Fundamentos Arquivísticos (UFSM, UFF, UEL, UFRGS, UNESP/Marília, UEPB, UFMG, FURG e UFPB); Construção/História do Pensamento Arquivístico (UNIRIO e UFSC); História dos Arquivos e Documentos (UFBA e UFAM).

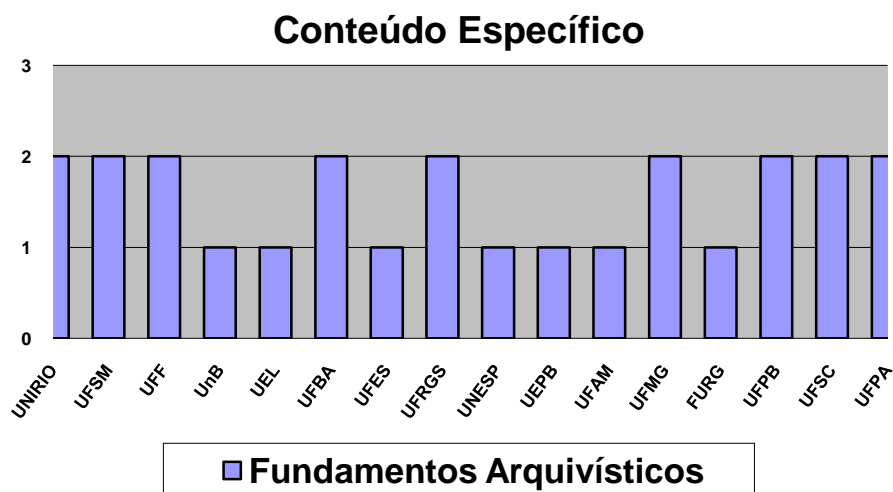


Gráfico 1: Disciplinas relacionadas à Fundamentos Arquivísticos.

Identificamos, conforme demonstrado no Gráfico 1, que mais da metade dos cursos contempla em seus currículos, ao menos, uma dessas disciplinas introdutórias e que o restante abrange duas disciplinas. A média de ocorrência é de 1,62. O resultado apurado comprova a existência, em todos os cursos, de disciplinas que privilegiam a abordagem de aspectos epistemológicos da Arquivologia e de sua respectiva importância social.

Em **O profissional em Arquivologia** foram classificadas as disciplinas relativas à formação e atuação do profissional arquivista. Abordam questões sobre ética, aspectos legais, papel social e mundo do trabalho. Em suas ementas destacam-se os seguintes tópicos:

- a) Ética, direitos e deveres do profissional;
- b) Regulamentação da profissão;
- c) Associações de Classe;
- d) Demanda profissional e mundo do trabalho.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Introdução à Arquivologia (UNIRIO, UFSM, UnB e UFES), Fundamentos Arquivísticos (UFF, UFMG e FURG), Ética e Legislação Arquivística (UFSM), Ética Profissional (UFRGS, FURG e UFSC), Atuação Profissional em Arquivologia (UNESP/Marília), Ética e Informação (UFF, UFPB e UFPA).

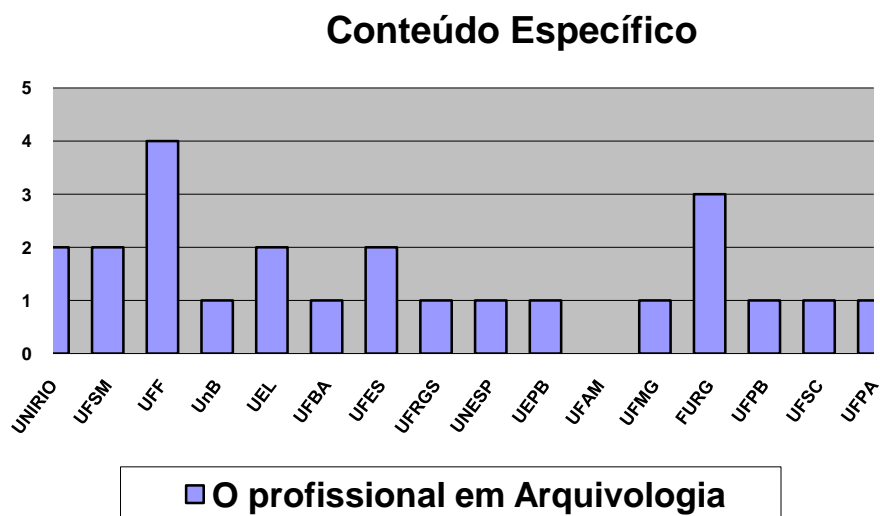


Gráfico 2: Disciplinas relacionadas ao Profissional em Arquivologia.

Identificamos, conforme demonstrado no Gráfico 2, que quase todos os cursos contemplam disciplinas que abordam questões relacionadas à formação do profissional em Arquivologia. Em uma parte dos cursos existem disciplinas exclusivamente voltadas para essa temática. Nos demais cursos, conforme explicitado nas ementas, o tema é discutido no âmbito de alguma outra disciplina mais abrangente. A média de ocorrência foi de 1,5.

Em **Arquivo Permanente** foram classificadas as disciplinas relativas às rotinas arquivísticas em sua fase permanente, aos aspectos que caracterizam os arquivos permanentes e à

difusão de arquivos (incluindo as ações culturais e *marketing*). Nas ementas das disciplinas identificadas se destacam os seguintes tópicos:

- a) Conceito de Fundo de Arquivo;
- b) Princípio de Proveniência/Respeito aos Fundos;
- c) Recolhimento;
- d) Arranjo;
- e) Conjuntos Documentais;
- f) Descrição;
- g) Difusão/Disseminação em Arquivo;
- h) Ações Culturais e *Marketing*.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Arquivos Permanentes (UFF, UnB, UFBA, UNESP/Marília, UEPB, UFMG, UFPB e UFSC), Arranjo e Descrição de Documentos (UNIRIO, UFSP e UFAM), Arranjo em Arquivos (UFRGS), Descrição Arquivística (UEL, UFBA, UFRGS, UNESP/Marília, UFMG, FURG e UFSC) e Difusão em Arquivos (UEL, UFRGS e FURG).

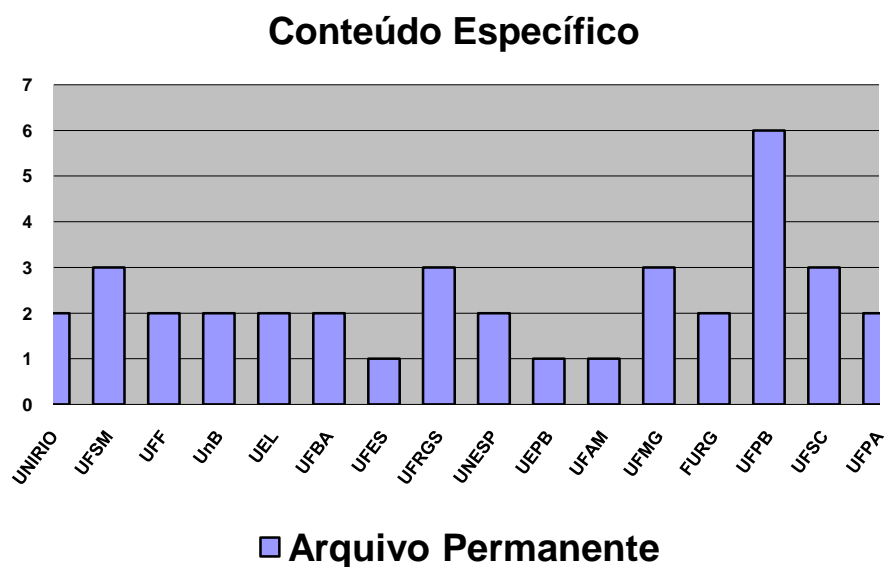


Gráfico 3: Disciplinas relacionadas a Arquivo Permanente.

Identificamos em todos os currículos, ao menos, uma disciplina relacionada a Arquivos Permanentes e na metade dos cursos, ao menos, duas disciplinas são relativas ao tema. Em alguns cursos o currículo apresenta três disciplinas que abordam assuntos relacionados a Arquivos Permanentes. No curso da UFPB, a temática se destaca com seis disciplinas no currículo. A média de ocorrência foi de 2,31.

Concluimos que as práticas e teorias relacionadas aos arquivos permanentes ocupam um lugar privilegiado dentro dos currículos dos cursos, o que consideramos um reflexo da relação intrínseca que os arquivos históricos têm com a Arquivologia, no que tange à sua epistemologia, ao seu objeto, às suas funções e ao seu lugar na sociedade.

Em **Preservação e Restauração** foram classificadas as disciplinas relativas às ações necessárias à preservação, conservação e restauração de documentos, incluindo-se documentos eletrônicos e digitais. Em suas ementas destacam-se os seguintes tópicos:

- a) Conceitos de preservação, conservação e restauração;
- b) Fatores e agentes que contribuem para a degradação de documentos;
- c) Técnicas e procedimentos que visam preservar, conservar e restaurar documentos;
- d) Reprodução de documentos.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Preservação/Conservação e Restauração de Acervos Documentais (UNIRIO, UFSM, UnB, UEL, UFBA, UFES, UNESP/Marília, UEPB, UFAM, UFMG, UFPB, UFSC e UFPA); Políticas de Preservação (UEPB e UFSC); Fundamentos da Preservação (UFRGS e FURG) e Reprodução e Documentos (UFF).

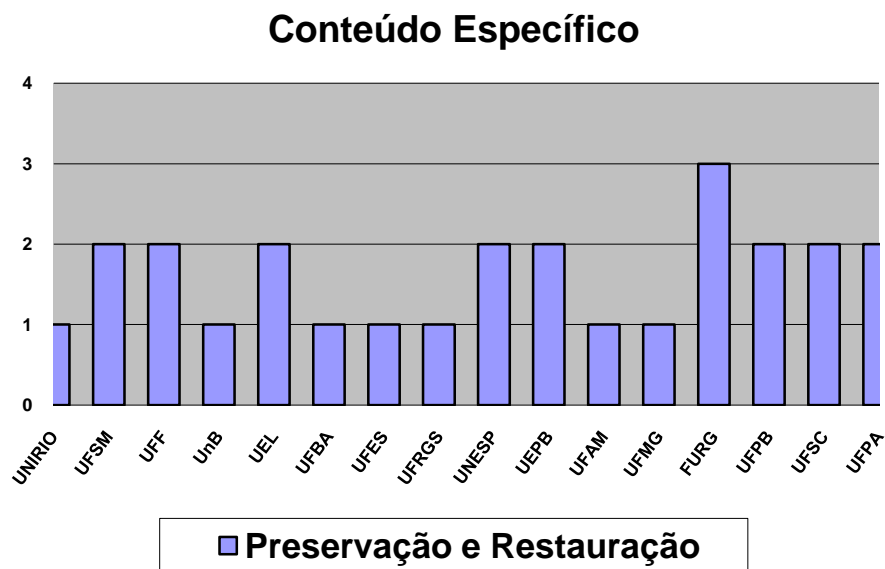


Gráfico 4: Disciplinas relacionadas à Preservação e Restauração.

Identificamos que a metade dos cursos contempla em seus currículos duas dessas disciplinas. O restante inclui, ao menos, uma disciplina sobre o tema e, em um dos cursos, o currículo engloba três disciplinas relacionadas à Preservação e Restauração. A média de ocorrência foi de 1,62.

O resultado aponta para a relevância do tema nos currículos dos cursos. A observação das ementas revela também que as disciplinas abordam desde questões tradicionais sobre preservação, relacionadas aos documentos em papel, até questões sobre as novas tecnologias de produção documental e informacional.

Em **Gestão de Documentos** foram classificadas as disciplinas relativas à gestão da produção documental e de arquivos em fase corrente e intermediária, em que nas ementas se destacavam:

- a) Arquivos correntes e intermediários;
- b) Protocolo, tramitação e uso;
- c) Arquivamento, acondicionamento e armazenamento;
- d) Equipamentos e Mobiliário;
- e) Empréstimo e consulta;

- f) Diplomática (e Tipologia Documental);
- g) Classificação;
- h) Avaliação;
- i) Transferência;
- j) Reprografia;
- k) Base de dados para gestão documental.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Gestão de Documentos (UNIRIO, UFF, UEL, UFES, UFRGS, UEPB, UFAM, UFMG, FURG, UFPB, UFSC e UFPA); Arquivo Corrente (UnB e UFBA); Arquivo Intermediário (UnB e UFBA); Diplomática (UNIRIO, UFSM, UFF, UFBA, UFRGS, UNESP/Marília, UEPB, UFAM, UFMG, FURG e UFSC); Diplomática e Tipologia Documental (UnB e UFPA); Classificação de Documentos (UNIRIO, UNESP/Marília, UFAM, FURG, UFSC e UFPA); Avaliação de Documentos (UNIRIO, UFSM, UFF, UEL, UFES, UFRGS, UEPB, UFMG e UFPA); Arquivística Aplicada (UFSM); Arquivos Especializados (UEL, UFRGS, FURG); Reprografia/Reprodução de Documentos (UFSM, UFF, UEL, UFRGS e UEPB).

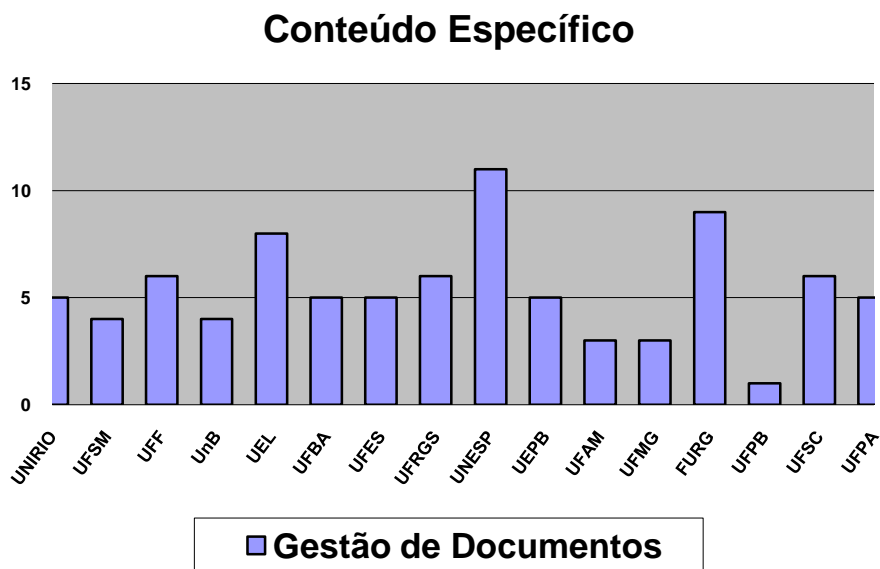


Gráfico 5: Disciplinas relacionadas à Gestão de Documentos.

É possível concluir que as disciplinas relacionadas à Gestão Documental são as que mais se destacam nos currículos dos cursos, entre as disciplinas específicas. Todos os cursos possuem disciplinas sobre o tema. A média na ocorrência é de 5,37. O que é bastante compreensível, uma vez que a gestão documental abarca a maior parte das técnicas arquivísticas, ou seja, o saber-fazer do profissional, como já previsto na Lei 8.159/1991.

Em **Gestão de Documentos Eletrônicos e/ou em Suportes Especiais** foram classificadas as disciplinas relativas à gestão e uso de documentos eletrônicos, digitais e em suportes especiais, tais como, microfilmes, documentos audiovisuais, fotografias e demais documentos imagéticos. Em suas ementas destacam-se os seguintes tópicos:

- a) Gerenciamento Eletrônico de Documentos (GED);
- b) Sistemas Informatizados de Gerenciamento Arquivístico de Documentos (SIGAD);
- c) Uso das tecnologias em Gestão Documental;
- d) Teorias Arquivísticas em ambiente eletrônico e digital;
- e) Integridade e Autenticidade de Documentos eletrônicos e digitais;
- f) Migração de Suportes (Reprografia, Digitalização, Microfilmagem e etc.);
- g) Gestão de acervos iconográficos;
- h) Repositórios Digitais.

Consideramos que a diferenciação entre gestão de documentos e gestão de documentos eletrônicos e/ ou suportes especiais contraria a própria definição de “arquivo”. Contudo, essa separação foi mantida nessa categorização de disciplinas por ser comumente usada nos currículos dos cursos.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Gerenciamento Eletrônico de Documentos (UNESP/Marília e UFAM); Banco de Dados Aplicados à Arquivologia (UFSM); Tecnologias da Informação (UFF, UFAM e UFPB); Diplomática Contemporânea (UEL); Gerenciamento/Gestão de Documentos Arquivísticos Digitais/Eletrônicos (UEL, UFRGS, UFMG e FURG); Reprografia e Microfilmagem (UFRGS e FURG); Documentação Audiovisual e Iconográfica (UEL e UNESP/Marília); Repositórios Digitais (UNESP/ Marília) e Arquivos Especiais (FURG).

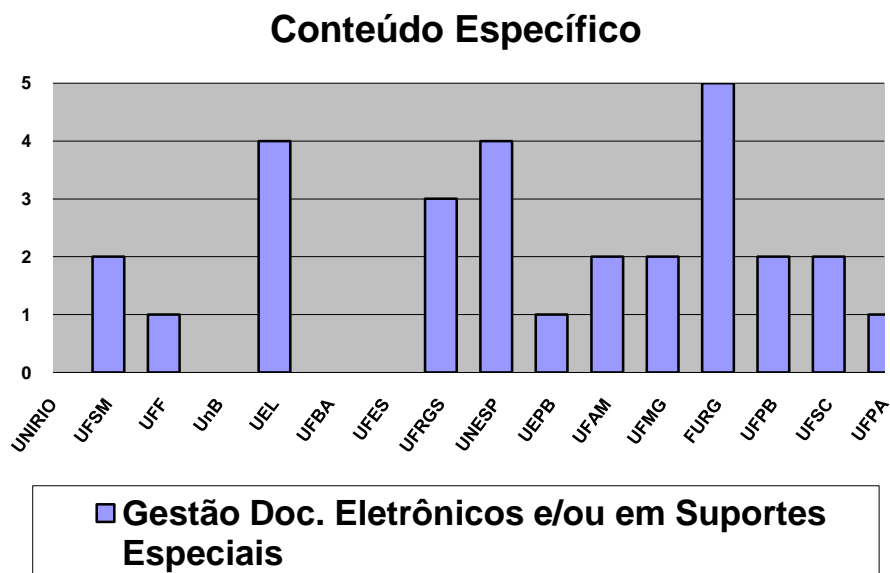


Gráfico 6: Disciplinas relacionadas à Gestão de Documentos Eletrônicos e/ou em Suportes Especiais.

Identificamos que a maioria dos cursos possui em seus currículos disciplinas sobre o tema. A média de ocorrência é de 1,81. Contudo, quatro cursos não contemplam nenhuma disciplina a respeito. O que causa certa estranheza, pois, ainda que essa carência possa estar sendo sanada por meio de outras disciplinas, não identificamos essa possibilidade descrita nas ementas analisadas.

Em **Usuários** foram classificadas as disciplinas relativas aos estudos dos usos e dos usuários de arquivo, em que nas ementas se destacavam os seguintes tópicos:

- a) Estudo de usuários;
- b) Comportamento informacional;
- c) Difusão em arquivos.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Estudo de Uso/Usuário de Arquivo/da Informação (UNESP/Marília, UEPB, UFAM, UFMG, FURG, UFPB e UFSC), Disseminação da Informação Arquivística (UFBA).

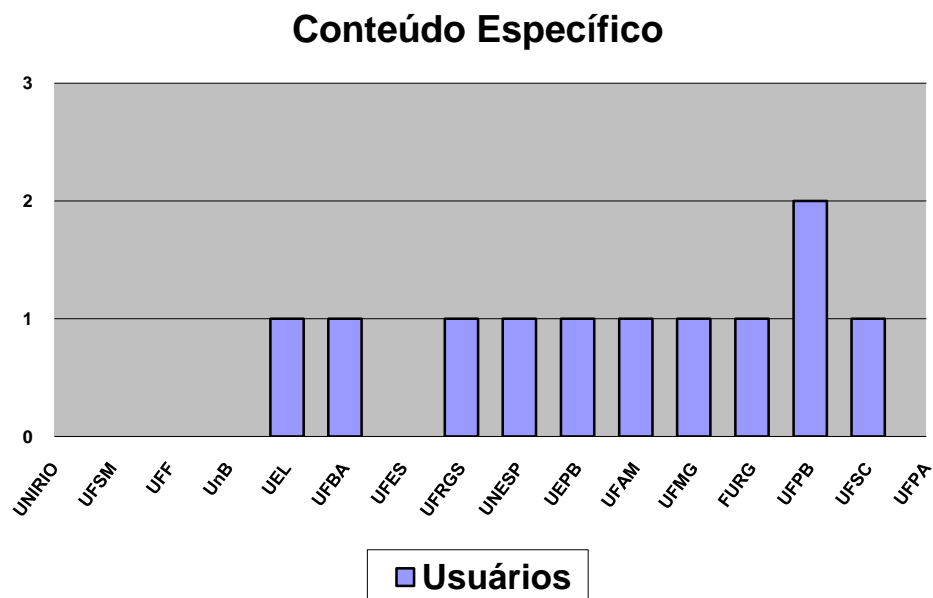


Gráfico 7: Disciplinas relacionadas à Usuários.

Identificamos que, apesar de mais da metade dos cursos dedicarem, pelo menos, uma disciplina ao estudo do usuário, a média de ocorrência foi a mais baixa, dentre as categorias de conteúdos específicos, ela ficou em 0,68. Acreditamos que é possível que uma disciplina sobre o tema seja o suficiente para abordar esse assunto; contudo, consideramos grave que em seis cursos não exista nenhuma disciplina a respeito e que tão pouco possamos identificar o tema usuário nas ementas analisadas.

Em **Planejamento e Projeto** foram classificadas as disciplinas relativas à teoria e prática na elaboração e execução de planejamentos e projetos arquivísticos, em que nas ementas se destacavam os seguintes tópicos:

- a) Projetos de arquivos;
- b) Planejamento e gestão de arquivos;
- c) Diagnóstico;
- d) Captação e Gestão de recursos;
- e) Sistemas de Arquivo.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Gestão de Serviços Arquivísticos (UNIRIO, UFF e UEPB); Gerência de Arquivos (UFSM); Projeto de Arquivo (UFSM, UEL e UFES); Planejamento e Gestão de Instituições Arquivísticas (UnB e UNESP/Marília) e Projetos e Sistemas de Arquivos (UFRGS).

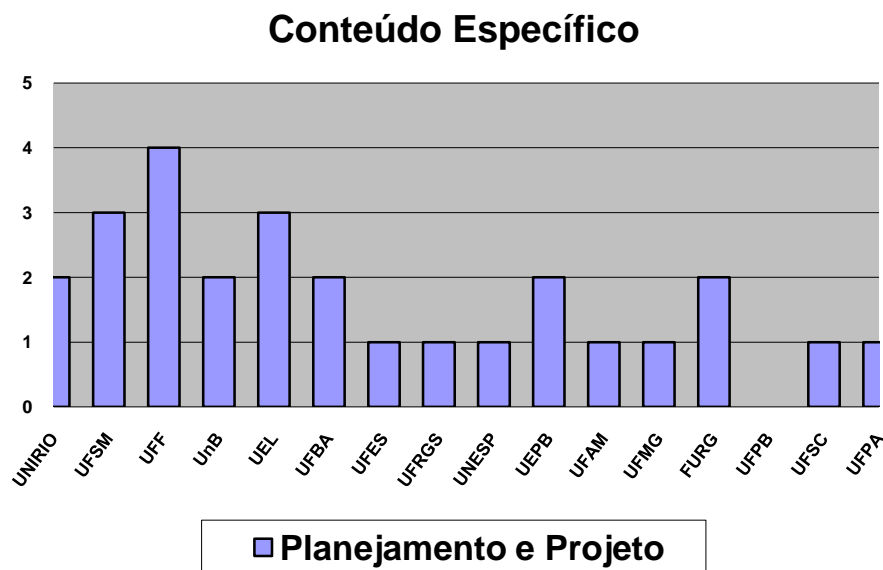


Gráfico 8: Disciplinas relacionadas a Planejamento e Projeto.

Identificamos que em todos os cursos as disciplinas relacionadas a Projeto e Planejamento se destacam nos currículos. A média de ocorrência é de 1,68. Metade dos cursos tem entre duas e quatro disciplinas sobre o tema na grade curricular. O resultado apurado demonstra a preocupação, em quase todos os cursos, em ministrar disciplinas que sistematizem o conhecimento teórico distribuído no currículo de forma aplicada e, principalmente, voltada para a sua utilização prática no mundo do trabalho.

Em **Política e Legislação Arquivística** foram classificadas as disciplinas relativas às normas legais arquivísticas e às políticas e sistemas de arquivos nacionais. Em suas ementas destacam-se os seguintes tópicos:

- a) Políticas nacionais de arquivos;
- b) Sistema nacional de arquivos;

- c) Associações;
- d) Legislação arquivística;
- e) Prazos prescricionais de documentos.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Legislação Arquivística Brasileira (UFPB); Política de Arquivos (UEL e UFBA); Mediação e Acesso a Informação Arquivística (UFES); Aspectos Éticos e Legais dos Processos Informacionais (UFF); Política e Legislação Arquivística (UFRGS, UNESP/Marília, FURG e UFPA).

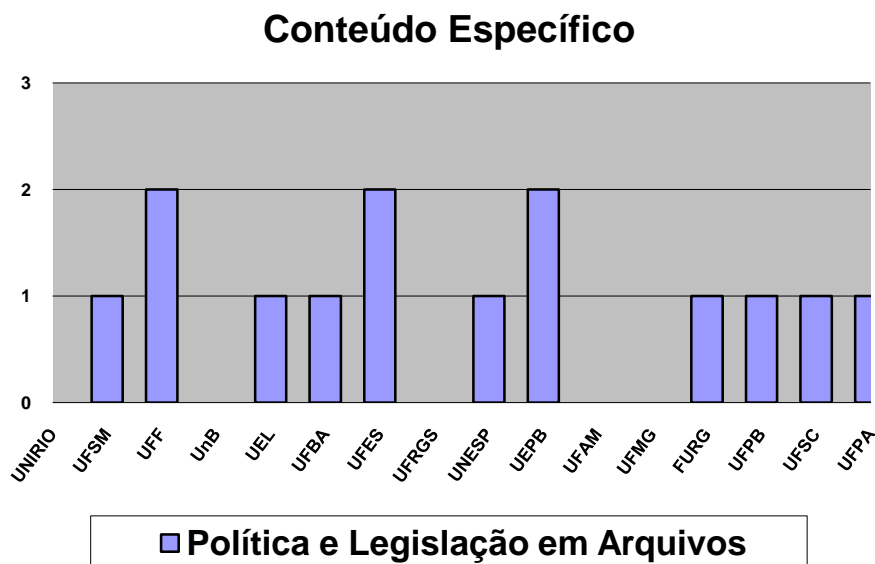


Gráfico 9: Disciplinas relacionadas à Política e Legislação em Arquivos.

Identificamos que a metade dos cursos contempla em seus currículos, ao menos, uma dessas disciplinas introdutórias e que, em alguns currículos, existem até duas disciplinas sobre o tema. A média de ocorrência é de 0,87, pois em aproximadamente um terço dos cursos não existe disciplina específica sobre políticas e legislação em arquivos. Não identificamos nas ementas desses cursos onde esse conteúdo é desenvolvido.

Em **Pesquisa/Metodologia** foram classificadas as disciplinas relativas aos métodos de pesquisa em Arquivologia e em Ciência da Informação e à elaboração de trabalhos científicos, em que nas ementas se destacavam os seguintes tópicos:

- a) Metodologia científica;
- b) Elaboração de trabalhos científicos;
- c) Normalização de trabalhos científicos.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Metodologia da Pesquisa (UNIRIO, UFSM, UFF, UFBA, UFRGS, UNESP/Marília, UFAM e FURG), Metodologia Científica (UNESP/Marília e UEPB); Métodos e Técnicas de Pesquisa (UFMG); Pesquisa Aplicada à Ciência da Informação (UFPB e UFPA); Produção de Trabalhos Científicos em Arquivologia (UEL) e Elaboração e Organização do Trabalho Científico (UFBA).

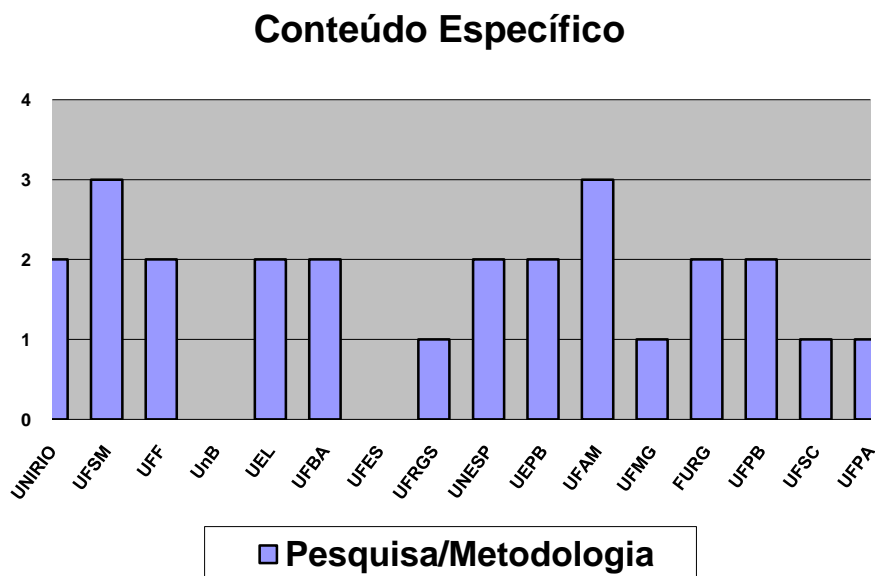


Gráfico 10: Disciplinas relacionadas à Pesquisa/Metodologia.

Identificamos que em quase todos os cursos existem disciplinas relacionadas à Pesquisa/Metodologia nos currículos. A média de ocorrência é de 1,62. A maioria dos cursos tem entre duas e três disciplinas sobre o tema na grade curricular. O resultado apurado demonstra a

preocupação, em quase todos os cursos, em auxiliar os alunos no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de incentivar a inserção do aluno nas atividades de pesquisa. Um dos cursos que não possuem disciplinas sobre pesquisa ou metodologia no currículo, o da UFES, exige o TCC, o que nos leva a crer que esse conteúdo é desenvolvido satisfatoriamente dentro da disciplina TCC. A única situação divergente é a da UnB, que além de não ministrar disciplinas específicas sobre pesquisa ou metodologia, não exige o TCC.

Em **Estágio** foram classificadas as disciplinas relativas ao desenvolvimento de atividades relacionadas à organização e gestão de arquivos, incluindo elaboração e implantação de projetos de arquivo e inserção prática-experimental em ambientes arquivísticos. Em suas ementas destacam-se os seguintes tópicos:

- a) Prática em gestão de documentos;
- b) Elaboração de Projetos de Arquivo;
- c) Implantação de Projetos de Arquivo.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Estágio Supervisionado (UNIRIO, UFSM, UnB, UEL, UFES, UEPB, UFAM, UFMG, FURG, UFSC e UFPA), Estágio em Arquivologia (UFRGS) e Estágio (UFBA).

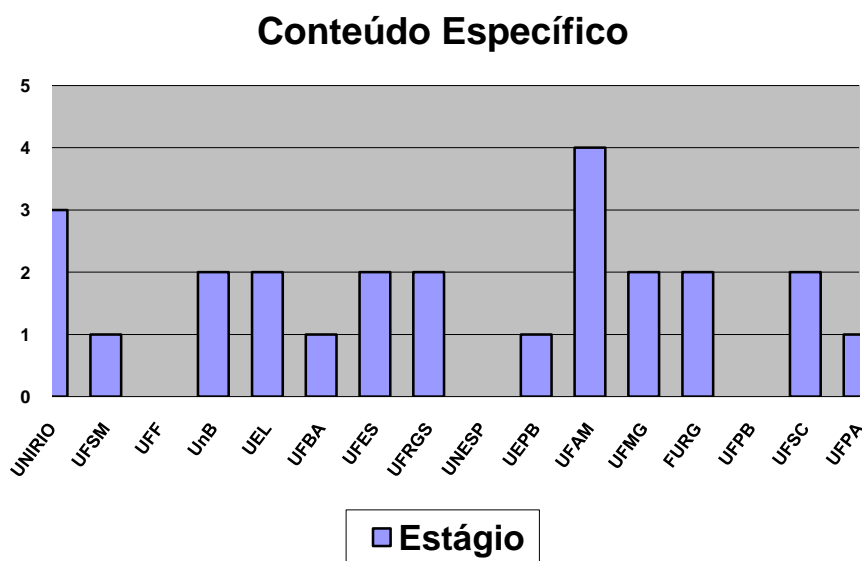


Gráfico 11: Disciplinas relacionadas a Estágio.

Identificamos que mais da metade dos cursos contempla em seus currículos disciplinas relativas às atividades de Estágio. A média de ocorrência é de 1,56. Em alguns cursos encontramos mais de uma disciplina de estágio. No entanto, nos cursos da UFF, UNESP/Marília e UFPB o estágio não é exigido.

Em **Trabalho de Conclusão de Curso** foram classificadas as disciplinas relativas à realização e defesa de trabalho monográfico sobre temas arquivísticos e correlatos.

As disciplinas identificadas são nomeadas, de forma igual ou semelhante, como: Trabalho de Conclusão de Curso (UNIRIO, UFSM, UFF, UEL, UFBA, UFES, UFRGS, UNESP/Marília, UFAM, FURG, UFPB, UFSC e UFPA) e Trabalho Acadêmico Orientado (UEPB).

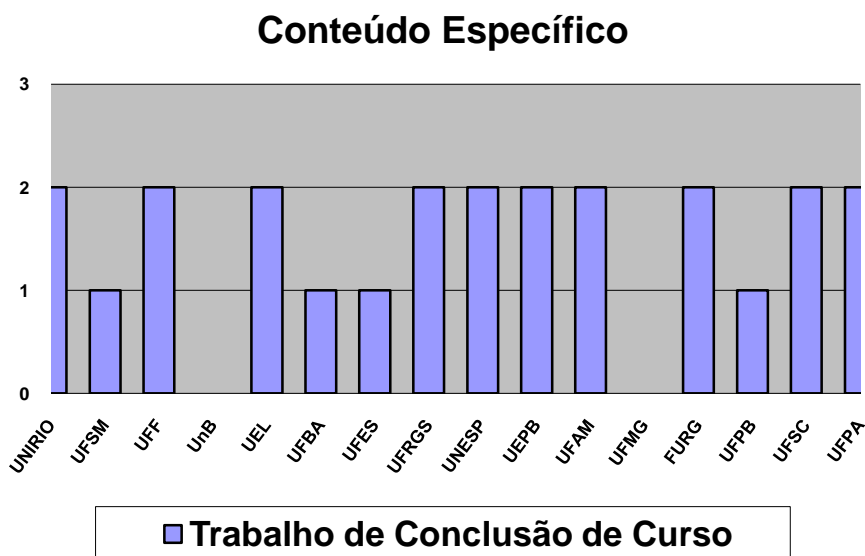


Gráfico 12: Disciplinas relacionadas à Trabalho de Conclusão de Curso.

Identificamos que a maioria dos cursos exige o TCC. Em dez cursos, duas disciplinas são relativas ao TCC. A média de ocorrência é de 1,5. Na UFMG o TCC é optativo e, na UnB, ele não consta no currículo.

Nos quadros 21 e 22, a seguir, apresentamos as classificações atribuídas às disciplinas específicas analisadas.

Quadro 21: Conteúdos Específicos I

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Fundamentos Arquivísticos	Introdução à Arquivologia	Introdução ao Estudo da Arquivologia	Fundamentos Arquivísticos I	Introdução à Arquivologia	Introdução à Ciência da Informação	Fundamentos da Arquivologia, Biblioteconomia e da Ciência da Informação	Introdução à Arquivologia	Fundamentos de Arquivologia
	Construção do Pensamento Arquivístico	Fundamentos da Arquivística	Fundamentos Arquivísticos II		Fundamentos de Arquivologia	História dos Arquivos e Documentos		Arquivos, Memória e Direitos Humanos
O profissional em Arquivologia	Introdução à Arquivologia	Introdução ao Estudo da Arquivologia	Fundamentos Arquivísticos I	Introdução à Arquivologia	Ética na Prática Arquivística	Formação Ética do Arquivista	Introdução à Arquivologia	Ética Profissional
	Construção do Pensamento Arquivístico	Ética e Legislação Arquivística	Fundamentos Arquivísticos II		Linguagem não Verbal na Prática Arquivística		Mediação e Acesso à Informação Arquivística	
			Políticas Informacionais					
			Ética e Informação					
Arquivo Permanente	Gestão da Informação Arquivística	Arranjo e Descrição de Documentos I	Arquivos Permanentes	Arquivo Permanente I	Descrição de Documentos	Descrição Arquivística	Arranjo e Descrição de Documentos	Arranjo em Arquivos
	Arranjo e Descrição de Documentos	Arranjo e Descrição de Documentos II	Ação Cultural em Unidades de Informação	Arquivo Permanente II	Difusão em Arquivos	Arquivos Permanentes		Descrição Arquivística
		Referência e Difusão em Arquivo						Difusão em Arquivos

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Preservação e Restauração	Conservação Preventiva de Documentos	Conservação Preventiva de Arquivos	Preservação e Conservação de Acervos Documentais	Conservação e Restauração de Documentos	Preservação e Conservação de Acervos Documentais	Preservação de Acervo	Preservação em Unidades de Informação	Fundamentos da Preservação de Documentos
		Restauração de Documentos	Reprodução de Documentos		Preservação Digital			
Gestão de Documentos	Gestão da Informação Arquivística	Arquivística Aplicada	Gestão de Documentos I	Diplomática e tipologia Documental	Introdução à Gestão de Documentos	Arquivos Correntes	Gestão de Documentos I	Gestão Documental em Arquivos
	Classificação de Documentos Arquivísticos	Avaliação de Documentos	Gestão de Documentos II	Arquivo Corrente I	Diplomática Contemporânea	Arquivo Intermediário	Gestão de Documentos II	Avaliação de Documentos
	Avaliação de Documentos Arquivísticos	Reprografia	Diplomática I	Arquivo Corrente II	Análise Documentária em Arquivos	Paleografia e Diplomática	Representação Temática I	Diplomática
	Diplomática	Diplomática	Diplomática II	Arquivo Intermediário	Classificação de Documentos	Tipologia Documental	Sistema Gerencial de Banco de Dados Aplicados à Gestão de Documentos	Planejamento e Elaboração de Bases de Dados
	Gestão de Documentos Arquivísticos		Avaliação e Seleção de Documentos		Avaliação de Documentos	Disseminação da Informação Arquivística	Avaliação de Documentos	Reprografia e Microfilmagem
			Reprodução de Documentos		Tecnologias de Reprodução de Documentos			Arquivos Especializados
					Práticas Arquivísticas Integradas			
					Arquivos Especializados			

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Gestão de Documentos Eletrônicos e/ou em suportes especiais		Banco de Dados Aplicados à Arquivologia	Tecnologias da Informação		Arquitetura da Informação no Âmbito dos Arquivos			Gerenciamento de Documentos Arquivísticos Digitais
		Processamento da Informação Digital			Tecnologias de Reprodução de Documentos			Documentos Digitais
					Gestão Arquivística de Documentos Digitais			Reprografia e Microfilmagem
					Documentos Audiovisuais			
Usuários					Comportamento Informacional	Disseminação da Informação Arquivística		Difusão em Arquivos
Planejamento e Projeto	Organização Prática de Arquivos	Gerência de Arquivos I	Gestão de Unidades de Informação	Planejamento e Gestão de Instituições Arquivísticas	Administração de Unidades e Serviços de Informação	Administração de Unidades de Informação	Projeto de Organização de Arquivos	Projeto e Sistemas de Arquivo
	Gestão de Serviços Arquivísticos	Gerência de Arquivos II	Políticas Informacionais	Projeto de Implementação de Sistemas Arquivísticos	Gestão de Arquivos	Planejamento de Unidades de Informação		
		Projeto de Arquivo	Gestão de Serviços Arquivísticos		Elaboração de Projetos em Arquivos			
			Gestão de Instituições Arquivísticas					

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Política e Legislação em Arquivos		Ética e Legislação Arquivística	Aspectos Legais dos Processos Informacionais		Políticas de Arquivo	Políticas de Arquivo	Legislação sobre Guarda de Documentos	Políticas e Legislação em Arquivos
			Políticas Informacionais				Mediação e Acesso à Informação Arquivística	
Pesquisa/Metodologia	Metodologia da Pesquisa Arquivística	Metodologia da Pesquisa	Metodologia da Pesquisa I		Perspectivas Metodológicas da Pesquisa Científica	Metodologia da Pesquisa Científica		Metodologia da Pesquisa Aplicada às Ciências da Informação
	Pesquisa em Arquivística	Seminário de Pesquisa I	Metodologia da Pesquisa II		Produção de Trabalhos Científicos em Arquivologia	Elaboração e Organização do Trabalho Científico		
		Seminário de Pesquisa II						
Estágio	Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado em Arquivologia		Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado I	Estágio	Estágio Supervisionado I	Estágio em Arquivologia I
	Estágio Supervisionado II			Estágio Supervisionado II	Estágio Supervisionado II		Estágio Supervisionado II	Estágio em Arquivologia II
	Estágio Supervisionado III							
Trabalho de Conclusão de Curso	TCC I	Trabalho de Conclusão de Curso	Trabalho de Conclusão de Curso I		Trabalho de Conclusão de Curso I	Trabalho de Conclusão de Curso	Trabalho de Conclusão de Curso	Introdução ao Trabalho de Conclusão - Arquivologia
	TCC II		Trabalho de Conclusão de Curso II		Trabalho de Conclusão de Curso II			Trabalho de Conclusão de Curso de Arquivologia

Fonte: Elaboração própria com base nas grades curriculares e ementas disciplinares dos cursos de graduação em Arquivologia.

Categoria Disciplinar	UNESP/Marília	UEPB	UFAM	UFMG	FURG	UFPB	UFSC	UFPA
Gestão de Documentos	Vocabulários Controlados em Arquivos				Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados Arquivísticos			
	Sistema Integrado de Gestão				Prática Arquivística III			
	Arquivos Empresariais							
	Automação de Arquivos							
Gestão de Documentos Eletrônicos e/ou em suportes especiais	Metadados de Objetos Digitais	Documentos Digitais	Tecnologias da Informação	Gestão Arquivística de Documentos Eletrônicos	Produção de Documentos Eletrônicos	Tecnologia da Informação I	Gestão Eletrônica de Documentos	Tecnologia de Reprodução e Armazenamento de Documentos
	Documentação Audiovisual e iconográfica		Gerenciamento Eletrônico de Documentos	Biblioteca, Arquivos e Museus Digitais	Gerenciamento Arquivísticos de Documentos Eletrônicos	Tecnologia da Informação Arquivística	Informática em Arquivos	
	Gerenciamento Eletrônico de Documentos				Introdução às Técnicas de Fotografia			
	Repositórios Digitais				Arquivos Especiais			
					Reprografia e Microfilmagem			
Usuários	Serviços e Usuários da Informação em Arquivos	Uso e Usuários da Informação Arquivística	Estudo do Usuário de Arquivo	Usuários da Informação	Estudo de Uso e Usuários da Informação	Estudos de Usuário da Informação	Estudo de Usuário da Informação	
Planejamento e Projeto	Planejamento e Gestão de Unidades Arquivísticas	Gestão de Serviços Arquivísticos	Gestão de Arquivos	Planejamento e Gestão de Redes e Sistemas de Arquivos	Planejamento e Organização de Arquivos		Planejamento e Gestão de Arquivos	Gestão de Instituições Arquivísticas

Categoria Disciplinar	UNESP/Marília	UEPB	UFAM	UFMG	FURG	UFPB	UFSC	UFPA
Planejamento e Projeto		Gestão de Instituições Arquivísticas			Projetos e Sistemas de Arquivos			
Política e Legislação em Arquivos	Legislação e Políticas Públicas em Arquivos	Aspectos Éticos e Legais dos Processos Informacionais			Política e Legislação em Arquivos	Legislação Arquivística Brasileira	Políticas de Informação	Política e Legislação Arquivística
		Políticas Arquivísticas						
Pesquisa/Metodologia	Metodologia Científica	Metodologia Científica	Metodologia do Trabalho Acadêmico	Métodos e Técnicas de Pesquisa	Metodologia da Pesquisa em Ciência da Informação I	Pesquisa Aplicada à Ciência da Informação	Metodologia em Arquivologia	Pesquisa Aplicada à Ciência da Informação
	Metodologia da Pesquisa Científica	Seminário de Pesquisa em Arquivística	Metodologia da Pesquisa I		Metodologia da Pesquisa em Ciência da Informação II	Metodologia do Trabalho Científico		
			Metodologia da Pesquisa II					
Estágio		Estágio Supervisionado	Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado A	Estágio Supervisionado I		Estágio Supervisionado I	Estágio Supervisionado em Arquivologia
			Estágio Supervisionado II	Estágio Supervisionado B	Estágio Supervisionado II		Estágio Supervisionado II	
			Estágio Supervisionado III					
			Estágio Supervisionado IV					

Categoria Disciplinar	UNESP/Marília	UEPB	UFAM	UFMG	FURG	UFPB	UFSC	UFPA
Trabalho de Conclusão de Curso	Trabalho de Conclusão de Curso	Trabalho Acadêmico Orientado	Trabalho de Conclusão de Curso		Trabalho de Conclusão de Curso I	Trabalho de Conclusão de Curso	Projeto de Pesquisa em Arquivologia	Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
	Trabalho de Conclusão de Curso	TCC			Trabalho de Conclusão de Curso II		Trabalho de Conclusão de Curso em Arquivologia	Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

Fonte: Elaboração própria com base nas grades curriculares e ementas disciplinares dos cursos de graduação em Arquivologia.

6.2 Conteúdos Curriculares Complementares

A categorização em conteúdos complementares é relativa às disciplinas que acrescem ao currículo conhecimentos advindos de outras áreas. Em alguns casos foi identificada uma intensa relação de interdisciplinaridade entre a disciplina complementar e o conteúdo especificamente arquivístico. Em outros casos, essa relação foi observada em poucos cursos e de forma pontual, com a identificação da ocorrência de somente uma disciplina referente a determinados campos de conhecimento.

Os campos em que identificamos uma ocorrência pouco expressiva, com uma ou duas disciplinas por currículo e em apenas alguns cursos, foram:

- Museologia, na UFMG;
- Notariado, na UFRGS, UFAM e FURG;
- Sociologia, na UFF e UFAM;
- Antropologia, na UFPA;
- Psicologia, na UFRGS e UFAM;
- Contabilidade, na UFSM e UnB.

Os campos que demonstraram diversas ocorrências nos cursos e, supostamente, mais proximidade com a Arquivologia foram, hierarquicamente:

- Ciência da Informação (18,98%);
- Biblioteconomia (11,68%);
- Administração (11,32%);
- Ciência da Computação (10,59%);
- História (10,22%);
- Letras/Linguística (7,67%);
- Direito (5,84%);
- Diplomática (4,48%);

- Comunicação (4,02%);
- Estatística (4,02%);
- Paleografia (3,28%);
- Filosofia (2,92%).

As disciplinas relacionadas à **Ciência da Informação** são as com maior ocorrência entre os conteúdos complementares. A média de ocorrência é de 3,25. Elas foram identificadas em 12 cursos de Arquivologia e se destacam nos currículos de alguns cursos. São os casos da UFMG (com seis disciplinas), UNESP (com sete disciplinas), UEL (com oito disciplinas) e UFF (com 11 disciplinas).

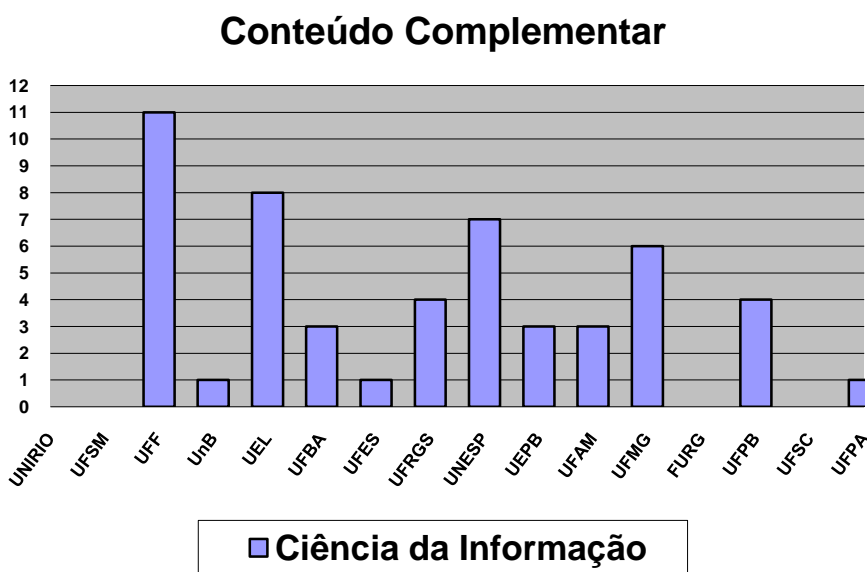


Gráfico 13: Disciplinas relacionadas à Ciência da Informação.

As disciplinas relacionadas à **Biblioteconomia** vêm em segundo lugar no *ranking* de maior ocorrência entre os conteúdos complementares. A média de ocorrência é de 2,0. Elas foram identificadas em 12 cursos de Arquivologia, com destaque nos cursos da UFMG, UnB e UFF.

Três cursos de Arquivologia estão vinculados a Departamentos ou Faculdades de Biblioteconomia (ou Documentação). Além disso, vários Departamentos, Faculdades ou Escolas de Ciência de Informação, em que funcionam cursos de Arquivologia, já foram Departamentos de Biblioteconomia (ou Documentação) e abrigam hoje, também, cursos de Biblioteconomia. Sendo assim, a proximidade institucional parece contribuir para a existência de diversas disciplinas de Biblioteconomia no currículo.

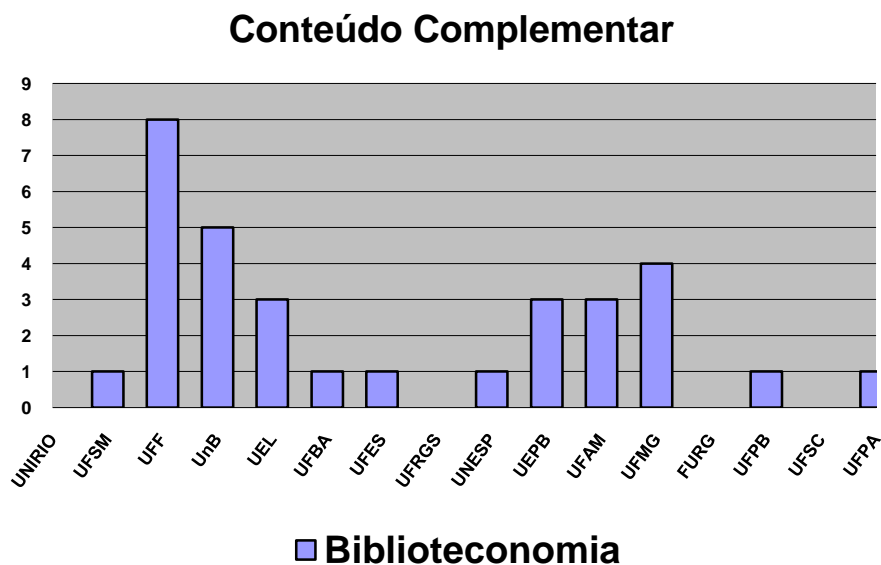


Gráfico 14: Disciplinas relacionadas à Biblioteconomia.

As disciplinas relacionadas à **Administração** também têm uma ocorrência expressiva entre os conteúdos complementares. A média de ocorrência é de 1,93. Elas foram identificadas em 11 cursos de Arquivologia, com destaque nos cursos da UnB, UFAM, UFMG e UFPB.

A proximidade entre os dois campos advêm da necessidade que o profissional de arquivo tem de compreender o funcionamento administrativo da instituição em que esteja atuando. Essa percepção descende de disciplinas sobre Organização e Sistemas, Teoria Geral da Administração, Métodos e Processos Administrativos, entre outras.

Além disso, os preceitos de gestão, tão caros à Administração, passam a ser relevantes para a Arquivologia, no âmbito da gestão de documentos, da informação e do conhecimento.

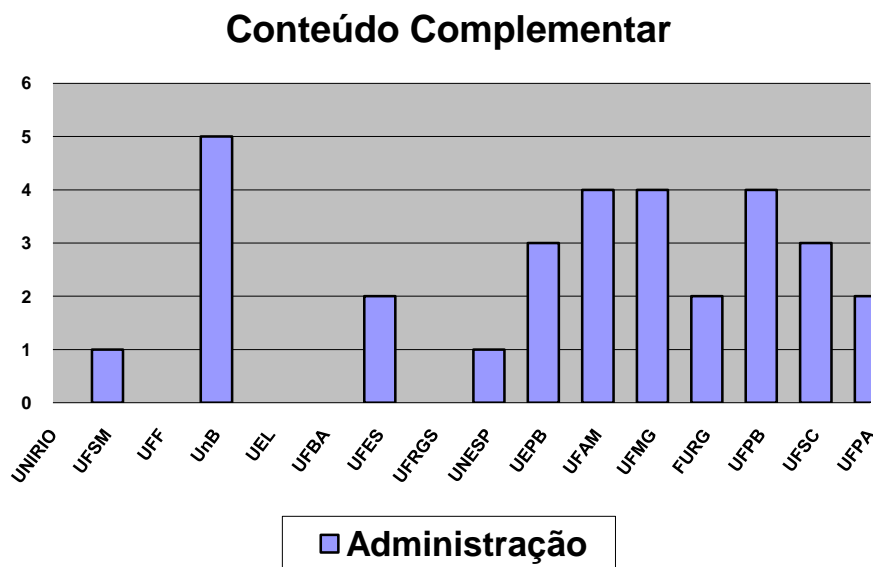


Gráfico 15: Disciplinas relacionadas à Administração.

As disciplinas relacionadas à **Ciência da Computação** têm a média de ocorrência é de 1,81. Elas foram identificadas em 13 cursos de Arquivologia, com destaque nos cursos da UEL, UNESP, UFAM, UFMG e UFPB.

A ocorrência de disciplinas da Ciência da Computação em quase todos os cursos se justifica, sobretudo, pelo crescimento e desenvolvimento das tecnologias, a disseminação dos sistemas de gestão eletrônica de documentos e da produção e uso de documentos eletrônicos e digitais. Estas disciplinas devem auxiliar aquelas de gestão de documentos eletrônicos e/ou digitais, que são obrigatórias nos currículos.

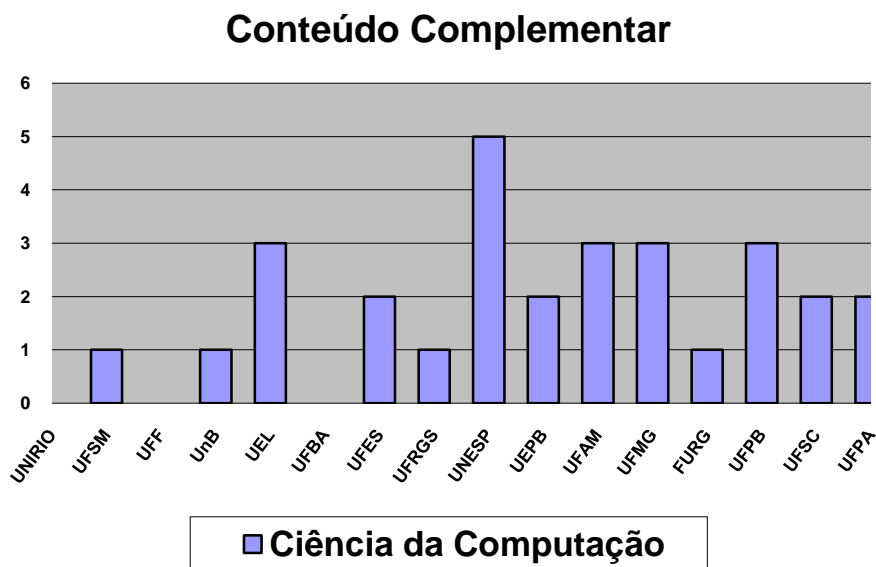


Gráfico 16: Disciplinas relacionadas à Ciência da Computação.

As disciplinas relacionadas à **História** têm a média de ocorrência é de 1,75. Elas foram identificadas em 12 cursos de Arquivologia, com destaque nos cursos da UNESP e UFSC.

Deste caso, a proximidade epistemológica se justifica não somente pelo fato de a Arquivologia ter sido, por longa data, considerada uma ciência auxiliar da história, mas principalmente, por partilharem interesses e preocupações comuns, tais como, a gestão e a conservação documental com fins de preservação da memória e do patrimônio histórico.

Há de se lembrar, também, que o primeiro curso de Arquivologia foi concebido por historiadores e funcionou no AN por 17 anos, até ser transferido para a FEFIERJ, hoje UNIRIO.

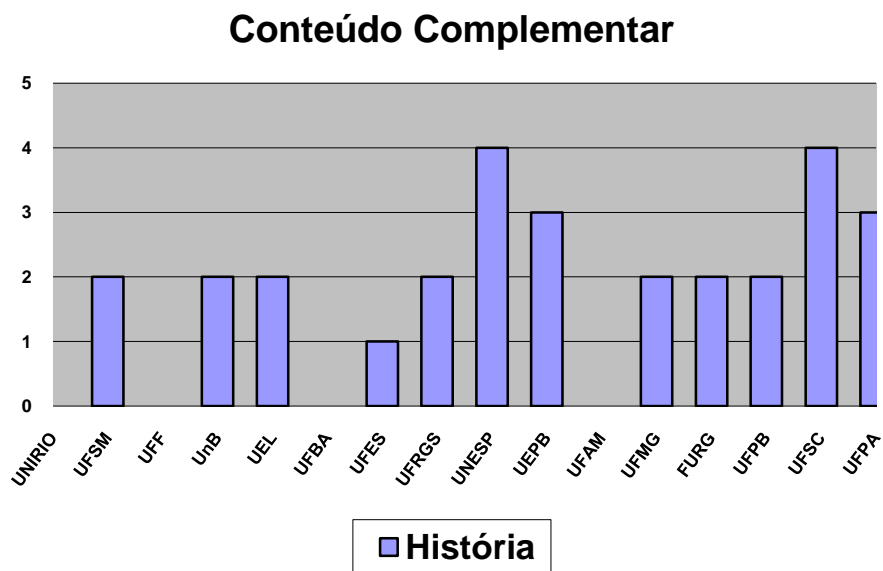


Gráfico 17: Disciplinas relacionadas à História.

As disciplinas relacionadas à **Letras/Linguística** têm a média de ocorrência de 1,31. Elas foram identificadas em 11 cursos de Arquivologia, com destaque nos cursos da UEL, UEPB e UFAM.

A maioria das disciplinas categorizadas em Letras/Linguística é relativa ao ensino de língua estrangeira instrumental. Em geral, Inglês, Francês ou Espanhol. Existem alguns casos relacionados à língua portuguesa e, usualmente, são sobre leitura, produção e oficina de textos. Estas disciplinas acabam sendo um instrumento valioso para os alunos lerem textos da literatura arquivística, ricos em conteúdo e frequentemente produzidos nesses idiomas.

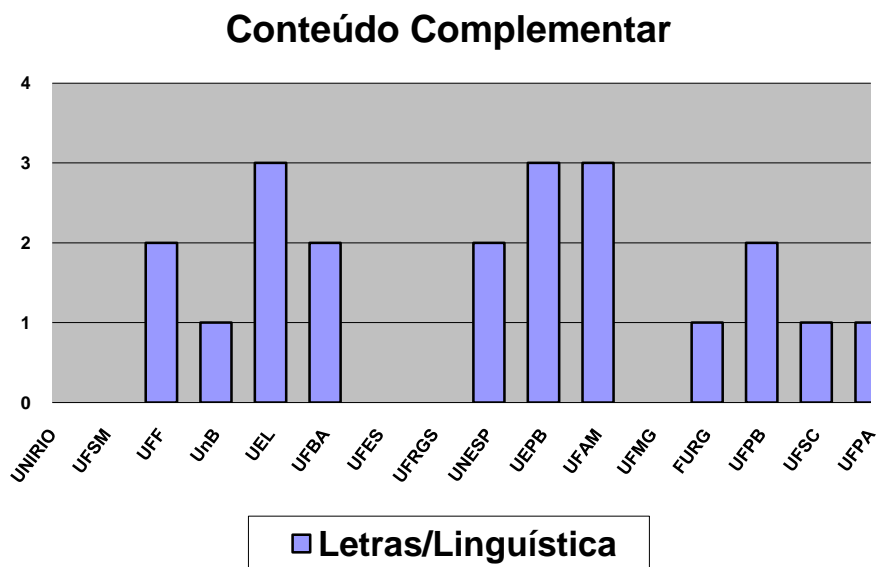


Gráfico 18: Disciplinas relacionadas a Letras/Linguística.

As disciplinas relacionadas ao **Direito** têm a média de ocorrência de 1,0. Elas foram identificadas em 11 cursos de Arquivologia, com destaque nos cursos da UnB, UNESP, UEPB, UFAM e UFPA.

De forma análoga ao caso da Administração, a demanda por disciplinas sobre o Direito deriva-se da necessidade de conhecer as organizações, assim como as regras e leis que regem o funcionamento das instituições públicas e privadas. Outra questão importante, relacionada ao Direito, é a perspectiva de prova do documento de arquivo.

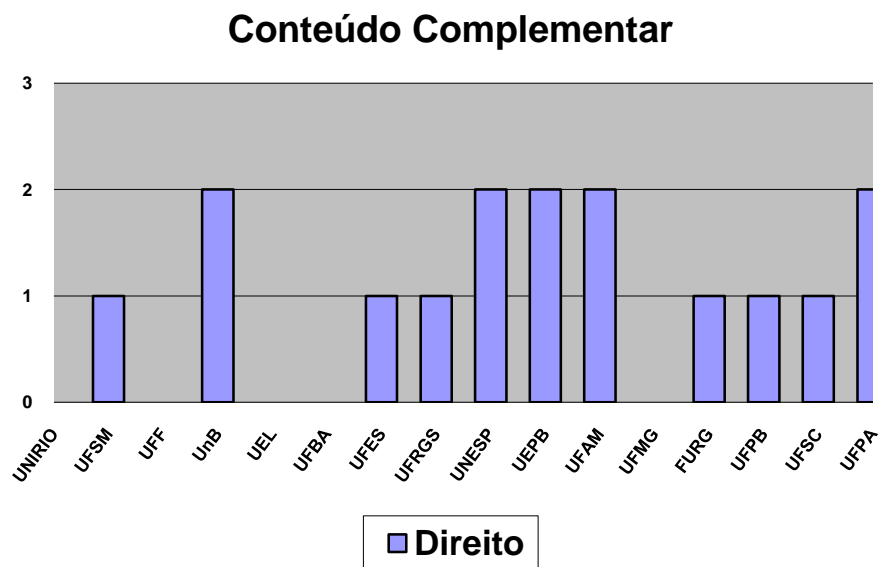


Gráfico 19: Disciplinas relacionadas ao Direito.

As disciplinas relacionadas à **Diplomática** têm a média de ocorrência de 0,93. Elas foram identificadas em 14 cursos de Arquivologia.

A justificativa para que quase todos os cursos tenham alguma disciplina sobre diplomática está relacionada à sua importância para a realização da gestão documental. Essa proximidade com a gestão faz parte de uma nova abordagem, pois tradicionalmente a Diplomática costuma estar relacionada ao tratamento de documentação acumulada nos arquivos permanentes. Em diplomática, de modo geral, estuda-se a gênese documental e as partes constitutivas dos documentos; tipologia documental; distinção entre originais e cópias; identificação de documentos autênticos, falsos e falsificados.

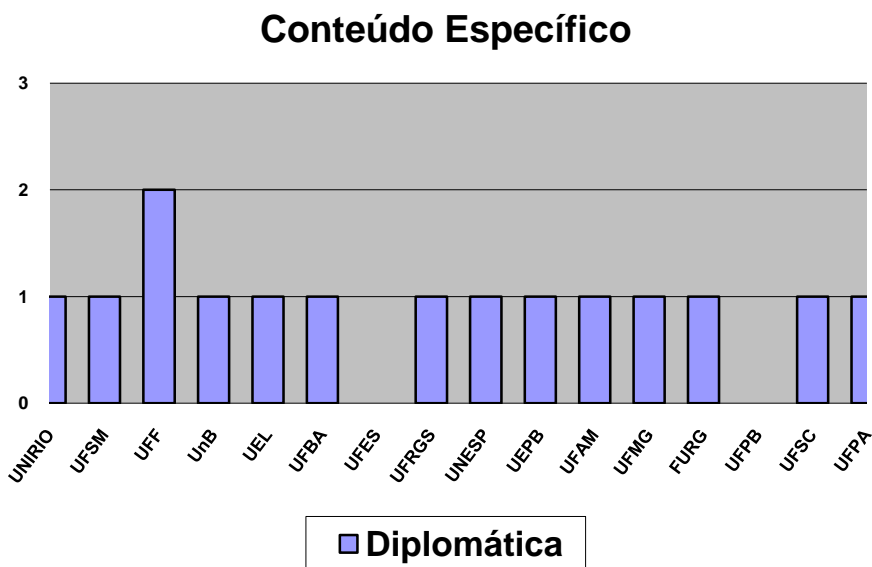


Gráfico 20: Disciplinas relacionadas à Diplomática.

As disciplinas relacionadas à **Comunicação** têm a média de ocorrência de 0,68. Elas foram identificadas em nove cursos de Arquivologia, com destaque nos cursos da UEL e UFRGS.

De modo geral, as disciplinas relativas à Comunicação são de caráter introdutório, tais como, Fundamentos Científicos da Comunicação; Introdução à Comunicação e Teorias da Comunicação.

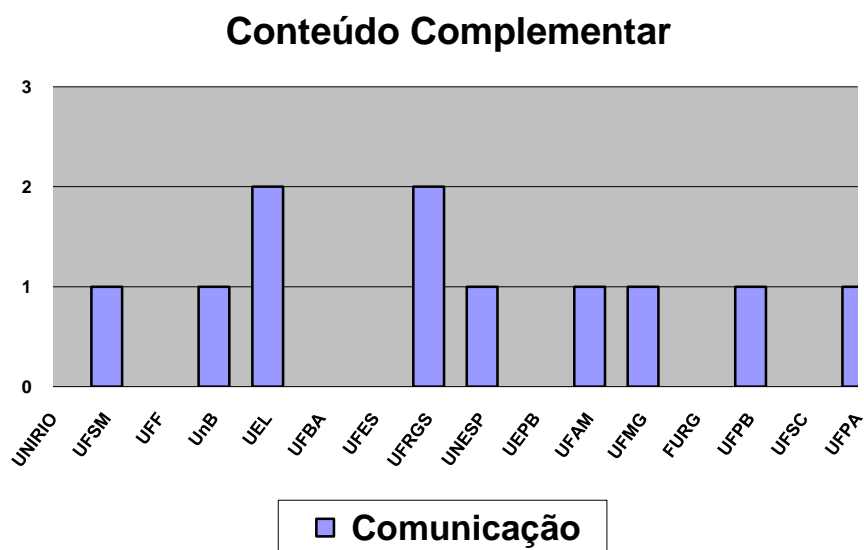


Gráfico 21: Disciplinas relacionadas à Comunicação.

As disciplinas relacionadas à **Estatística** têm a média de ocorrência de 0,68. Foi identificada uma disciplina por curso em 11 cursos de Arquivologia.

A maior parte das disciplinas está relacionada à Estatística Aplicada. A intenção explicitada nas ementas dos cursos é de utilizar as técnicas estatísticas na elaboração e desenvolvimento de pesquisas em Arquivologia.

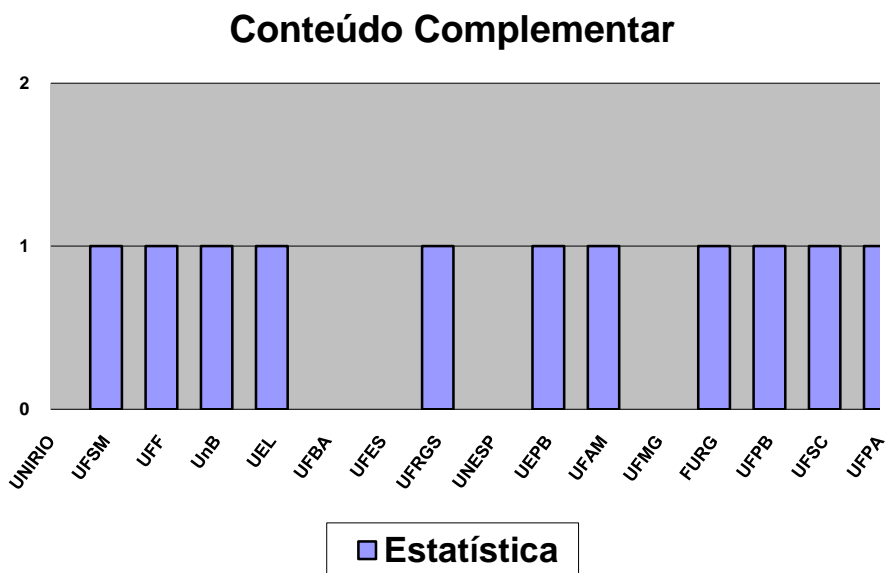


Gráfico 22: Disciplinas relacionadas à Estatística.

As disciplinas relacionadas à **Paleografia** têm a média de ocorrência é de 0,56. Elas foram identificadas em nove cursos de Arquivologia.

A ocorrência de disciplinas sobre Paleografia ocorre em somente metade dos cursos devido à sua usabilidade voltada para a gestão de documentos antigos. Em Paleografia, objetiva-se reconhecer as escritas da Antiguidade e distinguir os elementos que possibilitem a leitura de textos antigos, além de transcrever documentos de acordo com as normas brasileiras de transcrição paleográfica.

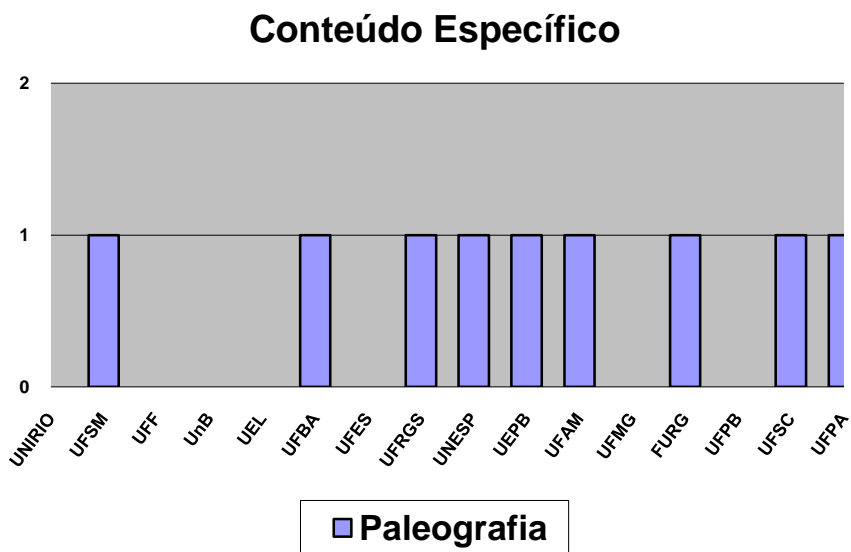


Gráfico 23: Disciplinas relacionadas à Paleografia.

As disciplinas relacionadas à **Filosofia** têm a média de ocorrência de 0,5. Elas foram identificadas em sete cursos de Arquivologia.

As disciplinas de Filosofia são introdutórias, tais como, Introdução à Filosofia; Introdução à Lógica e Fundamentos da Filosofia e Lógica.

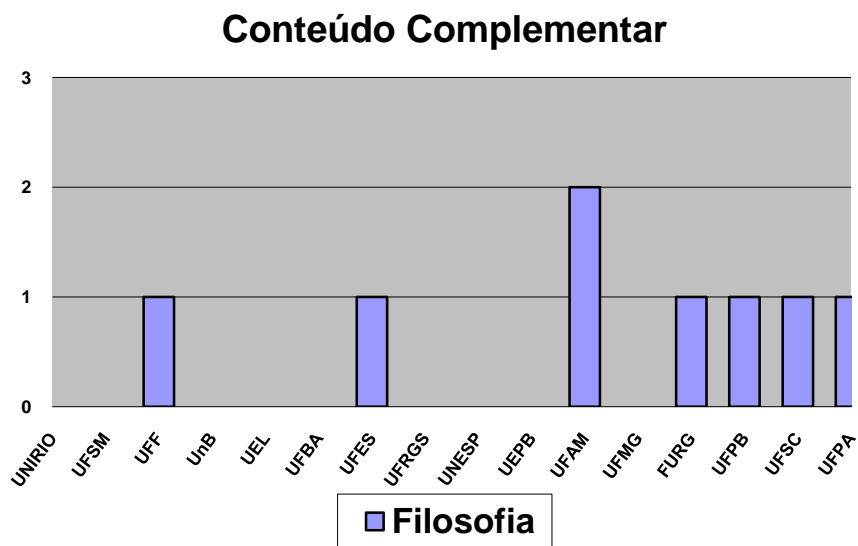


Gráfico 24: Disciplinas relacionadas à Filosofia.

Nos quadros 23 e 24, a seguir, apresentamos as classificações atribuídas às disciplinas complementares analisadas.

Quadro 23: Conteúdos Complementares I

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Biblioteconomia		Informação e Linguagens Documentárias	Análise de Documentos	Informática Documentária	Normalização Documentária	Fundamentos da Arquivologia, Biblioteconomia e da Ciência da Informação	Representação Temática I	
			Fontes de Informação Gerais e Especializadas	Introdução ao Controle Bibliográfico	Análise da Informação			
			Serviços de Referência e Informação I	Análise da Informação	Fontes de Informação Bibliográficas			
			Análise Documentária e Recuperação da Informação	Linguagens Documentárias				
			Representação da Informação	Indexação				
			Normas e Padrões para o Tratamento e a Recuperação da Informação					
			Linguagens Documentárias Notacionais					
			Laboratório de Linguagem Documentária Verbal					

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Ciência da Informação			Fundamentos Teóricos em Informação I	Análise da Informação	Introdução à Ciência da Informação	Fundamentos da Informação	Conhecimento e Linguagem	Fundamentos da Ciência da Informação
			Fundamentos Teóricos em Informação II		Organização da Informação e do Conhecimento	Fundamentos da Arquivologia, Biblioteconomia e da Ciência da Informação		História e Tendências dos Registros Humanos
			Fontes de Informação Gerais e Especializadas		Fontes Gerais de Informação	Tecnologias da Informação Arquivística		Conhecimento e Sociedade
			Serviços de Referência e Informação I		Memória, Informação e Sociedade			Introdução aos Estudos Históricos Aplicados à Ciência da Informação
			Aspectos Legais dos Processos Informacionais		Comunicação e Informação			
			Normas e Padrões para o Tratamento e a recuperação da Informação		Registros do Conhecimento			
			Tecnologias da Informação		Memória Organizacional			
			Políticas Informacionais		Análise da Informação			
			Ética e Informação					
			Representação da Informação					

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Ciência da Informação			Normas e Padrões para o Tratamento e Recuperação da Informação					
Museologia								
História		Introdução ao Estudo da História		Introdução ao Estudo da História	História Administrativa do Brasil		História e Memória	Introdução aos estudos Históricos Aplicados à Ciência da Informação
		História Social do Brasil		História Social e Política do Brasil	Cultura Afro-Brasileira			Arquivos, Memória e Direitos Humanos
Paleografia		Paleografia				Paleografia e Diplomática		Paleografia
Diplomática	Diplomática	Diplomática	Diplomática I	Diplomática e Tipologia Documental	Diplomática Contemporânea	Paleografia e Diplomática		Diplomática
			Diplomática II					
Notariado								Direito Notarial
Sociologia			Sociologia da Burocracia					
Filosofia			Introdução à Filosofia				Introdução à Filosofia	
Psicologia								Psicologia Social I
Administração		Introdução à Ciência da Administração I		Introdução à Administração			Introdução à Administração	Administração Aplicada às Ciências da Informação
				Organização e Sistemas			Organização e Métodos	
				Métodos e Processos Administrativos			Gestão Organizacional	

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Administração				Governo e Administração no Brasil				
				Comunicação e Negociação				
Contabilidade		Noções de Contabilidade		Sistemas Contábeis Aplicados à Arquivologia				
Direito		Direito Administrativo		Legislação Administrativa			Instituições de Direito Público e Privado	Instituições de Direito
				Instituições do Direito Público e Privado				
Comunicação		Introdução à Comunicação		Introdução à Comunicação	Comunicação e Expressão			Teorias da Comunicação
					Comunicação e Informação			Introdução à Fotografia
Ciência da Computação		Banco de dados Aplicados à Arquivologia		Introdução à Microinformática	Plataformas Digitais Aplicadas à Ciência da Informação		Tecnologia da Informação I	Planejamento e Elaboração de Bases de Dados
					Base de Dados no Âmbito da Ciência da Informação		Tecnologia da Informação II	
					Compartilhamento da Informação na Web			
Estatística		Estatística para Arquivologia	Estatística Básica Aplicada às Ciências Humanas	Estatística Aplicada	Estatística Aplicada a Ciência da Informação			Estatística Básica I

Categoria Disciplinar	UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Letras/Linguística			Oficina de Textos	Inglês Instrumental I (ou Francês, ou Espanhol)	Produção de Texto	Língua Portuguesa como Instrumento de Comunicação		
			Língua Estrangeira Instrumental I		Língua Inglesa Aplicada à Ciência da Informação	Inglês Instrumental I		
					Língua Espanhola Aplicada à Ciência da Informação			

Fonte: Elaboração própria com base nas grades curriculares e ementas disciplinares dos cursos de graduação em Arquivologia.

Quadro 24: Conteúdos Complementares II

Categoria Disciplinar	UNESP/Marília	UEPB	UFAM	UFMG	FURG	UFPB	UFSC	UFPA
Biblioteconomia	Análise Documental	Análise Documentária I	Análise Documentária	Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia		Representação e Análise da Informação		Linguagens de Indexação
		Análise Documentária II	História dos Registros do Conhecimento	Fundamentos de Organização da Informação				
		Fontes de Informação Gerais e Especializadas		Análise de Assunto				
				Linguagens de Indexação				
Ciência da Informação	Introdução à Ciência da Informação	Representação da Informação	Epistemologia da Ciência da Informação	Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia		Fundamentos da Ciência da Informação		Tecnologias da Informação e Comunicação
	Normalização	Tecnologias da Informação I	História dos Registros do Conhecimento	Fundamentos de Organização da Informação		Tecnologia da Informação I		
	Elementos Lógicos e Linguísticos em Organização e Representação do Conhecimento	Tecnologias da Informação II	Tecnologias da Informação	Cultura e Informação		Gestão da Informação e do Conhecimento		
	Registros e Suportes do Conhecimento			Fundamentos da Ciência da Informação		Representação e Análise da Informação		
	Métodos Quantitativos Aplicados à Ciência da Informação			Memória e Patrimônio Cultural				

Categoria Disciplinar	UNESP/Marília	UEPB	UFAM	UFMG	FURG	UFPB	UFSC	UFPA
Ciência da Informação	Arquitetura da Informação digital			Competência Informacional				
	Gestão da Informação e do Conhecimento							
Museologia				Introdução à Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia				
História	História da Cultura	Formação da Sociedade Brasileira		Memória e Patrimônio Cultural	Introdução aos Estudos Históricos	Introdução ao Estudo da História	História Oral, Documentos e Arquivos	História do Brasil e Acervos Documentais
	Memória e Patrimônio	História do Brasil Republicano		História Administrativa do Brasil e Regional	Brasil Contemporâneo: sociedade, cultura, economia e política	Informação, Memória e Sociedade	Memória, Patrimônio e Pesquisa	Formação Sócio Econômica e Política do Brasil e da Amazônia
	História do Brasil Colônia e Império	História da Paraíba					Introdução aos Estudos Históricos para Arquivologia	
	História do Brasil Contemporâneo						História do Brasil Contemporâneo	
Paleografia	Paleografia	Paleografia	Paleografia		Paleografia		Paleografia e Diplomática	Paleografia
Diplomática	Diplomática	Diplomática	Diplomática	Diplomática	Diplomática		Paleografia e Diplomática	Diplomática e Tipologia Documental
Notariado			Direito Notarial		Direito Notarial			
Sociologia			Sociologia I					
Antropologia								Antropologia Cultural I

Categoria Disciplinar	UNESP/Marília	UEPB	UFAM	UFMG	FURG	UFPB	UFSC	UFPA
Filosofia			Introdução à Filosofia		Introdução à Lógica	Lógica Formal	Evolução do Pensamento Filosófico e Científico	Fundamentos da Filosofia e da Lógica
			Lógica I					
Psicologia			Psicologia Geral I					
			Psicologia Social					
Administração	Teoria Geral da Administração	Introdução à Administração	Organização e Métodos	Teorias da Organização	Administração Aplicada à Arquivologia	Teoria Geral da Administração	Introdução à Administração	Organização e Métodos
		Teoria das Organizações	Teoria da Administração em Unidades de Informação	Organização e Métodos Aplicados à Arquivologia	Organização e Métodos	Marketing em Unidades de Informação	Métodos e Processos Administrativos	Teoria Geral da Administração
		Administração de Recursos Humanos	Direito Administrativo	Gestão de Unidades de Informação		Planejamento em Unidades de Informação	Organização e Sistemas	
			Planejamento de Unidades de Informação	Planejamento em Unidades e Sistemas de Informação		Organização, Sistemas e Métodos em Unidades de Informação		
Contabilidade								
Direito	Introdução ao Direito Público e Privado	Direito Administrativo	Direito Administrativo		Noções de Direito para Arquivologia	Direito Administrativo	Instituições de Direito Público	Instituições do Direito Público e Privado
	Introdução ao Direito Administrativo	Direito Comercial Tributário	Instituições do Direito Público e Privado					Introdução ao Direito Constitucional e Administrativo
Comunicação	Comunicação		Introdução à Comunicação	Cultura e Informação		Fundamentos Científicos da Comunicação		Tecnologias da Informação e Comunicação

Categoria Disciplinar	UNESP/Marília	UEPB	UFAM	UFMG	FURG	UFPB	UFSC	UFPA
Ciência da Computação	Introdução à Ciência da Computação	Tecnologias da Informação I	Informática Instrumental	Introdução à Informática	Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados Arquivísticos	Tecnologia da Informação Arquivística	Informática em Arquivos	Planejamento de Bases de Dados
	Autenticidade Digital	Tecnologias da Informação II	Tecnologias da Informação	Introdução aos Bancos de Dados		Geração de Bancos e Bases de Dados	Recuperação da Informação	Tecnologias da Informação e Comunicação
	Arquitetura da Informação digital		Geração e Uso de Bancos de Dados	Bibliotecas, Arquivos e Museus Digitais		Tecnologia da Informação I		
	Modelagem de Banco de Dados							
	Automação de Arquivos							
Estatística		Estatística	Complemento de Matemática e Estatística		Estatística Descritiva	Estatística III	Estatística Aplicada I	Estatística Aplicada à Ciência da Informação
Letras/Linguística	Inglês Instrumental I	Inglês Instrumental	Língua Portuguesa I		Produção Textual	Inglês/Francês Instrumental	Leitura e Produção de Texto	Língua Estrangeira Instrumental Espanhol
	Expressão Escrita em Língua Portuguesa	Oficina de Textos I	Inglês I			Leitura e Produção de Texto		
		Oficina de Textos II	Espanhol I					

Fonte: Elaboração própria com base nas grades curriculares e ementas disciplinares dos cursos de graduação em Arquivologia.

Conclui-se que todos os currículos dos cursos de Arquivologia são compostos por disciplinas específicas, que constituem o núcleo duro da Arquivologia, e por disciplinas complementares, que agregam aos currículos conhecimentos oriundos de outros campos de conhecimento.

Nas categorias específicas, identificamos entre os currículos uma relativa homogeneidade na existência de disciplinas relativas aos **Fundamentos Arquivísticos** e à **Preservação e Restauração**.

As disciplinas relativas a **Profissional em Arquivologia** também são frequentes nos currículos, embora não tenha sido identificada nenhuma disciplina no curso da UFAM. No curso da UFF, o tema encontra-se representado em quatro disciplinas.

As disciplinas relativas a **Arquivo Permanente** também têm representação homogênea nos currículos, com destaque para o curso da UFPB, que possui seis disciplinas que abordam essa temática em seu currículo.

As disciplinas relativas à **Gestão de Documentos** possuem representação em todos os cursos. Nos cursos da UNESP/Marília, FURG e UEL a ênfase nesse tema é maior, com a existência de, respectivamente, onze, nove e oito disciplinas relacionadas à gestão documental.

As disciplinas relativas à **Planejamento e Projeto** foram identificadas em quase todos os cursos. Destacam-se nos cursos da UFSM, UFF e UEL.

A **Gestão de Documentos Eletrônicos e/ou em Suportes Especiais** é abordada em quase todos os cursos, mas ocorre com destaque nos currículos da UEL, FURG, UNESP/Marília e UFRGS.

Identificamos uma pequena ocorrência de disciplinas relacionadas à categoria **Usuários**. Vários cursos não dispõem de uma disciplina específica a respeito do estudo de usuários em seus currículos, e nem mesmo a menção sobre o tema nas ementas. E nos cursos que abordam o assunto, a oferta é de somente uma disciplina. A exceção encontra-se na UFPB, que possui duas dessas disciplinas no currículo.

Política e Legislação de Arquivos também é um tema pouco representado nos currículos de Arquivologia. Em quase um terço dos cursos não identificamos disciplinas a respeito dessa temática, e na maioria em dos cursos em que identificamos a sua ocorrência, ela é

de uma disciplina. As exceções estão nos cursos da UFF, UFES e UFPB, que contemplam em seus currículos duas disciplinas com essa temática.

Pesquisa/Metodologia e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foram identificadas na maioria dos cursos. O curso da UFMG não exige o TCC, mas oferece disciplinas relativas à pesquisa e metodologia. Embora o TCC conste como disciplina opcional no currículo da UFMG, nos foi relatado que, até hoje, somente dois alunos optaram por fazê-lo. O curso da UFES não possui disciplinas sobre pesquisa e metodologia, mas exige o TCC, onde acredita-se, que o conteúdo relativo à pesquisa e metodologia seja suficientemente explorado. O caso da UnB foi o que mais nos chamou atenção, uma vez que não contempla em seu currículo nenhuma disciplina sobre pesquisa e metodologia e também não exige o TCC. Como forma de preencher essa lacuna, os alunos da UnB têm a possibilidade de participação no Programa de Iniciação Científica (PROIC). Contudo, assim como na UFMG, a oportunidade de envolvimento com pesquisas acaba restrita, pois fica facultada ao interesse por parte do aluno e a disponibilidade, por parte dos professores, de inclusão do aluno nos projetos de pesquisa.

A ausência da obrigatoriedade de disciplinas relativas a Estágio, em três cursos, também parece-nos preocupante. O estágio representa a única oportunidade de contato, durante o curso, com as atividades práticas do profissional. Ele proporciona ao aluno, por meio dessa inserção experimental no mercado de trabalho, a possibilidade de refletir sobre os conhecimentos adquiridos no curso e, até mesmo, de questionar sobre a pertinência de determinadas práticas. Além disso, o aluno pode avaliar a sua aptidão para o exercício profissional na área.

Nas categorias específicas, foi possível identificar melhor as nuances curriculares. Poucas áreas encontram-se representadas de forma homogênea nos currículos dos cursos de Arquivologia, sendo elas: **Estatística e Paleografia**.

Os campos em que encontramos uma ocorrência expressiva, mas irregular, foram, hierarquicamente: **Ciência da Informação, Biblioteconomia, Administração, Ciência da Computação, História, Letras/Linguística, Direito, Diplomática, Comunicação e Filosofia**.

A relação entre o destaque identificado para determinados campos de conhecimento será analisado comparativamente no capítulo 7, sobre o perfil acadêmico dos docentes dos cursos de Arquivologia, com a finalidade de compreender como a formação/titulação acadêmica dos professores, assim como a sua atuação em determinados

grupos de pesquisa, pode influenciar, ou não, a opção por disciplinas para compor a grade curricular dos cursos de graduação em Arquivologia.

7. CORPO DOCENTE

Nos processos de reforma curricular, o papel do docente é essencial. Em última instância, é aos professores que cabe a tarefa de implementar no cotidiano da sala de aula o que foi definido quando da elaboração do currículo.
(MARIZ, 2012, p. 195)

A revisão de literatura relativa aos docentes dos cursos de graduação em Arquivologia, realizada preliminarmente para compor o projeto de qualificação desta pesquisa, indicou a necessidade de aprofundamento no levantamento de informações a respeito da formação/titulação acadêmica destes professores, assim como de suas atuações em grupos de pesquisa.

No sítio eletrônico do CNPq, consultamos os currículos *lattes* dos professores e investigamos sobre as suas formações no âmbito da graduação, bem como suas titulações (especialização, mestrado e doutorado). Os grupos de pesquisa foram averiguados no Diretório dos Grupos de Pesquisa da mesma instituição.¹⁶

Ressaltamos que o levantamento sobre a formação/titulação dos docentes e sobre os grupos de pesquisa não esgota o perfil profissional desses professores. O perfil profissional também é composto pela experiência profissional adquirida fora do meio acadêmico. Como a experiência profissional dos docentes não foi mensurada nesse levantamento, os resultados obtidos, e denominados como perfil docente, são relativos ao perfil acadêmico dos professores.

Alguns cursos não atenderam à solicitação de informações sobre o quadro docente. Todavia, foi possível o acesso à relação de seus docentes por meio dos seus sítios eletrônicos. Ainda assim, a maioria dos cursos enviou a listagem de professores, sendo eles: UNIRIO, UFSM, UFF, UnB, UFES, UFRGS, UNESP/Marília, UFAM, UFMG, UFSC e UFPA.

7.1 Os docentes da UNIRIO

O corpo docente do curso de Arquivologia da UNIRIO é composto por 22 professores. A maioria deles é graduada em Arquivologia. Em segundo lugar vem a graduação em História, além de vários professores possuírem mais de uma habilitação.

¹⁶ Consultas realizadas entre dezembro de 2013 e junho de 2014.

A maior parte das especializações está diretamente relacionada à Documentação, Arquivos ou Ciência da Informação.

Mais de um terço dos professores é mestre em Memória Social e quase outro terço é mestre em Ciência da Informação.

Os doutorados são, em sua maioria, em Ciência da Informação, Educação e Memória Social.

Cabe-nos destacar que, considerando a recente criação do primeiro curso de mestrado em Arquivologia, não é identificada na UNIRIO, assim como em nenhum dos outros cursos, a existência de pós-graduados em Arquivologia. Entretanto, por falta de espaço próprio, é consenso que as pesquisas arquivísticas vêm sendo desenvolvidas no âmbito das pós-graduações de disciplinas correlatas, em especial dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UNIRIO atuam estão, quase que em sua totalidade, relacionados às questões arquivísticas. Sendo elas: memória, políticas públicas, informação e cultura documental. A única exceção registrada entre os conhecimentos complementares foi a Diplomática. No entanto, apesar de ser uma disciplina independente, a Diplomática também foi computada em Gestão de Documentos, por estar tão intrinsecamente relacionada à gestão documental.

Desse modo, inferiu-se que o currículo obrigatório do curso da UNIRIO é essencialmente composto pelas disciplinas específicas, ou seja, pelo núcleo duro da Arquivologia.

A tabela 1 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UNIRIO.

Tabela 1: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UNIRIO.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Arquivologia	14	Documentação e Informação	2	Memória Social	9	Ciência da Informação	5	Memória, Educação, Cultura e Arquivística	5
História	8	Ciência da Informação	2	Ciência da Informação	7	Educação	2	Núcleo de Documentação, História e Memória - NUBEM	2
Administração	2	Análise, Descrição e Recuperação da Informação	1	História	3	Memória Social	2	Políticas Públicas Arquivísticas	1
Jornalismo	1	Planejamento Organização e Direção de Arquivos.	1	Educação	1	História	2	Memória e Espaço	1
Sociologia	1	<i>Paleografia Medieval y Moderna</i>	1	Administração	1	Ciências Sociais	1	Informação, Memória e Sociedade	1
Direito	1	História do Brasil	1	Filosofia	1	Engenharia	1	Cultura Documental, Religião e Movimentos Sociais	1
Letras	1	<i>Record Management</i>	1					Centro de Estudos dos Oitocentos	1
Ciências Contábeis	1	Avaliação	1					Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cultural	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº		nº	Grupo	nº
Filosofia	1	Análise de Sistemas, Organização e Métodos	1					Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente	1
		Análise de Sistemas de Informações Gerenciais	1					Imaginário e Informação: estados culturais e comparativos	1
		MBA – <i>Management</i>	1					MIDisc - Memória, Informação, Discurso e Ciência	1
		Psicopedagogia	1					Estudos Avançados em Administração	1
								Gestão Empresarial, Turismo e Desenvolvimento Sustentável	1
Total*:	30		14		22		13		18

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sites eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UNIRIO, o quadro docente é composto por 22 professores.

7.2 Os docentes da UFSM

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFSM é composto por 11 professores. A maioria deles é graduada em Arquivologia. Em seguida vem a graduação em História e em Comunicação.

As especializações estão relacionadas à História, Pesquisa e Arquivos.

A maioria dos mestrados é em Engenharia de Produção e Educação, enquanto os doutorados são em Biblioteconomia e Documentação.

A maior parte dos grupos de pesquisa em que os professores da UFSM atuam estão relacionados à Arquivologia, História e Educação. Os temas que se destacam são: patrimônio documental, gestão eletrônica de documentos, estratégias de ensino e memória e história do trabalho.

De modo completamente oposto ao currículo do curso da UNIRIO, o currículo do curso da UFSM contempla em sua grade obrigatória ao menos uma disciplina de quase todos os campos de conhecimento categorizados como complementares. As únicas exceções são Ciência da Informação, Letras/Linguística e Filosofia.

Depreendeu-se que o currículo do curso da UFSM é essencialmente interdisciplinar e que o perfil docente identificado não é exatamente um reflexo da estrutura curricular. Todavia, de modo geral, percebeu-se que nos cursos onde os quadros docentes são menores, como é o caso da UFSM, os professores do curso de Arquivologia são responsáveis por ministrar as disciplinas específicas do curso, enquanto as disciplinas complementares são lecionadas em outros departamentos, por professores dos cursos a que se relacionam.

A tabela 2 resume as informações relativas às titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFSM.

Tabela 2: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFSM.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Arquivologia	9	História	2	Engenharia de Produção	3	Biblioteconomia e Documentação	3	Patrimônio Documental e Arquivístico	5
História	3	Pesquisa	1	Educação	2	História	1	Gestão Eletrônica de Documentos Arquivísticos	3
Comunicação	2	Arquivos Médicos	1	Computação	1	Informática	1	Heurística e Metaheurísticas: Desenvolvimento e Estratégias de Ensino Aprendizagem	1
Informática	1	Organização de Arquivos	1	Multimeios	1			Investigação-Ação Escolar e Educação Dialógico Problematicadora Mediada por Tecnologias Livres.	1
Desenho	1	Arquivo	1	Comunicação	1			Imagem, Memória e Informação	1
Artes Plásticas	1	Pensamento Político Brasileiro	1	História	1			Linguagem, Sentido e Memória	1
				Patrimônio Cultural	1			Mundos do Trabalho: História, Movimentos, Fontes e Acervos.	1
				Biblioteconomia	1			História do Trabalho	1
Total*:	16		7		11		5		14

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFSM, o quadro docente é composto por 11 professores.

7.3 Os docentes da UFF

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFF é composto por 24 professores. A maioria deles é graduada em História. Os demais são graduados em Biblioteconomia e História.

As especializações estão relacionadas à Arquivos, História, Biblioteconomia, Psicopedagogia, Ciência da Informação e Administração Estadual.

Quase metade dos professores é mestre em Ciência da Informação. Também existem vários mestrados em História, Comunicação e Educação.

Os doutorados são, em sua maioria, em Ciência da Informação, Educação e História Social.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFF atuam estão relacionados a questões diversas, no entanto, concentram-se na Ciência da Informação. Também é em Ciência da Informação que se concentra o maior número de disciplinas do currículo da UFF. São onze disciplinas relacionadas à Ciência da Informação, esse quantitativo supera o número de disciplinas relativas a qualquer um dos temas específicos analisados no currículo da UFF, assim como é o maior número de disciplinas de Ciência da Informação entre todos os cursos de Arquivologia.

Outro campo com significativa representatividade entre as disciplinas complementares é a Biblioteconomia, com oito disciplinas. É o curso com o maior número de disciplinas em Biblioteconomia.

No caso da UFF, a relação entre a estrutura curricular do curso e o perfil docente é bastante nítida. A ênfase curricular em Ciência da Informação e em Biblioteconomia é amparada pelo corpo docente por meio de dez graduações em Biblioteconomia, nove mestrados e nove doutorados em Ciência da Informação.

A tabela 3 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFF.

Tabela 3: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFF.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Biblioteconomia	10	Planejamento Organização e Direção de Arquivos	3	Ciência da Informação	9	Ciência da Informação	9	Ontologia e Taxonomia: aspectos teóricos e metodológicos	2
História	5	Documentação Científica	3	História	5	Educação	3	Informação, Discurso e Memória	2
Ciências Sociais	2	Organização de Arquivos	1	Comunicação	2	História Social	2	Grupo de Pesquisa Efetividade da Jurisdição (GPEJ)	2
Arquivologia	1	Capacitação Arquivística	1	Educação	2	Estudos Linguísticos	1	Gênese Documental Arquivística	1
Arquitetura e Urbanismo	1	Cultura e Arte Barroca	1	Sociologia e Antropologia	1	Comunicação	1	Organização e Representação do Conhecimento em Ambientes Digitais	1
Turismo	1	Governo e Administração Estadual	1	Biblioteconomia	1	História	1	TCult – Turismo Cultura e Sociedade	1
Pedagogia	1	<i>Librarianship and Information Work</i>	1	Processos Sócio Educativos e Práticas Escolares	1			NEPET – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Turismo	1
Educação Física	1	Psicopedagogia	1	Artes Visuais	1			Organização da informação e do conhecimento	1
Pintura	1	Conservação - Restauro de bens culturais móveis	1	Administração	1			Instituições, Políticas e Cultura da Informação	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso		Grupo	nº
Museologia	1	Informação Ambiental	1	Informação Científica – Sistemas de Informação	1			Estudos em Epistemologia, Ética e Política de Informação	1
Documentação – Sistemas de Informação	1	História	1	Engenharia de Sistemas e Computação	1			Grupo de estudos sobre a articulação do discurso	1
Engenharia Informática – Inteligência Artificial	1			Memória Social	1			Núcleo de Pesquisa Educação, Subjetividade e Sociedade	1
								Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Letramento	1
								MIDisC Memória, Informação, Discurso e Ciência	1
								Patrimônio Documental, Informação e Acesso	1
								Estudos em Epistemologia, ética e política de informação	1
								Bioinformática e genética molecular evolutiva	1
								Modelagem Conceitual para Organização Hipertextual de Documentos – MHTX	1
								Gestão e Uso da Informação e do Conhecimento	1
								Informação e Inclusão Social	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso		Grupo	nº
								Estudos sobre Gestão e Políticas Públicas de Informação	1
								NuPiLL – Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística	1
								Formação e atuação profissional em organização da informação	1
								Núcleo de Estudos em Informação e Mediações Comunicacionais Contemporâneas	1
								Grupo TEMMA	1
								Imaginário e informação: estudos culturais e comparativos	1
								Imagem, memória e informação	1
								Percurso e trajetórias da informação e do conhecimento: instituições, espaços de atuação e formação profissional	1
								História da profissão docente	1
								Núcleo de estudos de migrações, identidades e cidadania – NEMIC	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
								E/Migrações: histórias, culturas, trajetórias	1
Total*:		26	15	26	17				

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFF, o quadro docente é composto por 24 professores.

7.4 Os docentes da UnB

O corpo docente do curso de Arquivologia da UnB é composto por 14 professores, sendo todos doutores. A maioria dos professores é graduada em História. Em segundo lugar vem a graduação em Arquivologia.

As especializações estão relacionadas à Arquivologia, História e Inteligência Competitiva.

A maioria dos mestrados é em História, Ciência da Informação e Biblioteconomia.

Os doutorados concentram-se em Ciência da Informação e História.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UnB atuam estão relacionados, em sua maioria, às questões arquivísticas. Alguns grupos são relativos à Inteligência Competitiva, Arquitetura da Informação, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Entre as disciplinas complementares, a maior concentração foi identificada em disciplinas da Biblioteconomia e da Administração, embora tenha sido identificada representação em diversos campos de conhecimento, sendo eles: História, Diplomática, Contabilidade, Direito, Comunicação, Ciência da Computação, Estatística e Letras.

A ênfase em Administração relaciona-se com o fato do curso da UnB estar localizado na capital do país, o que lhe confere a peculiaridade de voltar-se para o atendimento da demanda profissional oriunda da administração pública.

A ocorrência de cinco disciplinas em Biblioteconomia e cinco em Administração também se justifica, provavelmente, pela proximidade nas vinculações acadêmicas desses cursos na UnB. O curso de Arquivologia foi criado no antigo Departamento de Biblioteconomia, que somente em 1992, já após a criação do curso de Arquivologia, passou a se chamar Departamento de Ciência da Informação e Documentação. E antes de fazer parte da Faculdade de Ciência da Informação (vinculação/nomenclatura atual) o Curso de Arquivologia era vinculado à Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação.

Nas disciplinas específicas, destacam-se as disciplinas relativas à Gestão de Documentos, Arquivos Permanentes e Planejamento e Projeto, que dialogam com a predominância da graduação de docentes em História e Arquivologia e da especialização em organização de arquivos.

No entanto, o que atrai a atenção é a distância entre o currículo da graduação e os diversos temas apresentados entre os grupos de pesquisa. É possível identificar um hiato entre as atividades desenvolvidas na graduação e as desenvolvidas na pós-graduação. Essa lacuna pode ser propiciada pela ausência de disciplinas relativas à pesquisa e metodologia científica e a não exigência do TCC, conforme identificamos na análise dos currículos realizada no capítulo 6.

A tabela 4 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UnB.

Tabela 4: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UnB.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
História	5	Organização de Arquivos	4	História	3	Ciência da Informação	8	Fundamentos históricos, teóricos e epistemológicos da Arquivologia	4
Arquivologia	3	<i>Political Parties After The Collapse</i>	1	Ciência da Informação	3	História	4	Acervos Fotográficos	3
Sociologia	2	Gestão Documental	1	Biblioteconomia	3	Documentação (Biblioteconomia e Documentação)	1	Imagem, Memória e Informação	3
Biblioteconomia	1	História		Memória Social e Documentos	1	Meio Ambiente e Desenvolvimento	1	Inteligência Organizacional e Competitiva	2
Letras	1	Práticas Audiovisuais	1	Multimeios	1			Lab4U	2
Engenharia de Sistemas	1	Inteligência Competitiva	1	Letras	1			Arquitetura da Informação	2
Engenharia Mecânica	1	Conservação e Preservação Fotográfica	1	Informática	1			R.E.G.I.I.M.E.N.T.O. – Arquitetura da Informação, Linguística Computacional e Multimodalidade, Mídias e Interatividade.	1
								Informação, <i>Design</i> e Usabilidade	1
								Biblioteca Digital	1
								Profissional da Informação	1
								Preservação de Bens Culturais	1
								Museologia, Patrimônio e Memória	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
								Conservação de Obras em Papel	1
								Estudo de Materiais	1
								Organização da Informação	1
								Preservação Digital	1
								Gênese Documental Arquivística	1
								Representação e organização da informação e do conhecimento	1
								Competência em Informação	1
Total*:		14		13		14			29

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sites eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UnB, o quadro docente é composto por 14 professores.

7.5 Os docentes da UEL

O corpo docente do curso de Arquivologia da UEL é composto por 11 professores. A maioria deles é graduada em Biblioteconomia. Em segundo lugar vem a graduação em Arquivologia.

As especializações estão relacionadas à Arquivologia, Ciência da Informação, Educação, Administração e Psicologia.

A maioria dos mestrados e dos doutorados é em Ciência da Informação. Além daqueles em Educação e em Computação.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UEL atuam estão relacionados à Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia. É possível identificar no currículo do curso a influência desses três campos de conhecimento. Nas disciplinas específicas, quase todos os temas tem, ao menos, duas disciplinas obrigatórias a respeito de cada tema específico sobre Arquivologia. Gestão de Documentos e Gestão Eletrônica de Documentos e/ou em Suportes Especiais têm um maior destaque, com a ocorrência de oito disciplinas sobre a primeira e de cinco disciplinas sobre a segunda. Nas disciplinas complementares, a ênfase em Ciência da Informação prevalece, com a ocorrência de sete disciplinas no currículo do curso. Destaca-se também a Biblioteconomia, com três disciplinas. Ou seja, os mesmos campos que predominam na formação/titulação e atuação docente em grupos de pesquisa, predominam na grade curricular do curso.

A tabela 5 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UEL.

Tabela 5: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UEL.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Biblioteconomia	6	Organização de Arquivos	3	Ciência da Informação	5	Ciência da Informação	2	Interfaces Contemporâneas da Informação	2
Arquivologia	4	Ciência da Informação	1	Gestão da Informação	2	Educação	1	Organização da Informação no Âmbito da Saúde	2
Educação Física	1	Educação Infantil de Séries Iniciais	1	Computação	1	Informação, Documentação e Conhecimento	1	Processos e produtos de análise e síntese na representação da informação em áreas básicas e atendimento à comunidade.	2
Comunicação	1	Metodologia da Ação Docente	1	Educação	1			Competência em informação: suas múltiplas relações	1
Psicologia	1	Administração de <i>Marketing</i> e Propaganda	1					NESS – Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais	1
								Metodologia do Ensino Superior	1
		Psicologia organizacional do Trabalho	1					Processos de Organização e compartilhamento da informação e do conhecimento	1
								Gestão de Arquivo: Acesso e Memória	1
				Sistemas de Arquivos Universitários	1				
				Leitura, Biblioteca Escolar e Cidadania	1				
				Informação e Conhecimento	1				
Total*:	13		9		9		4		14

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UEL, o quadro docente é composto por 11 professores.

7.6 Os docentes da UFBA

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFBA é composto por 27 professores. A maioria deles é graduada em Biblioteconomia.

As especializações estão relacionadas a diversas áreas, entre elas: Arquivologia, Inteligência Competitiva, Educação, Biblioteconomia, Administração, Redes e Bases de Dados.

Quase metade dos professores é mestre em Ciência da Informação. O restante é mestre em Biblioteconomia, História, Letras, Educação e Física.

Os doutorados são, em sua maioria, em Ciência da Informação e Educação.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFBA atuam estão relacionados à Ciência da Informação, Arquivologia e Educação.

Apesar de mais da metade dos professores da UFBA serem graduados em Biblioteconomia, não identificamos nenhum destaque para disciplinas relacionadas à área, pelo contrário, a ocorrência é de somente uma disciplina no currículo do curso.

No caso da Ciência da Informação, campo que lidera os mestrados e doutorados dos professores da UFBA, identificamos um pequeno destaque entre as disciplinas complementares com a existência de três disciplinas sobre a área no currículo da graduação.

Inferimos que o currículo da UFBA, apesar de o corpo docente ser predominantemente oriundo de outras áreas, concentra-se nas disciplinas específicas de Arquivologia, com pouca obrigatoriedade de disciplinas de áreas complementares.

A tabela 6 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFBA.

Tabela 6: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFBA.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Biblioteconomia	15	Arquivologia	5	Ciência da Informação	17	Ciência da Informação	4	Grupo Infociência: Estudos em História, Epistemologia e Políticas da Informação Científica	5
Letras	3	Inteligência Competitiva	2	Biblioteconomia	4	Educação	4	Grupo Interinstitucional de Processos Semióticos de <i>Design</i>	4
Jornalismo	3	Educação de Adultos	1	História	2	Comunicação	3	Saberes e Fazer em Gestão da Informação e do Conhecimento GEINFO	4
História	2	Educação Continuada à Distância	1	Letras	1	Documentação	1	Ciência da Informação: Cognição, Mediação e Construção do Conhecimento	3
Administração	2	<i>MBA</i>	1	Educação	1	Filosofia	1	Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informações Digitais CRIDI	3
Computação	2	Historiografia e Crítica Literária	1	Física	1	Letras	1	G-Acervos manuscritológicos, bibliográficos, iconográficos, etnográficos: organização, preservação e interfaces da tecnologia da informação e comunicação	3
Pedagogia	1	Arquivologia e as novas tecnologias documentais	1					Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação - GEPEMCI	3
Engenharia Mecânica	1	Biblioteconomia Médica	1					Difusão do Conhecimento e Apropriação de Saberes: acesso e uso da informação na sociedade	3
Física	1	Metodologia de Ensino em Biblioteconomia	1					GEPICC - Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Comunicação e Conhecimento	2

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Direito	1	Produção Editorial	1					Representação Temática da Informação em Arquivística	2
		Auditora Interna	1					Grupo de Estudos de Comunicação, Política e Redes Digitais	2
		Administração Hospitalar	1					Informática, Computação e Sociedade	1
		Gestão da Inovação e Difusão Tecnológica em Arranjo	1					Epistemologia do Educar e Práticas Pedagógicas	1
		Rede de Informação e Acesso à Base de Dados Naveg	1					Imaginário e Informação: Estudos Culturais e Comparativos	1
		Didática em Nível Superior	1					Ciência da Informação: Cognição, Mediação e Construção do Conhecimento	1
		Gestão Estratégica Empresarial	1					Práticas Educativas e Tecnológicas Educacionais na Universidade	1
		Sistemas de Informação	1					FORMACCE em aberto – Grupo de Pesquisa em currículo e formação	1
		Informática	1					Fundamentos históricos, epistemológicos e teóricos da Arquivologia	1
		Serviços Automatizados em Ciência e Tecnologia	1					Informação na Sociedade Contemporânea	1
		Documentação Aplicada à Conservação de Bens Culturais.	1						

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	n°	Curso	n°	Curso	n°	Curso	n°	Grupo	n°
		Introdução à Pesquisa e Base de Dados	1						
		Gestão da Informação	1						
		Aperfeiçoamento em Redes de Acesso à Base de Dados navegando na Inter.	1						
		Aperfeiçoamento em Redes de Informação e Acesso a base de Dados	1						
		Administração de Bibliotecas	1						
		Modernização de Sistemas Administrativos	1						
		Redes de Informação e Consulta à Base de Dados	1						
		Redes de Informação e Acesso à Base de Dados	1						
		Semiótica Aplicada à Produtos Culturais	1						
		Documentação Científica	1						
		Arquivos Internacionais	1						

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
		Restauração de Fotografia	1						
Total*:	31		37		26		14		42

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sites eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFBA, o quadro docente é composto por 27 professores.

7.7 Os docentes da UFES

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFES é composto por 15 professores. A maioria dos professores é graduada em Arquivologia. Em seguida vem a graduação em História, Biblioteconomia e Computação.

As especializações estão relacionadas a diversas áreas, entre elas: História, Documentação e Informação, Ciência da Informação e Arquivologia.

A maioria dos professores é mestre em História. Os outros mestrados são em Comunicação, Informática, Ciência da Informação, Engenharia Elétrica e Artes.

Os doutorados são em Comunicação, Computação, Engenharia Elétrica e História.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFBA atuam estão relacionados à Arquivologia, História e Computação.

O currículo do curso de Arquivologia da UFES não é concentrado nas disciplinas específicas. São obrigatórias disciplinas de vários outros campos do conhecimento, sendo elas: Biblioteconomia, Ciência da Informação, História, Filosofia, Administração, Direito e Ciência da Computação.

Entre as disciplinas específicas, percebe-se um relativo destaque para aquelas relativas à Gestão de Documentos, com a existência de cinco disciplinas no currículo, e uma distribuição quase uniforme entre os demais temas específicos.

Inferiu-se que o currículo do curso da UFES também possui uma estrutura interdisciplinar, em que a predominância de professores formados em Arquivologia não influi na estrutura curricular. Até mesmo o destaque em gestão documental não destoia da média encontrada entre os outros cursos.

A tabela 7 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFES.

Tabela 7: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFES.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Arquivologia	7	História	2	História	4	Comunicação	2	Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação e Trabalho em Arquivologia e Biblioteconomia	2
História	5	Documentação e Informação	2	Comunicação	2	Computação	2	Comunicação e Cultura no Espírito Santo	1
Biblioteconomia	4	Gestão Estratégica do Conhecimento e da Inovação	2	Informática	2	Engenharia Elétrica	2	Acervos pessoais e memória coletiva: organização e tratamento técnico de acervos fotográficos sobre a História do Espírito Santo	1
Computação	3	Arquivos	1	Ciência da Informação	1	História	1	Cine Memória – As Salas de Cinema do Espírito Santo	1
Matemática	2	Organização de Arquivos	1	Engenharia Elétrica	1			Acervos Fotográficos	1
Artes Plásticas	1	Serviços de Informação Educativos	1	Artes	1			Produção Científica e Comunicação Social	1
Geografia	1	Políticas e Estratégias nas Relações Internacionais	1					Núcleo de Estudos e Pesquisas de Subjetividade e Políticas	1
		Gestão Pública e Contábil	1					Ensino de História	1
		Gestão Estratégica da Informação	1					Computação de Alto Desempenho em Finanças	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº		nº	Curso	nº	Grupo	nº
								Comunicação de Alto Desempenho	1
								Grupo de Estudo sobre a Repressão Política no Espírito Santo (1964-1985)	1
								Grupo de Estudo sobre os arquivos DOPS/ES	1
								Universidade e Ditadura Militar (1964-1985): os acervos dos órgãos de informação que atuaram na UFES	1
								Integralismo e outros movimentos nacionalistas.	1
								LEENA – Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes	1
								Acervos Fotográficos	1
								Gênese Documental Arquivística	1
								Laboratório de História Ambiental do Espírito Santo	1
Total*:	23		12		11		7		19

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFES, o quadro docente é composto por 15 professores.

7.8 Os docentes da UFRGS

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFRGS é composto por 13 professores. A maioria deles é graduada em Arquivologia. Em seguida vêm as graduações em História e Biblioteconomia.

As especializações estão relacionadas a diversas áreas, entre elas: Arquivologia, Sociologia, Educação, Biblioteconomia e Ciência da Computação.

Os mestrados e doutorados são em áreas bastante diversificadas, sendo as principais: Comunicação, Educação e Patrimônio Cultural.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFRGS atuam estão relacionados, principalmente, à História, Ciência da Informação, Comunicação.

O currículo do curso de Arquivologia da UFRGS também possui característica interdisciplinar, pois quase a metade das disciplinas obrigatórias é relativa a outros campos de conhecimento. A distribuição entre as disciplinas específicas mantém a mesma média que nos outros cursos, enquanto entre as disciplinas complementares identificamos um destaque para a Ciência da Informação, com a existência de quatro disciplinas relacionadas a esse campo.

A ênfase em disciplinas em Ciência da Informação pode estar relacionada à presença de docentes graduados em Biblioteconomia. A Biblioteconomia mantém uma relação mais estreita com a Ciência da Informação do que a Arquivologia. Além disso, a vinculação acadêmica do curso de graduação também exerce influência, uma vez que os programas de pós-graduação que compartilham a mesma unidade acadêmica com os cursos de Arquivologia são, como já vimos anteriormente, majoritariamente em Ciência da Informação.

A tabela 8 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFRGS.

Tabela 8: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFRGS.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Arquivologia	5	<i>Organización y Administración de Archivos</i>	2	Educação	2	Comunicação	3	Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio – GEMMUS	4
História	4	Sociologia Rural	1	Comunicação	2	Ciência da Informação	1	Acessibilidade, Leitura e Informação	4
Biblioteconomia	3	Arquivos (<i>Archives Course</i>)		Patrimônio Cultural	2	Arqueologia	1	Comunicação Científica.	3
Comunicação	1	Planejamento Educacional	1	História	1	Sociologia	1	Representação, Memória Social e Cidadania.	2
Ciências Sociais	1	Administração de Bibliotecas	1	Arqueologia	1	Planejamento Urbano e Regional	1	Jornalismo Ambiental	2
Arquitetura	1	Banco de Dados	1	Sociologia	1	Educação	1	História, Memória e Patrimônio	1
Computação	1	Ensino Arquivístico	1	Planejamento Urbano e Regional	1	Computação	1	História das culturas e identidades brasileiras e latino-americanas	1
		Computação	1	Administração	1			Informação e Acesso	1
				Computação	1			Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC)	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
								Grupo de Pesquisa em Interação Mediada por Computador	1
								Teologia Bíblica.	1
								Cadeias Produtivas de Alimentos Orgânicos e Desenvolvimento Sustentável.	1
								Núcleo de Antropologia Visual – NAVISUAL	1
								Direito à Verdade e à Memória e Justiça de Transição.	1
Total*:	16		8		12		9		24

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFRGS, o quadro docente é composto por 13 professores.

7.9 Os docentes da Unesp/Marília

O corpo docente do curso de Arquivologia da UNESP/Marília é composto por 22 professores. Quase metade dos professores é graduada em Biblioteconomia.

As especializações estão relacionadas a diversas áreas, entre elas: Arquivologia, Educação, Matemática, Biblioteconomia e Computação.

A maioria dos mestrados é em Ciência da Informação, além de Educação, Letras, Comunicação, Computação e História.

Os doutorados também são, em sua maioria, em Ciência da Informação. Em seguida, em Comunicação, Letras e Educação e História.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UNESP/Marília atuam estão relacionados, majoritariamente, à Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Comunicação.

O currículo do curso de Arquivologia da UNESP/Marília também possui uma distribuição interdisciplinar. Identificamos ênfases em disciplinas relativas à Gestão de Documentos, Ciência da Informação, História e Computação. Essas categorias têm, respectivamente, onze, sete, quatro e cinco disciplinas relativas a elas no currículo da graduação. A relação dessas ênfases com o perfil docente pode estar relacionada com: a) o envolvimento dos professores, em suas pós-graduações, com as questões arquivísticas; b) a proximidade existente entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação; c) o fato de a graduação em História ser a segunda maior entre os docentes (e encontrar representação entre os mestrados e doutorados); d) a existência no corpo docente de um professor da área de Ciência da Computação.

Conclui-se, no caso do curso de Arquivologia da UNESP/Marília, que o perfil docente está diretamente relacionado com a estrutura curricular desse curso.

A tabela 9 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UNESP/Marília.

Tabela 9: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UNESP/Marília.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Biblioteconomia	9	Organização de Arquivos	3	Ciência da Informação	8	Ciência da Informação	5	Análise Documentária	9
História	4	Orientação Educacional	1	Educação	2	Comunicação	4	Formação e atuação profissional em organização da informação	5
Letras	3	Especialização em Álgebra	1	Letras	2	Letras	3	Novas Tecnologias em Informação	4
Direito	2	<i>E-learning Principles and Practice</i>	1	Comunicação	2	Educação	2	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	4
Matemática	2	<i>Design and avaluation of web based learning environ</i>	1	Computação	2	História	2	Grupo TEMMA	4
Processamento de Dados	1	Documentação Científica	1	História	2	Computação	1	Web, Representação do Conhecimento e Ontologias	2
Pedagogia	1	Modelos de Ensino	1	Ciências Sociais	1	Multimeios	1	Nucleo de Estudos em Tecnologias de Organização e Representação de Informação (NETORI)	2
Artes Plásticas	1	Administração em Biblioteca	1	Matemática Computacional	1	Engenharia de Produção	1	Estudos Métricos em Informação	2
Turismo	1	Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares	1	Multimeios	1	Linguística	1	NUPHIR - Núcleo de Preservação das Fontes Históricas Locais e Regionais	2

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Ciências Sociais	1	Controle Estatístico da Qualidade	1					Gênese Documental Arquivística	2
Economia	1	Ciência da Computação	1					Grupo de Estudos de Imagem, Fotografia e Cinema	1
Administração	1	Patrimônio Cultural	1					História e Audiovisual: circularidades e formas de comunicação	1
Arquivologia	1	Administração da Educação	1					Documentação e Experimentação em Sistemas Audiovisuais	1
								Leitura, organização, representação, produto e uso da informação	1
								Organização do Conhecimento para Disseminação da Informação	1
								Organização do Conhecimento para Recuperação da Informação	1
								Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação	1
								Tecnologias em Ambientes Organizacionais	1
								Grupo de Pesquisa e Estudos em Representação do Conhecimento e Tecnologias da Informação e Comunicação (GPERIIC)	1
Geografia Política e Meio Ambiente	1								

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
								Memória, Informação e Sociedade	1
								Cultura & Gênero	1
								Comportamento e Competências Informacionais	1
								Acervos Fotográficos	1
								Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação - GEPEEMCI	1
Total*:	28		16		21		20		51

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sites eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UNESP/Marília, o quadro docente é composto por 22 professores.

7.10 Os docentes da UEPB

O corpo docente do curso de Arquivologia da UEPB é composto por 18 professores. Possuem graduações nas mais diversas áreas, incluindo Comunicação, Direito, Letras, Biblioteconomia, História e Arquivologia.

As especializações estão relacionadas à Arquivologia, História, Direito, Letras, Educação e Publicidade.

A maioria dos mestrados é em Ciência da Informação e dos doutorados é em Educação. Entretanto, os outros mestrados e doutorados acompanham a diversidade das graduações.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UEPB participam estão relacionados, também, a vários campos de conhecimento, sendo eles: Arquivologia, Ciência da Informação, Letras, Administração e Educação.

O currículo do curso de Arquivologia da UEPB também possui característica interdisciplinar, pois aproximadamente a metade das disciplinas obrigatórias é relativa a outros campos de conhecimento. A distribuição das disciplinas no currículo da graduação é relativamente homogênea, com destaque somente em Gestão de Documentos, que tem cinco disciplinas com essa temática.

Deste modo, considerando a diversidade de perfis docentes identificados, não constatamos a existência de influência desses perfis sobre a grade curricular da UEPB.

A tabela 10 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UEPB.

Tabela 10: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UEPB.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Comunicação	3	Língua Portuguesa	1	Ciência da Informação	6	Educação	3	Arquivologia e Sociedade	9
Direito	3	Planejamento Escolar	1	Direito	2	Linguística	1	Gestão Organizacional e Informacional no Contexto Nacional e Internacional	3
Letras	3	Organização de Arquivos	1	História	1	Letras	1	Comunicação, Cultura e Desenvolvimento	2
Pedagogia	2	Direito Administrativo e Gestão Pública	1	Biblioteconomia	1	História	1	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnicorraciais	1
Biblioteconomia	2	Pesquisa Educacional	1	Administração	1	Documentação	1	Grupo de Pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação – GPLEI	1
Administração	2	Arquivo e Patrimônio	1	Psicologia	1	Engenharia	1	Gestão Empresarial	1
História	2	Criação Publicitária	1	Educação	1	Estratégias Empresariais	1	Cultura Digital e Educação	1
Ciência da Computação	1	Direito Público	1	Informática	1			GECIMP (Grupo de Estudos e Pesquisa em Informação Memória e Patrimônio)	1
Ciências Contábeis	1	História	1	Engenharia	1			Leitura, Representação, Produção e Uso da Informação	1
Arquivologia	1			Linguagem e Ensino	1			Representações Sociais e Educação	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Psicologia	1			Tecnologia Educacional	1			Grupo Interdisciplinar Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas em Representações Sociais	1
Total*:	21	9		17		9			22

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UEPB, o quadro docente é composto por 18 professores.

7.11 Os docentes da UFAM

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFAM é composto por 4 professores. Três deles são graduados em Arquivologia e um em Biblioteconomia. Nenhum deles é especialista.

Dois são mestres, um em Sociedade e Cultura da Amazônia e o outro em Patrimônio Cultural. Um professor é doutor em Museologia.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFAM em que participam estão relacionados à Ciência da Informação, Arquivologia e Estudos Culturais.

O currículo do curso de Arquivologia da UFAM é interdisciplinar e não há nenhuma ênfase específica em determinado tema ou campo de conhecimento.

A tabela 11 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFAM.

Tabela 11: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFAM.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Arquivologia	3			Sociedade e Cultura da Amazônia	1	Museologia	1	Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação	3
Biblioteconomia	1			Patrimônio Cultural	1			Patrimônio Documental Arquivístico	1
								CRISOL – Grupo de Pesquisa e Estudos Culturais	1
Total*:	4		0		2		1		5

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFAM, o quadro docente é composto por 4 professores

7.12 Os docentes da UFMG

O curso de Arquivologia da UFMG está vinculado à Escola de Ciência da Informação (ECI) da UFMG. A estrutura acadêmica da ECI é dividida em dois departamentos: Departamento de Organização e Tratamento da Informação e Departamento de Teoria e Gestão Informacional.

Na UFMG, encontra-se o único curso de Arquivologia que funciona com a estrutura de tronco comum em conjunto com os cursos de Biblioteconomia e Museologia. Deste modo, apesar de contar com professores do tronco específico de Arquivologia, os professores da ECI atendem a todos os cursos. Entretanto, os professores contratados especificamente para o Curso de Arquivologia são oito.

A metade dos professores é graduada em História. As demais graduações são em Arquivologia, Biblioteconomia, Engenharia Metalúrgica, Cinema e Artes Cênicas.

As especializações estão relacionadas a diversos temas, entre eles: arquivos, análise de sistemas, planejamento estratégico, gestão da informação e inteligência competitiva.

A metade dos professores é também mestre em História. Os outros mestrados são em Ciência da Informação, Engenharia de Produção e Artes Visuais.

Existem dois doutores em Ciência da Informação e dois em História, além de um em Educação e outro em Engenharia Industrial e Gestão da Inovação Tecnológica.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFMG atuam estão relacionados a temas diversos, entre eles: Ciência da Informação, Arquivologia, História, Letras, *Design* e Educação Física.

O currículo do curso de Arquivologia da UFMG é interdisciplinar e as únicas ênfases identificadas foram em Ciência da Informação e em Biblioteconomia. Assim, não é possível perceber influência do perfil docente do curso de Arquivologia, mas a estrutura acadêmica da ECI e o perfil docente dos demais professores da ECI que atuam no curso provavelmente têm relação com a opção por essa estrutura curricular.

A tabela 12 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFMG.

Tabela 12: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFMG.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
História	4	Análise de Sistemas	1	História	4	Ciência da Informação	2	Informação, Cultura e Sociedade	1
Arquivologia	1	Arquivos Públicos	1	Ciência da Informação	2	História	2	Modelagem Conceitual para Organização hipertextual de documentos - MHTX	1
Biblioteconomia	1	Estudos Superiores em Planejamento Estratégico	1	Engenharia de Produção	1	Educação	1	MUSAETEC	1
Engenharia Metalúrgica	1	Organização de Arquivos	1	Artes Visuais	1	Engenharia Industrial e Gestão da Inovação Tecnológica	1	Perspectiva Pictorium	1
Cinema	1	Gestão da Informação e Inteligência Competitiva	1					CEMEF – Centro de Estudos sobre Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer	1
Artes Cênicas	1							Centro de Pesquisa em História da Educação - GEPHE	1
								Grupo de Pesquisas sobre Inovação, Redes Empresariais e Competitividade	1
								História Social do Português	1
								<i>Design, Inovação e Tecnologia</i>	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
								Fundamentos históricos, epistemológicos e teóricos da Arquivologia	1
								Coleção Brasileira. Escritos e Leituras da Nação	1
Total*:		9	5	8	6				11

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFMG, o quadro docente é composto por 8 professores.

7.13 Os docentes da FURG

O corpo docente do curso de Arquivologia da FURG é composto por 3 professores. Todos são graduados em Arquivologia e um dos professores possui, também, a graduação em História.

A única especialização é em Gestão de Arquivos e o único mestrado é em Ciência da Informação. Não existem doutores.

Os grupos de pesquisa em que os professores da FURG atuam estão relacionados à História e Memória.

O currículo do curso de Arquivologia da FURG possui estrutura interdisciplinar e o único destaque identificado foi em Gestão de Documentos, com nove disciplinas relacionadas a essa temática. Percebe-se, portanto, a influência da graduação em Arquivologia apresentada pela maioria dos docentes.

A tabela 13 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da FURG.

Tabela 13: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da FURG.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Arquivologia	3	Gestão de Arquivos	1	Ciência da Informação	2			História, Memória e Patrimônio	1
História	1							História e Memórias da Educação Brasileira e da Cultura Escolar	1
								História das Culturas e identidades brasileiras e latino-americanas	1
Total*:	4		1		2				3

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da FURG, o quadro docente é composto por 3 professores.

7.14 Os docentes da UFPB

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFPB é composto por 33 professores. A maioria dos professores é graduada em Biblioteconomia.

As especializações estão relacionadas a diversas áreas, entre elas: Arquivologia, Biblioteconomia, Educação, Administração e Letras.

Quase metade dos professores é mestre em Ciência da Informação e quase um terço é mestre em Biblioteconomia.

Os doutorados são, em sua maioria, em Ciência da Informação, Letras e Ciências Sociais.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFPB atuam estão relacionados, à Ciência da Informação, Arquivologia, Memória e Patrimônio.

O currículo do curso de Arquivologia da UFPB também possui característica interdisciplinar, pois quase a metade das disciplinas obrigatórias é relativa a outros campos de conhecimento. Identificamos um destaque em Arquivo Permanente, com a existência de seis disciplinas relacionadas a esse tema.

Apesar da predominância entre os docentes de um perfil acadêmico relacionado à Biblioteconomia e à Ciência da Informação, não foi possível identificar, nesse currículo, influência do perfil docente sobre a estrutura curricular.

A tabela 14 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFPB.

Tabela 14: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFPB.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Biblioteconomia	23	Gestão de Unidades de Informação	3	Ciência da Informação	16	Ciência da Informação	10	Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação	8
Letras	5	Organização de Arquivos	3	Biblioteconomia	10	Letras	2	Informação e Inclusão Social	7
Administração	2	Biblioteconomia	2	Ciências Sociais	2	Ciências Sociais	2	Informação, Cidadania e Memória	6
Ciências Sociais	2	Documentação Científica	2	Arqueologia	1	Linguística	1	Informação, Cultura, Imagem e Memória	4
Computação	2	Gestão e Organização de Arquivos	1	Administração	1	Administração	1	Memória, Cultura Material e Patrimônio	4
Arqueologia	1	Administração da Educação	1	Educação	1	Engenharia Elétrica	1	GETIC – Grupo de Estudos em Tecnologias da Informação e Comunicação	4
Pedagogia	1	Administração	1	Computação	1	Educação	1	Web, Representação do Conhecimento e Ontologias	4
Engenharia Elétrica	1	Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares	1	Engenharia Elétrica	1			GEPSI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociologia e Informação	3
		Sistemas Automatizados de Informação C&T	1					Grupo de Estudos Formando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas (GEINCOS)	2
		Sistemas de Bibliotecas Públicas	1					Informação, Aprendizagem e Conhecimento	2

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
		Linguística Textual	1					Epistemologia e Políticas de Informação	2
		Literatura Brasileira	1					GECIMP/Grupo de Estudos e Pesquisa em Informação, Memória e Patrimônio	1
		Desenvolvimento para Web	1					Memória e Sociedade	1
		Pesquisas Educacionais	1					GENTIS – Grupo de Estudos, Pesquisa e Ações em Arqueologia, Etnologia e Etno-história	1
		Gestão Estratégica de Sistemas de Informação	1					Tecnologias em Sistemas Interativos e Inteligentes para ensino virtual	1
		Sistemas de Informação	1					Estudos em Vulnerabilidades e Desastres	1
								Fundamentos Teóricos e Epistemológicos da Informação	1
								Museu, Ciência e Sociedade	1
								Representação Temática da Informação em Arquivística	1
								Memória e Cultura	1
								Núcleo de Estudos de Gênero de Araraquara (NEGAr)	1
								Gênero e Cidadania	1
								GTIS – Tecnologia da Informação e Sociedade	1

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
								Novas Tecnologias em Informação	1
								Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade em Ciência da Informação	1
								Filosofia e Política da Informação	1
								Competência em Informação	1
								Núcleo de Estudos sobre a Sociedade do Conhecimento	1
								Officium – História da Inquisição, das Religiões e do Sagrado	1
								Comunicação Científica	1
								Semiótica e Literatura Popular	1
								Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais	1
								Epistemologias e Políticas de Informação	1
								Arquivologia e Sociedade	1
								Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnicoraciais	1
								Marketing da Informação	1
Total*:	37		22		33		18		70

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFPB, o quadro docente é composto por 33 professores.

7.15 Os docentes da UFSC

O corpo docente do curso de Arquivologia da UFSC é composto por oito professores. Mais da metade é graduada em Biblioteconomia.

As especializações estão relacionadas à Arquivologia, Biblioteconomia e Sistemas de Informação.

A maioria dos mestrados é em Ciência da Informação, Administração e Engenharia de Produção, enquanto os doutorados são em Engenharia de Produção e Educação.

Os grupos de pesquisa em que os professores da UFSC atuam estão relacionados à Ciência da Informação, Arquivologia e Biblioteconomia.

O currículo do curso de Arquivologia da UFSC possui estrutura interdisciplinar, com destaque identificado em Gestão de Documentos e em História. Não se percebe, portanto, indícios de uma relação entre o perfil docente identificado e a estrutura curricular vigente.

A tabela 15 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFSC.

Tabela 15: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFSC.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Biblioteconomia	5	Gestão de Bibliotecas	1	Ciência da Informação	3	Engenharia de Produção	2	Núcleo de Pesquisas e Estudos em Arquivos Contemporâneos	3
Filosofia	1	Organização de Arquivos	1	Administração	2	Educação	2	Informação, Tecnologia e Sociedade	2
Computação	1	Organização e Administração de Arquivos	1	Engenharia de Produção	2	Engenharia	1	Núcleo de Biblioterapia, Bibliotecas Escolares e Leitura	1
Pedagogia	1	Desenvolvimento e Gerenciamento de Sistemas de Informação	1	Engenharia Elétrica	1	Literatura	1	Formação e atuação profissional em organização da informação	1
Secretariado	1			Educação	1	Computação	1	Núcleo de Estudos em Informação e Mediações Comunicacionais e Contemporâneas	1
				Literatura	1			Instituto de Pesquisas Biblion	1
								Grupo de Estudos e Pesquisas de <i>Marketing</i> - GEPEM	1
								Recuperação de Informação e Tecnologias Avançadas - RITA	1
								Sistemas produtivos e logísticos - SProLog	1
Total*:	9		4		10		7		12

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFSC, o quadro docente é composto por 8 professores.

7.16 Os docentes da UFPA

O curso de Arquivologia da UFPA encontra-se em implantação. O quadro docente ainda está sendo estruturado. Além dos três professores atuais, consideramos os *lattes* de dois professores que, segundo o coordenador do curso, estão no final do processo de contratação. Três graduações são em Arquivologia, duas em Biblioteconomia, duas em História e uma em Direito

As duas únicas especializações são em Biblioteconomia.

A maioria dos mestrados e doutorados é em Ciência da Informação.

Não foram identificadas participações em grupos de pesquisa.

O currículo do curso de Arquivologia da UFPA possui estrutura interdisciplinar e o único destaque identificado foi em Gestão de Documentos, com cinco disciplinas relacionadas a essa temática. Devido à recente criação do curso ainda não é possível analisar a relação do corpo docente com a estrutura curricular.

A tabela 16 resume as informações relativas às formações/titulações e grupos de pesquisa do corpo docente da UFPA.

Tabela 16: Formações/Titulações e grupos de pesquisa do corpo docente do curso de Arquivologia da UFPA.

Graduação		Especialização		Mestrado		Doutorado		Grupos de Pesquisa	
Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Curso	nº	Grupo	nº
Arquivologia	3	Administração de Bibliotecas	2	Ciência da Informação	4	Ciência da Informação	3		
Biblioteconomia	2	Bibliotecas Universitárias	1	Desenvolvimento Sustentável	1	Desenvolvimento Sustentável	1		
História	2								
Direito	1								
Total*:	8		3		5		4		0

Fonte: Elaboração própria, conforme pesquisa realizada nos sítios eletrônicos dos cursos e nos currículos *lattes* dos docentes.

*Muitas vezes o número total de titulações ou de participações em grupos de pesquisa é maior do que o quantitativo de docentes, pois existem os casos de duplicidade de graduações, pós-graduações e participações em mais de um grupo de pesquisa. No caso da UFPA, o quadro docente é composto por 5 professores.

Nosso principal objetivo na investigação sobre os perfis docentes foi verificar a sua relação com as estruturas curriculares dos cursos de graduação em Arquivologia. Foi possível identificar similaridade entre os enfoques curriculares e os perfis docentes de oito cursos, sendo eles: UNIRIO, UFF, UEL, UFBA, UFRGS, UNESP/Marília, UFMG e FURG.

As ênfases curriculares são relativas tanto aos outros campos de conhecimento como à própria Arquivologia. Nos cursos em que o número de professores graduados em Arquivologia é grande, percebe-se um destaque no currículo para as disciplinas específicas e, em especial, para as disciplinas relativas à Gestão de Documentos.

São os casos da UNIRIO e da FURG. Na UNIRIO, o currículo obrigatório é essencialmente composto por disciplinas específicas e em seu quadro docente mais da metade dos professores são graduados em Arquivologia. Na FURG, a maior parte do quadro docente possui graduação em Arquivologia e o foco do currículo está voltado para a Gestão de Documentos.

Nos currículos em que existe ênfase nas disciplinas relacionadas à Ciência da Informação e à Biblioteconomia, identificamos um número alto de docentes graduados ou pós-graduados nessas áreas. É o caso da UFF, UEL, UFBA, UFRGS, UNESP/Marília e UFMG.

Na UNESP/Marília, além da similaridade entre o perfil docente e as disciplinas relacionadas à Ciência da Informação e à Biblioteconomia, identificamos também correspondência entre a ênfase percebida no perfil docente e a observada nas disciplinas relacionadas à História.

Apesar de termos identificado essas semelhanças entre os perfis docentes e as ênfases curriculares, não é possível determinar quem influenciou quem. Ou seja, resta a pergunta: os currículos são estruturados com o objetivo de adequar-se a um corpo docente disponível ou o corpo docente é selecionado visando à adequação a um currículo pré-estabelecido?

Além disso, identificamos algumas correspondências relacionadas à estrutura acadêmica e às vinculações institucionais dos cursos de Arquivologia. É preciso considerar também que ocorre, por vezes, de o currículo precisar ser adaptado para que o curso consiga aproveitar os recursos materiais e humanos disponíveis na universidade. A flexibilização curricular pode, em alguns casos, ser a única forma de viabilizar a operacionalização do curso.

Outro fator que pode ser observado neste levantamento é o significativo crescimento do número de professores com graduação em Arquivologia. Num mapeamento realizado por Marques, em 2007, foram identificados 16 arquivistas atuando como docentes nos

cursos de Arquivologia. Considerando somente os cursos observados anteriormente, esse número cresceu para 36, representando um crescimento percentual de 29% para 38,71%. Ainda somam-se a esses os 8 professores de cursos que não foram computados em 2007 (UFF e UFES) e os 10 professores contratados pelos cursos mais recentes e que também não foram considerados em 2007 (UEPB, UFAM, UFMG, FURG, UFPB, UFSC e UFPA), totalizando 54 professores-arquivistas. Em termos de crescimento percentual, o total encontrado hoje apresentou um decréscimo de 29% para 22,69%. Acreditamos que o número de arquivistas interessados em atuar na docência não tenha acompanhado a rápida expansão do número de cursos de graduação em Arquivologia e a criação de postos de trabalho em lugares distintos dos antigos pólos de difusão de conhecimento arquivístico. Contudo, tendo em conta o crescimento percentual identificado nos quadros docentes dos cursos observados anteriormente, consideramos provável que aos poucos o número de professores-arquivistas cresça percentualmente, também, nos demais cursos.

Apesar desse crescimento, ainda identificamos três cursos que não possuem nenhum professor graduado em Arquivologia no quadro docente. É interessante observar que, no caso desses cursos, o número de docentes graduados em Biblioteconomia é grande. Acreditamos que essa situação justifica-se, principalmente, por três motivos:

- 1) A maioria dos cursos de Arquivologia é muito recente e ainda não consegue suprir a demanda na formação de profissionais para atender a toda extensão territorial nacional.
- 2) O curso de Biblioteconomia é um curso antigo, presente em praticamente todo o Brasil e que já formou milhares de profissionais. Por serem áreas que compartilham objeto e problemas semelhantes, os bibliotecários vieram, por muitos anos, preenchendo os espaços de trabalho em que não havia arquivistas para o exercício da função.
- 3) Ainda são poucos os egressos que investem na carreira acadêmica, uma vez que, a escassez de profissionais proporciona oferta abundante de oportunidades de trabalho no âmbito empresarial e em diversos segmentos do setor público.

Outra área que se destaca entre a formação dos docentes é a História. Conforme descrito na seção 3.1, sobre a trajetória da formação em Arquivologia no Brasil, os laços estreitos

entre os dois campos são reflexo da influência da tradição européia trazida para o Brasil, em que a Arquivologia ainda restringia-se a uma ciência auxiliar a serviço dos arquivos históricos. Entretanto, hoje podemos vislumbrar outros diálogos (teóricos, epistemológicos, ontológicos, políticos, etc.) entre as duas disciplinas, de forma a superar a antiga submissão arquivística à História.

Além da Biblioteconomia e da História, é possível identificar a inserção de outras áreas no meio acadêmico arquivístico, tais como: Letras, Comunicação, Computação e Engenharia. Essa diversidade é essencial na construção da formação interdisciplinar do arquivista. Contudo, o aumento no número de professores graduados em Arquivologia integrando os quadros docentes dos cursos é importante, pois demonstra o crescimento do interesse desses profissionais pela inserção na área de docência e pesquisa.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de reorganização da educação superior no Brasil, iniciado na década de 1990 e regulamentado por meio da implantação das Diretrizes Curriculares, ainda não alcançou plenamente os seus objetivos. A flexibilização curricular facilitou o desenvolvimento acadêmico dos alunos e ampliou as possibilidades didático-pedagógicas dos currículos. Todavia, ao menos na Arquivologia, ainda é polêmica a harmonização da universidade com o mundo do trabalho. Parte da dificuldade de sintonia é oriunda das constantes variações nas demandas sociais e de trabalho. Os perfis profissionais também acompanham essas flutuações.

Contudo, é preciso cautela nas ações de reorganização curricular. A busca de atendimento às demandas flutuantes do mundo do trabalho não pode negligenciar os fundamentos essenciais da Arquivologia. A preocupação constante em se promover uma redefinição curricular que acompanhe um novo estabelecimento dos perfis profissionais pode priorizar a formação de profissionais para o atendimento de demandas efêmeras. O profissional não é só para o agora, ele precisa ser preparado para o amanhã.

O perfil profissional almejado pelas universidades também pode buscar adequação às características locais, tanto em termos de demanda profissional, quanto em termos de estrutura institucional. Entretanto, a base da formação em Arquivologia deve ser provida independentemente das circunstâncias locais e do mundo do trabalho. Obviamente, os cursos precisam se adaptar à sua realidade em termos de recursos financeiros, estrutura física, perfil de docentes e de discentes e oportunidades de ocupação profissional. Não obstante, existe um núcleo de conhecimentos, habilidades e competências a serem adquiridos e desenvolvidos ao longo da formação acadêmica, e também na formação continuada, que é essencial para o desempenho profissional do arquivista.

Essa pesquisa apresentou como objetivo geral investigar como os 16 cursos de Arquivologia brasileiros possibilitam essa aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e competências que o profissional deve dominar para atuar como arquivista nas diversas regiões do Brasil e qual a relação do estabelecimento dos conteúdos curriculares com as características particulares desses cursos. Para alcançar esse objetivo, buscamos confrontar as propostas pedagógicas e curriculares dos cursos com as demais características comuns e particulares dos mesmos.

Como desdobramentos do objetivo geral, foram estabelecidos sete objetivos específicos, com a realização das análises: a) das trajetórias históricas dos cursos de Arquivologia do Brasil; b) dos perfis discentes dos cursos; c) do panorama do mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros; d) dos vínculos acadêmicos dos cursos; e) dos projetos políticos pedagógicos que orientam cada curso de Arquivologia; f) dos currículos adotados nos cursos de Arquivologia das universidades brasileiras; g) da formação/titulação dos docentes em Arquivologia.

Por meio da revisão de literatura foi possível conhecer a trajetória da Arquivologia no Brasil, as discussões curriculares no âmbito dos cursos de Arquivologia, o perfil dos discentes universitários e o cenário do mundo do trabalho para o arquivista brasileiro. A investigação empírica concentrou-se nas vinculações institucionais e acadêmicas, nos projetos políticos pedagógicos, nas estruturas curriculares dos cursos de graduação e, em especial, no perfil acadêmico dos docentes em Arquivologia.

Pensando na pesquisa como uma novela a ser contada, em que o percurso é previamente estabelecido, mas o final da história é somente uma expectativa (hipótese), os objetivos da pesquisa estabelecem os personagens da história, porém ao longo do desenvolvimento da investigação determinados “personagens” podem se destacar mais do que outros. No caso desse trabalho, os “personagens” explorados na parte empírica despertaram o interesse por uma averiguação mais profunda. A relação entre o perfil docente e o estabelecimento das estruturas curriculares tornou-se, de forma natural, a protagonista dessa novela.

De modo geral, encontramos as respostas para os questionamentos colocados inicialmente e consideramos que os objetivos da pesquisa foram alcançados. O trajeto traçado não foi, exatamente, o percorrido, porém os desvios escolhidos se demonstraram interessante e reveladores.

Acerca das trajetórias históricas dos cursos de Arquivologia do Brasil, identificamos que a institucionalização do ensino de Arquivologia teve início no Rio de Janeiro, nos anos 1960, por meio da criação do CPA, no âmbito do Arquivo Nacional. Mais tarde, em 1977, o CPA foi transferido para a FEFIERJ, atual UNIRIO, passando a funcionar em ambiente universitário. Ao longo das últimas cinco décadas foram criados outros 15 cursos: UFSM (1977); UFF (1987); UnB (1990); UEL (1997); UFBA (1997); UFES (1999); UFRGS (1999); UNESP/

Marília (2003); UEPB (2006); UFAM (2008); UFMG (2008); FURG (2008); UFPB (2008); UFSC (2009) e UFPA (2011). A maioria dos cursos foi criada em departamentos de Biblioteconomia e/ou Documentação.

Os levantamentos realizados sobre os perfis dos discentes em Arquivologia no Brasil apontam para diversas semelhanças entre os alunos das graduações, o que nos permitiu inferir que, de modo geral: a) na maioria dos cursos o sexo feminino predomina; b) a maioria dos alunos é oriunda de famílias com média salarial baixa; c) a maioria dos alunos trabalha ou faz estágio remunerado; d) a maioria dos alunos cursou ensino fundamental e médio em escola pública; e) a maioria dos pais de alunos tem escolaridade baixa; f) a maioria dos alunos se diz satisfeita com seu trabalho/emprego; g) a maioria dos alunos possui hábitos de leitura; h) têm como principais preferências de lazer: televisão, internet, cinema e teatro; i) possuem algum grau de satisfação com o currículo; j) a maioria dos alunos considera a profissão promissora e planeja atuar na área. Percebemos, portanto, que a maioria dos alunos advém de camadas sociais menos favorecidas e enxergam, na graduação em Arquivologia, a possibilidade de ascensão social. Concluímos que o perfil discente identificado não influencia, efetivamente, a construção dos currículos. O mais verossímil é que seja o contrário e que o currículo atraia este perfil devido às possibilidades de colocação, que ele parece representar, em almejados postos de trabalho. Consideramos esse resultado muito interessante, uma vez que, é um indicativo de que o currículo vem atendendo às expectativas sociais.

Quanto ao panorama do mundo do trabalho para os arquivistas brasileiros, pudemos identificar o crescimento gradativo da inserção desse profissional na vida laboral. Observamos que a ampliação da atuação profissional do arquivista vem ocorrendo não somente em termos quantitativos, mas também qualitativos. O resultado do levantamento realizado apontou que a maioria dos arquivistas: a) é do sexo feminino; b) tem entre 20 e 39 anos; c) está inserida no mundo do trabalho; d) trabalha em instituições públicas; e) é contratada por meio de concurso público, contrato temporário, contrato por tempo indeterminado e processo seletivo; f) é contratada mediante apresentação de título universitário e comprovação de experiência profissional; g) cumpre uma jornada de 40 horas semanais; h) desenvolve atividades eminentemente técnicas, em geral, relativas à documentação acumulada nas instituições (ainda que parte significativa realize atividades de docência, gestão de projetos e direção de arquivos); i) tem como atividades mais executadas: classificação, organização, avaliação e transferência de

documentos; j) recebe até cinco salários mínimos (seguidos dos que recebem entre seis e dez salários); k) costumam investir na formação continuada, em geral, por meio de especializações.

Em relação aos vínculos acadêmicos dos cursos de Arquivologia, constatamos que a maioria dos cursos encontra-se ligada a departamentos de Ciência da Informação ou de Biblioteconomia (e/ou Documentação), sendo que os únicos cursos vinculados a departamentos de Arquivologia são o da UNIRIO, por meio do Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos, e o da UFES, vinculado à Escola de Arquivologia. Identificamos, também, que os programas de pós-graduação em funcionamento nesses departamentos são, majoritariamente, de Ciência da Informação. No âmbito da graduação as estruturas curriculares apresentam, em alguns cursos, reflexos dessa proximidade institucional (e física). Enquanto na pós-graduação, observamos como consequência da falta de autonomia administrativa, a concessão de títulos de mestre e doutor em Ciência da Informação pelo desenvolvimento de pesquisas com temáticas arquivísticas.

Os projetos políticos e pedagógicos que orientam os cursos de Arquivologia foram elaborados de acordo com a legislação pertinente, relativa à regulamentação da profissão e ao estabelecimento das diretrizes curriculares nacionais, em especial em consonância com a Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978; o Decreto nº 82.590, de 6 de novembro de 1978; o Parecer CNE/CES 492/2001, de 3 de abril de 2001 e a Resolução CNE/CES 20, de 13 de março de 2002. De modo geral, os projetos políticos pedagógicos dos cursos se propõem a formar arquivistas para atuarem de modo crítico, criativo e eficaz em atividades que possibilitem a percepção do valor da informação arquivística para as organizações e para a sociedade como um todo, por meio de ações de gestão, organização, preservação e difusão de documentos e informações arquivísticas.

Identificamos, nos currículos dos cursos de Arquivologia brasileiros, um modelo básico de conhecimentos estabelecidos como essenciais e obrigatórios, pela maioria dos cursos, em que as disciplinas específicas de Arquivologia contemplam os temas relacionados aos fundamentos arquivísticos, ao profissional em Arquivologia, aos arquivos permanentes, à preservação e restauração, à gestão de documentos (em papel, documentos eletrônicos e em suportes especiais), a usuários, a planejamento e projeto, à legislação arquivística, à pesquisa e metodologia, além da aplicação prática por meio de atividades de estágio. A relação com as outras áreas de conhecimento é estabelecida, prioritariamente, com a Ciência da Informação,

Biblioteconomia, História, Ciências da Computação, Administração, Letras/Linguística, Direito, Diplomática, Comunicação, Estatística e Paleografia.

No levantamento sobre as formações/titulações dos docentes em Arquivologia, realizado por meio de consulta à plataforma *lattes*, identificamos diversas áreas de formação/titulação em níveis de graduação, especialização, mestrado e doutorado. Nas graduações observamos destaque nas áreas de Arquivologia, História e Biblioteconomia. São muitas as especializações em Arquivologia. Acreditamos que na especialização seja onde comece a surgir o envolvimento com as rotinas universitárias e o despertar do interesse pela atuação acadêmica no campo arquivístico. Os mestrados e doutorados são, prioritariamente, em Ciência da Informação, História, Biblioteconomia, Memória Social, Educação e Engenharia de Produção. Os grupos de pesquisa costumam estar relacionados com as áreas de formação *strictu-sensu*.

Acreditamos que podemos afirmar, a partir desta pesquisa, que o ensino de Arquivologia no Brasil sofre influências das características locais e do mundo do trabalho, sim. No entanto, sem deixar de priorizar o núcleo de conhecimentos, habilidades e competências que constituem a essência do trabalho arquivístico. Consideramos como características locais que realmente podem influenciar o formato e os objetivos dos cursos de Arquivologia: o mundo do trabalho, a vinculação acadêmica e o perfil docente. Na análise dos conteúdos curriculares dos cursos pudemos constatar ênfase nas disciplinas relacionadas à gestão de documentos, planejamento e projeto. Essa proeminência encontra concordância na demanda apresentada pelo mundo de trabalho. Em relação às vinculações acadêmicas e institucionais dos cursos, em que foi possível visualizar predominância no estabelecimento de relações institucionais com departamentos, escolas ou programas de pós-graduação de Ciência da Informação e de Biblioteconomia, pudemos observar que essas relações também parecem produzir reflexos sobre as estruturas curriculares e sobre o perfil docente dos cursos de Arquivologia. Entre as disciplinas complementares identificadas nos currículos dos cursos as maiores ocorrências são de disciplinas referentes à Ciência da Informação e, em seguida, à Biblioteconomia. Nos seis cursos em que constatamos maior ênfase nessas disciplinas, também identificamos um grande número de docentes graduados e pós-graduados nessas áreas.

Ainda sobre os docentes, cabe-nos realçar que a similaridade entre os enfoques curriculares dos cursos e os perfis docentes foi identificada em somente a metade dos cursos. Inclusive, em três desses cursos a aproximação entre currículo e perfil docente é relativa à própria

Arquivologia, com a identificação de uma maioria de professores do quadro graduada em Arquivologia. O levantamento sobre a formação e área de atuação dos professores demonstrou crescimento no número de professores-arquivistas, o que proporciona, conseqüentemente, a ampliação da atuação de arquivistas em grupos de pesquisa relacionados a temáticas arquivísticas.

As discussões curriculares identificadas na revisão de literatura, em relação ao cenário arquivístico mundial, indicam que as transformações no ensino de Arquivologia no Brasil, ocorridas nas últimas décadas, estão em sintonia com as tendências mundiais. O foco nas técnicas arquivísticas e no documento deixou de ser a única preocupação do ensino universitário. A Arquivologia de hoje volta-se mais para a importância da informação arquivística, independente do tipo de suporte, e para a valorização da pesquisa como forma de desenvolvimento teórico-epistemológico e atualização frente às necessidades de harmonização com as constantes variações nas demandas sociais e do mundo do trabalho.

A necessidade de adaptação dos cursos à disponibilidade de recursos materiais e humanos é essencial para a viabilização da maioria deles. Sendo assim, não foi possível determinar quem influencia quem, pois, por vezes, a universidade tem determinados recursos que a conduzem à estruturação de um currículo que seja exequível com o aproveitamento desses recursos e, em outras situações, o corpo docente é selecionado visando à adaptação a um currículo previamente idealizado.

Depreendemos do todo o decorrido que os cursos de Arquivologia constituem o principal pilar das transformações que ocorrem nesse campo científico. O âmbito acadêmico é o espaço privilegiado para o desenvolvimento das reflexões que a Arquivologia carece. Desse modo, o papel dos docentes tem um significado vital na preparação de novos profissionais e na ampliação da construção do conhecimento arquivístico.

Aos poucos, a Arquivologia vem deixando para trás a Arquivística dos manuais e investindo na busca de um aprofundamento teórico-conceitual. A constatação de que todos os cursos priorizam em seus currículos disciplinas especificamente voltadas para os fundamentos básicos arquivísticos demonstra a preocupação com o ensino dos sustentáculos da área. No entanto, o ensino pode (e deve) ir além das condições e objetivos estabelecidos formalmente nos projetos políticos pedagógicos e nas estruturas curriculares. Cabe ao professor enriquecer as experiências didático-pedagógicas por meio da proposição de planos de ensino criativos, de

bibliografias que proporcionem discussões atuais e elaboradas, da inserção do aluno no universo da pesquisa e, dentro do possível, da facilitação de atividades práticas.

Deste modo, chegamos ao fim dessa jornada convictos de que, desde a institucionalização da Arquivologia no Brasil, muito foi feito em prol do crescimento da área, mas também de que ainda há muito por fazer. O fortalecimento da Arquivologia e da comunidade arquivística é claramente mensurável não somente nesta pesquisa, como também em várias outras. Ainda que continue dividindo espaço institucional com outras disciplinas, a Arquivologia segue empenhada em afirmar sua autonomia científica. Talvez o seu amadurecimento não caminhe a passos largos, mas é certo que já demarcamos diversos passos firmes.

9. RECOMENDAÇÕES

Esta pesquisa permite desdobramentos do seu objeto acerca do ensino universitário de Arquivologia. Desse modo, consideramos interessante o desenvolvimento de outros estudos sobre:

- A trajetória histórica da implantação do ensino de Arquivologia em outros países, em especial, em países que representem uma referência no ensino de Arquivologia, tais como, França e Canadá
- Os projetos políticos pedagógicos e as estruturas curriculares adotadas internacionalmente;
- Os planos de ensino desenvolvidos nos cursos de Arquivologia brasileiros, incluindo a análise da indicação de obras nas referências bibliográficas;
- O nível de satisfação dos egressos dos cursos de Arquivologia com a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos na universidade no mundo do trabalho.

10. REFERÊNCIAS

ALVES, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 81, p. 53-60, 1992. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n81/n81a05.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. 3ed. Porto Alegre, Artimed, 2006.

ARAÚJO, Nelma Camêlo de; BARTALO; Linete; LUNARDELLI. O curso de Arquivologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 155-176.

BARRANCOS, Jaqueline Echevéria. O curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 127-154.

BIZELLO, Maria Leandra; MADIO, Telma Campanha Carvalho. O curso de Arquivologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”(Unesp/Marília). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 177- 206.

BAHIA, Eliana Maria dos Santos; SOUZA, Francisco das Chagas; BLATTAMAN, Ursula. O curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 271-280.

BOTTINO, Mariza. Panorama dos Cursos de Arquivologia no Brasil: graduação e pós-graduação. **Arquivo e Administração**, v. 15, n. 23, 1994, p. 12-18.

BRASIL. **Decreto nº 6.096**, de 24 de abril de 2007. Institui o programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais - REUNI. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em: 31 jun. 2013.

_____. **Decreto nº 9.197**, de 9 de dezembro de 1911. Approva o regulamento do Archivo Nacional. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-9197-9-dezembro-1911-516281-republicacao-102807-pe.html>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. **Decreto nº 15.596**, de 9 de dezembro de 1911. Crêa o Museo Histórico Nacional e aprova o seu regulamento. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15596-2-agosto-1922-568204-publicacaooriginal-91597-pe.html>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. **Decreto nº 82.590**, de 6 de novembro de 1978. Regulamenta a Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e Técnico de Arquivo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D82590.htm>. Acesso em: 31 jun. 2013.

_____. **Lei nº 6.546**, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e Técnico de Arquivo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6546.htm>. Acesso em: 31 jun. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 31 jun. 2013.

_____. **Parecer CNE/CES nº 492**, de 3 de abril de 2001. Dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais dos cursos de Filosofia [...], Arquivologia e Museologia. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 31 jun. 2013.

_____. **Resolução CNE/CES nº 776**, de 03 de dezembro de 1997. Estabelece orientações para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação Arquivologia. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0776.pdf>>. Acesso em: 31 jun. 2013.

_____. **Resolução CNE/CES nº 20**, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de Arquivologia. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES202002.pdf>>. Acesso em: 31 jun. 2013.

BRITO, Rosa Zuleide Lima de. O curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 231-249.

CASTANHO, Denise Molon; SILVA, Rosane Beatriz Pivetta da. O curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 281-300.

CATANI, A. M. ; OLIVEIRA, J.F. ;DOURADO, L.F. Política Educacional, Mudanças no Mundo do Trabalho e reforma curricular no cursos de graduação no Brasil. **Educação & Sociedade**, ano 22, n. 75, ago. 2001.

CÉDON, Beatriz Valadares; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; LOURENÇO, Cíntia de Azevedo; ALVARENGA, Lídia; DUMONT, Lígia Maria Moreira; OLIVEIRA, Marlene de; NASSIF, Mônica Erichsen; SOUZA, Renato Rocha. Cursos de graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais: propostas de expansão e flexibilização. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, p. 223-240, 2008. Disponível em:

<www.scielo.br/pdf/pci/v13n3/a15v13n3.pdf> . Acesso em: 06 jan. 2013.

CONRADO, Flávia Helena ; TEIXEIRA, Maria do Rócio F.. O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 379-408.

COOK, Michael. **Guidelines for Curriculum Development in Records Management and the Administration of Modern Archives: A RAMP Study**. Paris: Unesco, 1982. Disponível em: <http://www.unesco.org/archives/new2010/en/ramp_studies.html>. Acesso em: 07 mar. 2014.

COSTA, F. M. O..Desafios do profissional arquivista: da escolha no vestibular ao mercado de trabalho. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 5., 2012, Salvador. **Anais...** Salvador, 2012.

COSTA, Larissa Cândida. **Entre a formação e o trabalho: o arquivista diante das novas demandas sociais e organizacionais em matéria de informação**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade de Brasília: Brasília, 2008.

COUTURE, Carol; MARTINEAU, Jocelyne; DUCHARME, Daniel. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo**. Tradução Luís Carlos Lopes. Brasília: FINATEC, 1999.

_____, Carol. La Politique de Gestion des Archives. In : COUTURE, Carol. (org). **Les Fonctions de l'Archivistique Contemporaine**. Québec, Canadá: Presses Universitaires di Québec, 2003, p. 3-30.

CUNHA, Murilo Bastos da Cunha; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Dicionário de Terminologia Arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DOURADO, Luiz F.; OLIVEIRA, João F.. Políticas Educacionais e Reconfiguração da Educação Superior no Brasil. In: DOURADO, Luiz F.; CATANI, Afrânio M.(org.). **Universidade pública e identidade institucional**. Campinas/Goiânia: Editora Autores Associados/Editora da UFG, 1999, p. 5-22.

DUARTE, Zeny. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista de Ciências e Técnicas do Patrimônio**, v. 5, p. 141-151, 2007.

DURANTI, Luciana. Models of Archival Education: Four, Two, One, or a Thousand? **Archives & Social Studies: A Journal of Interdisciplinary Research**. v. 1, n. 0, março, 2007. Disponível em: <http://archivo.cartagena.es/files/36-162-DOC_FICHERO1/04-duranti_models.pdf> Acesso em: 05 mar. 2014.

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e Ciência da Informação: (re)definição de marcos interdisciplinares**. 2004. 181f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade do Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FREIXO, Aurora Leonor. O curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 207-229.

GALLO, S. A orquídea e a vespa: transversalidade e currículo rizomático. In: Gonsalves, E.; PEREIRA, M. Z.; CARVALHO, M. E. (org.). **Currículo e contemporaneidade: questões emergentes**. Campinas: Alínea, 2004, p. 37-50.

GARCÍA-MARCO, Francisco-Javier. Educación y Aprendizaje de la Información y la Documentación: raíces, desafíos y líneas de acción. **El profesional de la información**, v. 22, n. 6, p. 489-504, nov/dez. 2013.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

INDOLFO, Ana Celeste. O perfil dos estudantes de Arquivologia da UNIRIO. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do Arquivista no Brasil**. EdUFF, Rio de Janeiro, 1999, p. 159-165.

JARDIM, José Maria. A universidade e o ensino da Arquivologia no Brasil. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do Arquivista no Brasil**. EdUFF, Rio de Janeiro, 1999, p. 31-51.

_____. ; FONSECA, Maria Odila. O perfil do aluno do curso de Arquivologia da UFF. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do Arquivista no Brasil**. EdUFF, Rio de Janeiro, 1999, p. 123-157.

_____. Entrevista com José Maria Jardim. [jan/jun, 2006]. **Arquivística.net**, v. 2, n. 1, p. 7-21, jan/jun, 2006. Entrevista concedida a Julio Cesar Cardoso.

KLIEBARD, Herbert M. Os princípios de Tyler. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, p 23-35, jul/dez 2011.

LIMA, Raimundo Martins de. O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 301-310.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Currículo: debates contemporâneos**. 3 ed. São Paulo. Cortez, 2010.

_____ (org.). **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPEZ, André Porto Ancona. O “ser” e o “estar” arquivista no Brasil de hoje: regulamentação e trabalho. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, p. 219-232, 2008. Disponível em: <<http://www.red.unb.br/index.php/RICI/article/view/2041/2337>>. Acesso em: 26 jan. 2013.

MALVERDES, André; MORAES, Margarete Farias de. O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 311-330.

MARIZ, Anna Carla Almeida. Perfil do aluno de Arquivologia da UNIRIO no ano de 2000. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 2, n. 1, p.15-19, jan/jun, 2003.

_____ ; SILVA, Sérgio Conde de Albite. O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 331-355.

_____. Reformas Curriculares do curso de Arquivologia da UNIRIO: reflexões e propostas. In: Venâncio, Renato; Nascimento, Adauto. (org). **Universidade & Arquivos: gestão, ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2012, p. 189-222.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. **Os espaços e diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

_____ ; RODRIGUES, Georgete Medleg. Os cursos de Arquivologia no Brasil: conquista de espaço acadêmico-institucional e delineamento de um campo científico. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 15., 2008, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBA, 2008.

_____ ; RODRIGUES, Georgete Medleg. A Arquivística nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB's): análise preliminar da influência do pensamento arquivístico internacional. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ENANCIB, 2009.

_____. **Interlocuções entre a Arquivologia nacional e internacional no delineamento da disciplina no Brasil**. 2011, 399 f.Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

_____ ; RONCAGLIO, Cynthia ; RODRIGUES, GeorgeteMedleg. O curso de Arquivologia da Universidade de Brasília (UnB). In : MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p.109-126.

MASETTO, Marcos (Org.). Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: _____. **Docência na Universidade**. Campinas: Papyrus, 1998, p. 9-26 (Coleção Práxis).

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto. **La formation universitaire en archivistique au Brésil**. Dissertação (Mestrado) – École de Bibliothéconomie et Science de l'information, Université de Montréal: Montréal, 1995.

_____. O ensino universitário de Arquivologia no Brasil. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do Arquivista no Brasil**. EdUFF, Rio de Janeiro, 1999, p-53-86.

_____ ; AMARAL, Erenilda Custódio dos S.; RIOS ; Izaac Rozas. O perfil dos estudantes de arquivologia da UFBA. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. I, n. 2, p. 50-55, jul./dez 2002, p.52.

MOREIRA, Antonio Flavio; TADEU, Tomaz. **Currículo, Cultura e Sociedade**. Introdução a 12ª edição. São Paulo: Cortez, 2011, p. 7.

MULLER, Mary Stela; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; FORTES, LíceiaCianca; GONÇALVES, Claudiomar dos Reis; SIMON, Cristiano Gustavo Biazzo; CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. **Curso de Arquivologia da UEL: consolidação de uma proposta de parceria**. Inf. Inf., v.2, n.1, p. 45-66, jan./jun. 1997. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/.../1361>. Acesso em: 05 jan. 2013.

NASCIMENTO, Francineide Batista de *et alii*. Delineando a formação profissional do estudante de Arquivologia da UEPB: um estudo estatístico. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 4., 2010, Vitória. **Anais...** Vitória: ENARA, 2010.

NEGREIROS, Leandro Ribeiro; SILVA, Welder Antônio; ARREGUY, Cíntia Aparecida Chagas. Metodologia para análise, avaliação e reestruturação curricular de cursos de Arquivologia: a experiência do curso de Arquivologia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 5., 2012, Salvador. **Anais...** Salvador: CNA, 2012.

OLIVEIRA, Flávia Helena de. **A formação do arquivista na Universidade de Brasília frente às demandas profissionais e de mercado da capital federal.** (Dissertação de Mestrado). Brasília: Departamento de Ciência da Informação - CID/ Universidade de Brasília - UnB, 2010.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. O curso de Arquivologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras.** I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011, p. 251-270.

_____ ; NEGREIROS, Leandro Ribeiro; SILVA, Welder Antônio. O perfil dos alunos do curso de graduação em Arquivologia da Escola de Ciência da Informação da UFMG. In: MARIZ, Anna Carla Almeida; JARDIM, José Maria; SILVA, Sérgio Conde de Albite (org.). **Novas Dimensões da pesquisa e do ensino da Arquivologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Mobile: Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p. 251-268.

PENA, Daniel; RIDOLPHI, Wagner; INDOLFO, Ana Celeste. O perfil dos estudantes de Arquivologia da UNIRIO em 2004. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 1., 2004, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2004.

PULLIAN, J. **History of Education in America.** New York: Macmillan Publishing Company, 1991, p. 83.

RIDOLPHI, Wagner. O perfil dos estudantes de Arquivologia da UNIRIO em 2010. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 4., 2010, Brasília. **Anais...** Vitória: ENARA 2010.

RIDOLPHI, Wagner; VARGAS, Ana. O perfil dos estudantes de Arquivologia da UFF em 2010. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 4., 2010, Vitória. **Anais...** Vitória: ENARA, 2010.

RODRIGUES, Ana Célia; FIGUEIREDO, Gláucia da Rocha. O curso de Arquivologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras.** I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 409-439.

RODRIGUES, Georgete Medleg; MARQUES, Angelica Alves da Cunha; COSTA, Larissa Candida. **Arquivistas e Arquivologia:** lugares de formação, competências e exigências profissionais. In: Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6., 2005, Campos do Jordão. **Anais...**, Campos do Jordão, 2005.

ROSSEAU, Jean- Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. **A teoria arquivística a partir de 1898: em busca da consolidação, da reafirmação e da atualização de seus fundamentos**. 2011. 216 f.; Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2011.

SCHIAVON, Carmem Gessilda Burgert; SILVA, Rita de Cássia Portela da. O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 357-378.

SILVA, Mônica Ribeiro da. **Currículo e Competências: a formação administrada**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUSA, Renato Tarciso Barbosa; CANUTO, Rejane Soares. O perfil do aluno de Arquivologia da Universidade de Brasília. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 01, n. 01, p. 27-30, 2002.

_____. Os desafios da formação do arquivista no Brasil. **Arquivo e Administração**, v.9, p.22-30, 2009.

SOUZA, Kátia Isabelli Melo de. **Análisis y evolución del panorama laboral del archivero en Brasil: el Poder Legislativo Federal em escena**. 2010, 378 f. Tese (doutorado) - Universidad Carlos III de Madrid, UC3M, Espanha.

_____. **Arquivista, visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho**. Brasília: Starprint, 2011.

_____; MEDEIROS, José Mauro Gouveia de; SILVA, Luiza de Lima e; COSTA, Nathaly Rodrigues da. Mapa dos Espaços de Trabalho dos Discentes do Curso de Arquivologia da UnB: os diálogos entre a teoria e a prática. *Alexandria: Revista de Ciência de la Información*, ano VI, n. 9, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/alexandria/article/view/3916>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

SOUZA, Solange Machado de; COSTA, Rosa da Penha de. O Ensino e pesquisa em Arquivologia: perfil dos alunos iniciantes no curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo. In: MARIZ, Anna Carla Almeida; JARDIM, José Maria; SILVA, Sérgio Conde de Albite (org.). **Novas Dimensões da pesquisa e do ensino da Arquivologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Mobile: Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p. 234-250.

SZLEJCHER, Anna. Investigación y formación archivística: los nuevos desafíos. In: MARQUES, Angelica Alves da Cunha; RONCAGLIO, Cynthia; RODRIGUES, Georgete Medleg. (org.). **A**

formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras. I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 17-52.